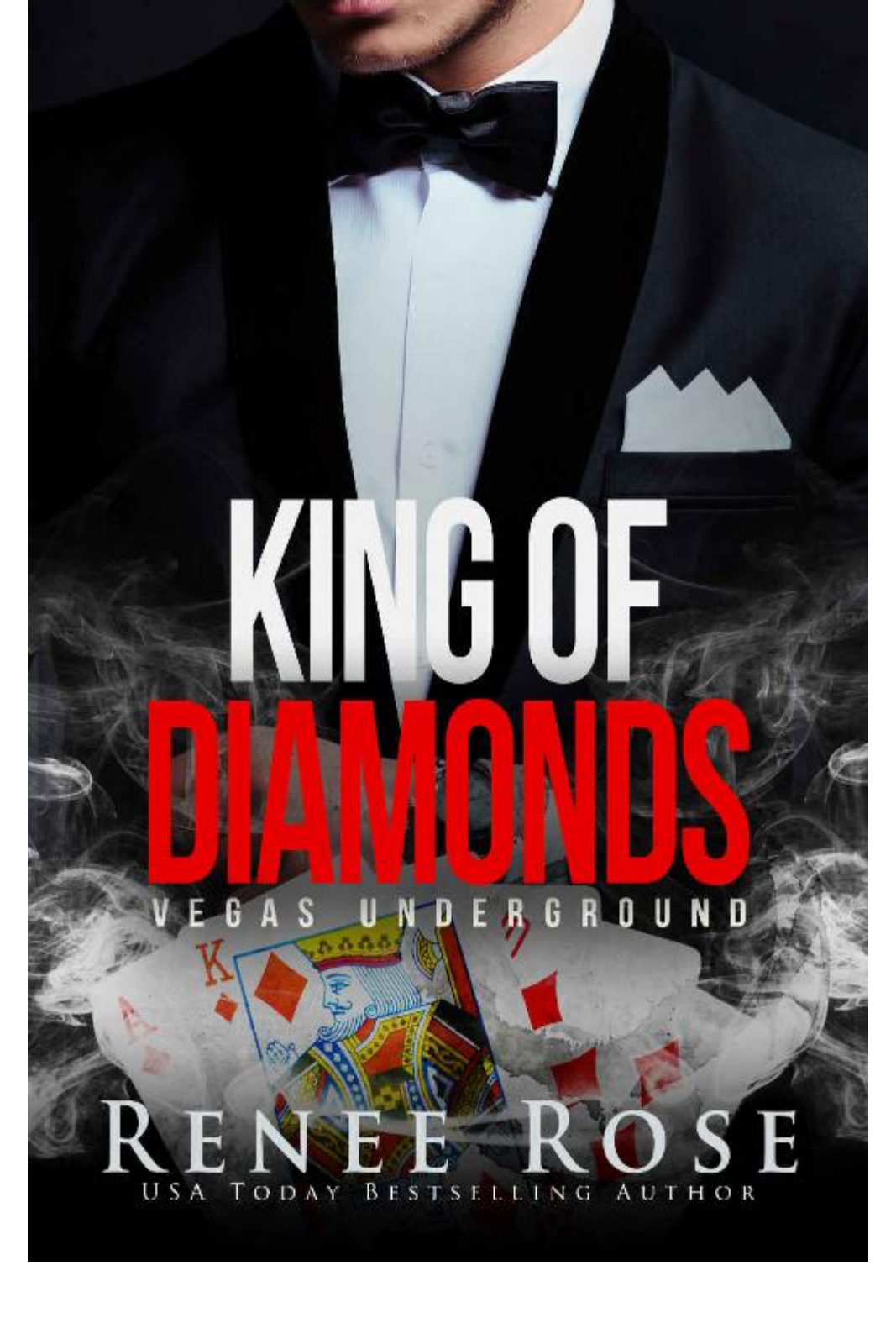


A man in a black tuxedo and white shirt with a black bow tie is shown from the chest up. He is holding a fan of playing cards, including the King of Diamonds, Ace of Diamonds, and Seven of Diamonds. White smoke or steam is rising from the cards. The background is dark.

KING OF DIAMONDS

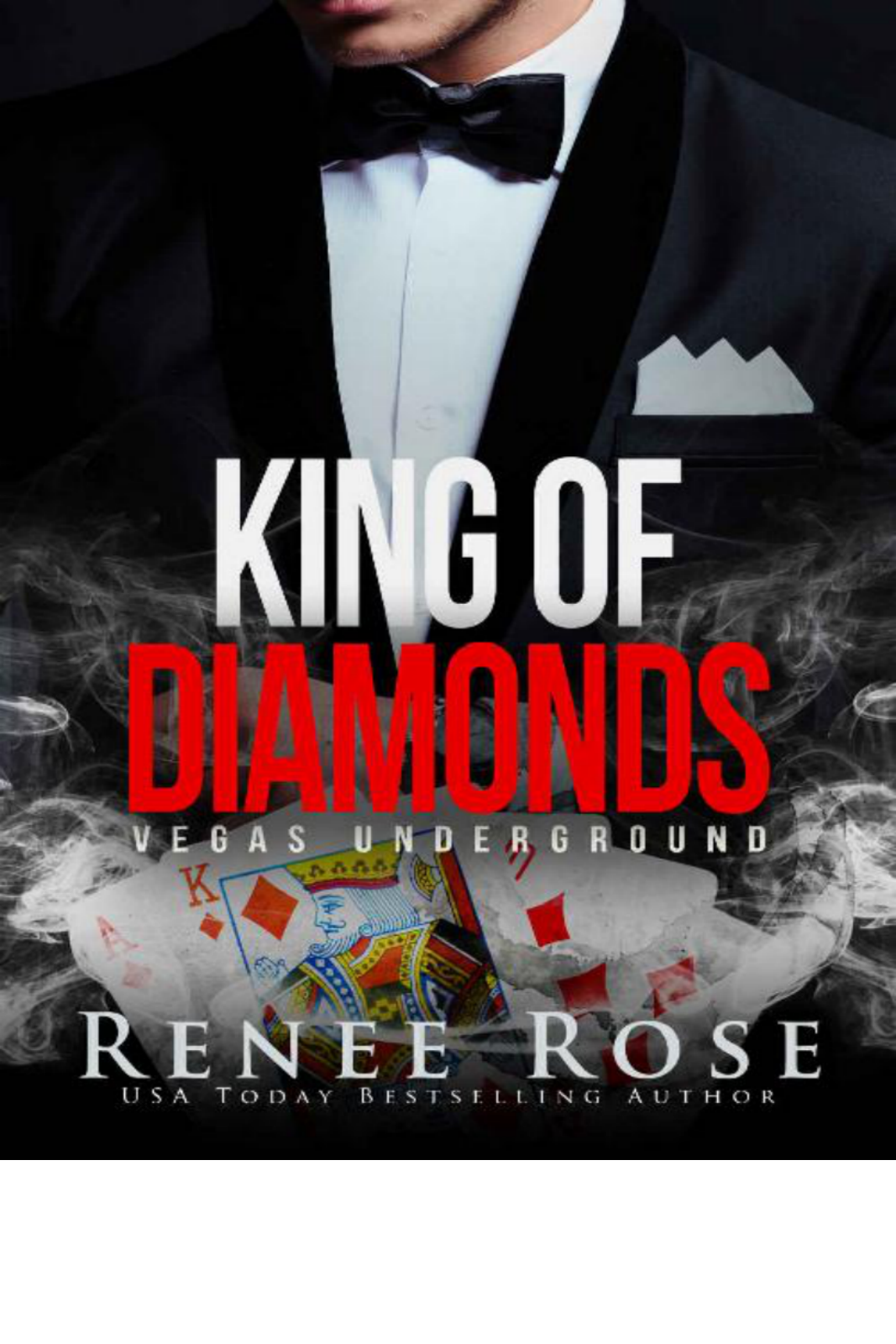
VEGAS UNDERGROUND

RENEE ROSE

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

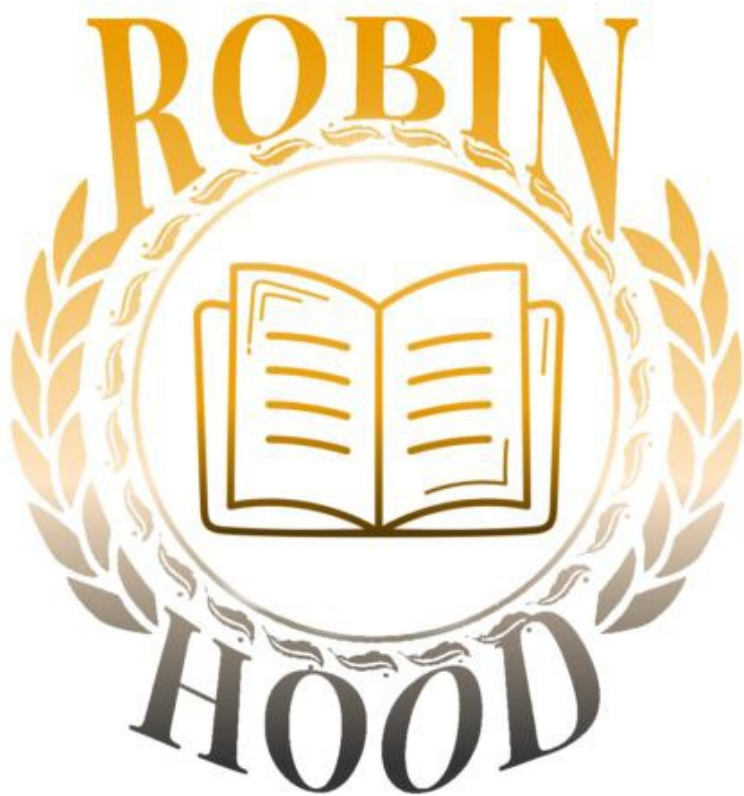
A man in a black tuxedo and white shirt with a black bow tie is shown from the chest up. He is holding a fan of playing cards, including the King of Diamonds, Ace of Diamonds, and Seven of Diamonds. Wisps of white smoke or steam are rising from the cards. The background is dark.

KING OF DIAMONDS

VEGAS UNDERGROUND

RENEE ROSE

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR



SINOPSE

EU A AVISEI.

Eu disse a ela para não pisar no meu cassino novamente. Eu disse a ela para ficar longe. Porque se eu a visse na minha suíte de novo,

Vou reivindicá-la como minha.

E uma vez que eu a faça minha, não vou libertá-la.

Eu sou o rei do Submundo de Las Vegas e eu tomo o que eu quero.

Então é melhor ela correr. Ficar bem longe do meu cassino.

Ou eu nunca vou deixá-la ir.

King of Diamonds é um romance independente da máfia da série
Vegas Underground. Sem traição, sem cliffhangers.

CAPÍTULO UM

SONDRA

Puxo para baixo a bainha do meu vestido de uniforme de limpeza de uma peça com zíper. Ele parece o Pepto Bismol¹ rosa, vem até minhas coxas e se encaixa como uma luva, abraçando minhas curvas, mostrando meu decote. Claramente, os proprietários do Bellissimo Hotel e Casino querem que suas empregadas pareçam tão gostosas quanto suas garotas de coquetel.

Eu fui com ele. Estou usando um par de saltos plataforma confortáveis o suficiente para limpar quartos, mas sexy o suficiente para mostrar os músculos das minhas pernas, preendi meu cabelo loiro na altura dos ombros em duas marias-chiquinhas fofas.

Quando em Las Vegas, certo?

Minhas amigas feministas da pós-graduação teriam um ataque com isso.

Empurro o carrinho de limpeza não tão pequeno pelo corredor da parte do grande hotel do cassino. Passei a manhã inteira limpando a bagunça das pessoas. E deixe-me dizer a você, a bagunça em Las Vegas é grande. Parafernália de drogas. Sêmen. Camisinhas. Sangue. E este é um lugar caro e de alta classe. Estou aqui há apenas duas semanas e já vi tudo isso e muito mais.

Eu trabalho rápido. Algumas das empregadas recomendam tomar seu tempo para não ficar sobrecarregada, mas ainda espero impressionar alguém no Bellissimo para me dar um emprego melhor. Portanto, vestir-se como a versão de cassino da fantasia da empregada francesa.

Embelezar-me provavelmente foi motivado pelo que minha prima Corey chama de *A voz do Errado*. Eu tenho o oposto de um sexto sentido ou voz da razão, especialmente quando se trata da metade masculina da população.

Por que outro motivo eu estaria sem dinheiro e me recuperando do festeiro que deixei em Reno? Eu sou uma mulher inteligente. Tenho um mestrado. Tinha um cargo de professora adjunta decente e um futuro brilhante.

Mas quando percebi que todas as minhas suspeitas sobre Tanner me traindo eram verdadeiras, arrumei a Subaru que dividi com

ele e parti para Las Vegas para ficar com Corey, que prometeu me arrumar um emprego negociando cartas com ela aqui.

Mas não há nenhum trabalho de crupiê disponível no momento - apenas de limpeza. Então agora estou no fundo do poço, quebrada, solteira e sem um par de rodas porque meu carro foi destruído em um atropelamento no dia em que cheguei.

Não que eu planeje ficar aqui por muito tempo. Estou apenas testando as águas em Las Vegas. Se eu gostar, vou me candidatar a empregos de professora adjunta da faculdade. Eu até considereei uma professora substituta no ensino médio, uma vez que tenho as rodas para me locomover.

Se eu conseguir um emprego de crupiê, porém, aceitarei porque o dinheiro seria três vezes o que eu ganharia no sistema público de ensino. O que é uma tragédia a ser discutida em outro dia.

Volto para a área principal de suprimentos, que funciona como escritório do meu chefe, carrego meu carrinho na sala de limpeza, empilhando toalhas e saboneteiras em fileiras organizadas.

— Ah, pelo amor de Deus. — Marissa, minha supervisora, enfia o telefone no bolso do vestido de arrumadeira. Uma gostosa de quarenta e dois anos, ela preenche o dela em todos os lugares certos, fazendo com que pareça um vestido que ela escolheu usar, em vez de um uniforme. — Tenho quatro pessoas doentes hoje. Agora eu mesma tenho que ir fazer as suítes dos chefes. — ela resmunga.

Eu me animei. Eu sei, isso é *A Voz do Errado*. Tenho um fascínio mórbido por tudo mafioso. Tipo, eu assisti todos os episódios de *Os Sopranos* e memorizei o roteiro de *O Poderoso Chefão*.

— Você quer dizer os quartos dos Tacones? Eu vou fazê-los. — É estúpido, mas eu quero um vislumbre deles. Como são os verdadeiros mafiosos? Al Pacino? James Gandolfini? Ou eles são apenas caras comuns? Talvez eu já tenha passado por eles enquanto empurrava meu carrinho.

— Eu gostaria, mas você não pode. É uma autorização de segurança especial. E acredite em mim, você não quer. Eles são super paranoicos e exigentes como o inferno. Você não pode olhar para a coisa errada sem obter uma nova. Eles definitivamente não gostariam de ver ninguém novo lá em cima. Eu provavelmente perderia meu emprego por causa disso, na verdade.

Eu deveria estar assustada, mas esta notícia só aumenta a mística que criei em minha mente em torno desses homens. — Bem,

estou disposta e disponível, se você quiser. Já terminei meu corredor. Ou eu poderia ir com você e ajudar? Fazer isso ir mais rápido?

Vejo minha sugestão penetrando em suas objeções. Interesse passa por seu rosto, seguido por mais consternação.

Adoto uma expressão esperançosa e útil.

— Bem, talvez esteja tudo bem... Eu estaria supervisionando você, afinal.

Sim! Estou morrendo de curiosidade para ver de perto os chefes da máfia. Tola, eu sei, mas não posso evitar. Quero mandar uma mensagem para Corey para contar a novidade, mas não dá tempo. Corey sabe tudo sobre meu fascínio, já que eu já a bombeei para obter informações.

Marissa carrega algumas outras coisas no meu carrinho e nos dirigimos juntas para o banco especial de elevadores - os únicos que vão até o topo do prédio e exigem um cartão-chave para acessar.

— Então, esses caras são realmente sensíveis. Na maioria das vezes eles não estão em seus quartos, então você só precisa se preocupar em ficar longe de suas mesas de escritório. — explica Marissa quando saímos do último andar público e éramos apenas nós duas no elevador. — Não abra nenhuma gaveta, não faça nada que pareça intrometido. Estou falando sério, esses caras são assustadores.

As portas se abrem e eu empurro o carrinho para fora, seguindo-a na curva até a primeira porta. O som de altas vozes masculinas vem da sala.

Marissa estremece. — *Sempre bata.* — ela sussurra antes de levantar os nós dos dedos para bater na porta.

Eles claramente não a ouvem, porque a conversa alta continua.

Ela bate de novo e a conversa para.

— Sim? — uma voz masculina profunda chama.

— Serviço de limpeza.

Esperamos enquanto o silêncio atende seu chamado. Depois de um momento, a porta se abre para revelar um cara de meia-idade com cabelos ligeiramente grisalhos. — Sim, estávamos saindo. — Ele veste o que deve ser um paletó de mil dólares. Um leve estômago

engrossa sua barriga, mas fora isso ele é extremamente bonito. Atrás dele estão três outros homens, todos vestidos com ternos igualmente bonitos, nenhum deles vestindo suas jaquetas.

Eles nos ignoram enquanto passam, retomando a conversa no corredor. — Então eu digo a ele... — A porta se fecha atrás deles.

— Uau. — Marissa respira. — É muito mais fácil se eles não estiverem aqui. — Ela olha para os cantos dos quartos. — É claro que há câmeras em todos os lugares, então não é como se não estivéssemos sendo observadas. — Ela aponta para uma pequena luz vermelha brilhando de um pequeno dispositivo montado na junção da parede e do teto. Já os notei por todo o casino. — Mas é menos estressante se não estivermos na ponta dos pés ao redor deles.

Ela sacode a cabeça pelo corredor. — Você fica com o banheiro e os quartos, eu faço a cozinha, o escritório e a sala de estar.

— Entendi. — Pego os suprimentos de que preciso no carrinho e sigo na direção que ela indicou.

O quarto está bem equipado de uma forma indefinida. Puxo os lençóis e a colcha para fazer a cama. Os lençóis têm provavelmente 3.000 fios, se é que isso existe. Isso pode ser um exagero, mas, realmente, eles são incríveis.

Só por diversão, eu esfrego um na minha bochecha.

É tão suave e macio. Não consigo imaginar como seria deitar naquela cama. Eu me pergunto qual dos caras dormiu aqui. Arrumo a cama com cantos de hospital, do jeito que Marissa me treinou para fazer, espanto e aspiro, depois vou para o segundo quarto e depois para o banheiro. Quando termino, encontro Marissa aspirando na sala.

Ela desliga e enrola o fio. — Tudo feito? Eu também. Vamos para o próximo.

Empurro o carrinho e ela bate na porta da suíte no final do corredor. Nenhuma resposta.

Ela nos digita. — É muito mais rápido ter sua ajuda. — ela diz agradecida.

Abro um sorriso para ela. — Acho que é mais divertido trabalhar em equipe também.

Ela sorri de volta. — Sim, de alguma forma eu não acho que eles aceitariam isso como uma coisa normal, mas é bom para variar.

— Mesma rotina?

— A menos que você queira trocar? Este tem apenas um quarto.

— Nah. — eu digo — Eu gosto de cama/banho. — Claro que é por causa da minha curiosidade que tudo consome. Há mais objetos pessoais em um quarto e um banheiro, não que eu tenha visto algo de interessante no último lugar. Eu não fui bisbilhotar, é claro. As câmeras em todos os cantos me deixam nervosa.

Este lugar é igual ao anterior, como se tivessem pago um decorador para mobiliá-los e fossem todos idênticos. Alto luxo, mas sem muita personalidade. Bem, pelo que entendi, a família Tacone - pelo menos os que dirigem o Bellissimo - são todos homens solteiros. O que posso esperar?

Arrumo a cama e passo a tirar o pó.

Da sala, ouço a voz de Marissa.

— O quê? — Eu chamo, mas então percebo que ela está falando ao telefone.

Ela entra um momento depois, sem fôlego. — Eu tenho que ir. — Seu rosto ficou pálido. — Meu filho foi levado ao pronto-socorro por causa de uma concussão.

— Oh merda. Vá - eu cuido disso. Você quer me dar o cartão-chave da última suíte? São três suítes neste último andar.

Ela olha em volta distraidamente. — Não, é melhor não. Você poderia simplesmente terminar este lugar e voltar para baixo? Vou ligar para Samuel para contar o que aconteceu. — Samuel é nosso chefe, o chefe de limpeza. — Não se esqueça de ficar longe da mesa do escritório.

— Coisa certa. Saia daqui. — Eu faço um movimento de enxotar. — Vá ficar com seu filho.

— OK. — Ela tira a bolsa do carrinho e a joga no ombro. — Vejo você amanhã.

— Espero que ele esteja bem. — eu digo para ela quando ela sai.

Ela lança um sorriso fraco por cima do ombro. — Obrigada. Tchau.

Pego o aspirador e volto para o quarto. Quando termino, ouço

vozes masculinas na sala.

— Espero que você consiga dormir um pouco, Nico. Há quanto tempo? — uma das vozes pergunta.

— Quarenta e oito horas. Porra de insônia.

— Boa sorte, até logo. — Uma porta se fecha.

Meu coração imediatamente bate um pouco mais rápido com excitação ou nervosismo. Sim, eu sou uma tola. Mais tarde, eu perceberia meu erro em não sair marchando e me apresentar, mas Marissa me deixa nervosa com os Tacones e eu congelo. O carrinho se destaca na sala de estar, no entanto. Decido ir ao banheiro e limpar tudo o que posso sem pegar suprimentos novos. Por fim, desisto, endireito os ombros e saio.

Chego na sala e pego três toalhas dobradas, quatro toalhas de mão e quatro panos. Com minha visão periférica, observo os ombros largos e as costas de outro homem bem vestido.

Ele olha de relance, em seguida, dá uma olhada dupla. Seus olhos escuros passam por mim, demorando-se em minhas pernas e viajando até meus seios, depois rosto. — *Quem diabos é você?*

Eu deveria ter esperado essa pergunta, mas ela me assusta de qualquer maneira. Ele parece assustador. Seriadamente assustador, ele caminha em minha direção como se estivesse falando sério. Ele é lindo, com cabelos escuros ondulados, mandíbula quadrada e barba por fazer e olhos de cílios grossos que me perfuram.

— Huh? Quem. Porra. É. Você?

Eu entro em pânico. Em vez de responder, me viro e caminho rapidamente para o banheiro, como se colocar toalhas limpas em seu banheiro resolvesse tudo.

Ele espreita atrás de mim e me segue. — O que você está fazendo aqui? — Ele derruba as toalhas das minhas mãos.

Atordoadada, eu olho para eles espalhados no chão. — Eu sou... arrumadeira. — eu ofereço sem jeito. Maldita seja minha fascinação idiota pela máfia. Este não é o maldito *Soprano*. Este é um homem perigoso da vida real, usando uma arma em um coldre sob a axila. Eu sei, porque eu vejo quando ele estende a mão para mim.

Ele agarra meus braços. — Besteira. Ninguém que se pareça com... — seus olhos percorrem meu corpo de novo... — *Você...* trabalha em tarefas domésticas.

Eu pisco, sem saber o que isso significa. Eu sou bonita, sei disso, mas não há nada de especial em mim. Sou seu tipo de garota loira de olhos azuis, do tipo baixo e curvilíneo. Não como minha prima Corey, que é alto, esguio, ruivo e lindo de morrer, com a confiança para combinar.

Há algo lascivo na maneira como ele olha para mim que faz parecer que estou ali com borlas nos mamilos e um fio dental em vez do meu vestido curto e justo de empregada. Eu jogo mudo. — Eu sou nova. Estou aqui há apenas algumas semanas.

Ele exhibe olheiras sob os olhos, me lembro do que ele disse ao outro homem. Ele sofre de insônia. Não dorme há quarenta e oito horas.

— Você está grampeando o lugar? — ele exige.

— O qu... — Eu não consigo nem responder. Eu apenas encaro como uma idiota.

Ele começa a me revistar em busca de uma arma. — Isso é um golpe? O que eles pensam - eu vou te foder? Quem te mandou?

Eu tento responder, mas suas mãos quentes deslizando sobre mim me fazem esquecer o que eu ia dizer. *Por que ele está falando sobre me foder?*

Ele se levanta e me dá uma pequena sacudida. — Quem. Enviou. Você? — Seus olhos escuros hipnotizam. Ele cheira a cassino - a uísque e dinheiro e, por baixo disso, sua própria essência fervente.

— Ninguém... quero dizer, Marissa! — Exclamo o nome dela como uma senha secreta, mas isso só parece irritá-lo ainda mais.

Ele estende a mão e passa os dedos rapidamente pela gola do meu vestido de camareira, como se estivesse procurando por algum grampo oculto. Tenho certeza de que o cara está meio fora de si, talvez delirando com a privação do sono. Talvez apenas louco. Eu congelo, não querendo provocá-lo.

Para minha surpresa, ele puxa para baixo o zíper na frente do meu vestido, até a minha cintura.

Se eu fosse minha prima Corey, filha de um agente malvado do FBI, eu daria uma joelhada nas bolas dele, arma ou não. Mas fui criada para não fazer barulho. Para ser uma garota legal e fazer o que a autoridade me diz para fazer.

Então, como uma idiota, eu apenas fico lá. Um pequeno

gemido deixa meus lábios, mas não ousa me mover, não protesto. Ele puxa o vestido justo até a minha cintura e o puxa para baixo sobre meus quadris.

Eu arranco meus braços do tecido para envolvê-los em mim.

Nico Tacone me empurra para o lado para tirar o vestido debaixo dos meus pés. Ele o pega e passa as mãos por ele, ainda procurando pelo mítico grampo enquanto eu tremo de sutiã e calcinha.

Cruzo os braços sobre os seios. — Olha, eu não estou usando uma escuta ou grampeando o lugar. — eu respiro. — Eu estava ajudando Marissa e então ela recebeu uma ligação...

— Guarde isso. — ele rosna. — Você é muito perfeita. Qual é o problema? Que porra você está fazendo aqui?

Estou confusa. Devo continuar discutindo a verdade quando isso só o irrita? Eu engulo. Nenhuma das palavras na minha cabeça parece ser a certa para dizer.

Ele pega meu sutiã.

Eu bato em suas mãos, o coração batendo como se eu tivesse acabado de fazer duas aulas consecutivas de spin. Ele ignora minha fraca resistência. O sutiã é um gancho frontal e ele obviamente se destaca em tirar a lingerie feminina porque sai mais rápido que o vestido. Meus seios saltam para fora, ele os encara, como se eu os mostrasse apenas para tentá-lo. Ele examina o sutiã, joga-o no chão e me encara. Seus olhos mergulham mais uma vez em meus seios e sua expressão fica ainda mais furiosa. — Seios de verdade. — ele murmura como se isso fosse uma ofensa punível.

Eu tento dar um passo para trás, mas eu esbarro no banheiro. — Não estou escondendo nada. Sou apenas uma empregada. Fui contratada há duas semanas. Você pode ligar para Samuel.

Ele se aproxima. Tragicamente, a ameaça endurecida em seu belo rosto apenas aumenta sua atratividade para mim. Eu realmente estou conectado errado. Meu corpo estremece com a proximidade dele, amortecendo a boceta. Ou talvez seja o fato de que ele apenas me despiu praticamente nua enquanto ele estava lá totalmente vestido. Eu acho que isso é um fetiche para algumas pessoas. Aparentemente, eu sou uma delas. Se eu não estivesse com tanto medo, seria super quente.

Ele acaricia meu traseiro, dedos quentes deslizando sobre o tecido acetinado da minha calcinha, mas ele não está me apalpando,

ele ainda está trabalhando com eficiência, verificando se há escutas. Ele desliza o polegar sob o reforço, passando o tecido por entre os dedos. Minha barriga vibra.

Oh Deus. A parte de trás de seu polegar roça minha entrada orvalhada. Eu me encolho de vergonha. Sua cabeça se ergue e ele olha para mim com surpresa, as narinas queimando.

Então suas sobrancelhas se fecharam como se isso o irritasse. Estou excitada, como se fosse um truque.

É quando as coisas realmente vão para a merda.

Ele saca sua arma e aponta para minha cabeça - na verdade, empurra o cano duro e frio contra minha testa. — *O que. Porra. Você está fazendo aqui?*

Eu me mijo.

Literalmente.

Deus me ajude.

Eu congelo e o xixi escorre pela parte interna das minhas coxas antes que eu possa impedir. Meu rosto queima com a humilhação.

Agora, a raiva e a indignação que eu deveria ter sentido desde o início se esvai. É o exato momento errado para ficar libidinoso, mas eu olho para ele. — O que há de *errado* com você?

Ele olha para o mijo no chão. Acho que ele vai... Bem, não sei o que acho que ele vai fazer - me dar uma surra ou zombar ou algo assim, - mas sua expressão relaxa e ele enfia a arma no coldre. Aparentemente, eu finalmente dei a reação certa.

Ele agarra meu braço e me arrasta para o chuveiro. Meu cérebro está dando cambalhotas tentando voltar a ficar online. Para descobrir o que diabos está acontecendo e como posso me livrar dessa situação muito louca e fodida.

Tacone estende a mão e abre a água, segurando a mão sob o jato como se fosse verificar a temperatura.

Meu cérebro não voltou a funcionar, mas luto com seu aperto em meu braço.

Ele o solta e mantém a palma da mão voltada para fora. — Tudo bem. — diz ele. — Entre. — Ele tira a mão do chuveiro e aponta a cabeça para o jato. — Lave.

Ele vem comigo? Ou isso é realmente apenas para lavar?

Foda-se. Eu *sou* uma bagunça. Eu tiro meus sapatos e entro, de calcinha e tudo.

Não sei quanto tempo fico ali, me afogando em estado de choque. Depois de um tempo, eu pisco e a consciência volta. Então eu surto. O que diabos está acontecendo? O que ele vai fazer comigo? Eu realmente fiz xixi no chão dele? Quero morrer de vergonha.

Controle-se, Sondra.

Jesus Cristo. O chefe da máfia que está do outro lado da cortina do chuveiro pensa que sou um narcotraficante. Ou um espião ou rato - como quer que o chamem. E ele apenas me tirou a roupa e apontou uma arma para minha cabeça. As coisas só poderiam piorar a partir daqui. Um soluço sobe em minha garganta.

Não chore. Não é uma boa hora para chorar.

Eu tropeço contra a parede de azulejos, minhas pernas muito elásticas para ficar de pé. Lágrimas quentes escorrem pelo meu rosto e eu fungo.

A cortina do chuveiro se abre bem perto do meu rosto e me afasto. Eu não sabia que ele estava do lado de fora.



NICO

Minchia. Merda.

Minhas dúvidas remanescentes sobre a garota evaporam quando a ouço chorar. Se eu cometi um erro, foi um grande erro. Porque sinceramente não quero ter que explicar ao meu chefe de RH por que despi uma de nossas funcionárias e apontei uma arma para a cabeça dela. *No meu banheiro.*

Eu fui seriamente ao fundo do poço desta vez. A insônia está fodendo comigo, me deixando paranoico e com coceira. Preciso trazer meu irmãozinho Stefano aqui para me ajudar a administrar o lugar para que eu possa dormir pelo menos uma hora por noite. Ele é o único em quem confio.

— Ei. — Eu deixo minha voz mais suave. A garota está de pé sob o spray de água, encharcando suas marias-chiquinhas Harley Quinn e a calcinha de cetim azul claro que ela ainda está usando.

Foda-se se eu não quero arrancá-las dela e vir o que está por baixo.

Tenho certeza de que ela está em choque, quem poderia culpá-la? Eu aterrorizo meus funcionários nos meus melhores dias e isso sem arrancar suas roupas e mostrar uma arma.

Seu peito estremece quando ela solta um soluço silencioso e isso fica sob minha pele, da mesma forma que sua fungada. De alguma forma, não acho que federais disfarçados ou qualquer tipo de profissional faria xixi no chão e choraria no meu chuveiro. Então sim. Eu realmente fodi tudo aqui.

Passo por ela e fecho a água, molhando toda a manga do meu paletó no processo. — Ei, não chore.

Um homem melhor poderia se desculpar, mas até que eu tenha cem por cento de certeza de que não há nada errado aqui, eu mantenho isso dentro. Abro a cortina do chuveiro e a puxo para fora para ficar em pé no tapete do banheiro enquanto envolvo uma das toalhas do chão ao seu redor. Como ela ainda parece estar em estado de choque, prendo meus polegares no cós de sua calcinha molhada e a puxo por suas pernas trêmulas. Não devo ser tão depravado quanto penso, porque de alguma forma consigo não olhar para o que ela guarda embaixo delas quando me abaixo para um agachamento e seguro seu tornozelo para ajudá-la a sair do tecido pingando.

Eu os joga na lata de lixo. Mais cedo, joguei uma toalha sobre o local onde ela fez xixi, e seus olhos dispararam para lá agora.

Eu sei que ela deve estar completamente humilhada por isso, mas a verdade é que ela não é a primeira pessoa que eu fiz mijar. Acho que ela é a primeira mulher. A única que sinto muito por ter assustado.

Ela está tentando abafar os soluços, o que, é claro, apenas os transforma em roncos e suspiros sufocados. Agora eu realmente me sinto como um idiota de primeira classe.

— Ah, *bambina*². — Eu agarro as duas pontas da toalha e a puxo contra mim. Sua pele molhada umedece meu traje, mas tudo em que consigo pensar é em como sua forma exuberante e nua é macia contra meu corpo. A exaustão em meus membros diminui, apagada pelas chamas do desejo ardente. — Shh. Você está bem.

Ela treme contra mim, mas seus soluços são silenciosos.

— Eu machuquei você?

Ela balança a cabeça, suas marias-chiquinhas molhadas espirram uma gota de água na minha bochecha. Seu olhar segue para ela. Uma seção solta na frente cai sobre os olhos.

Eu mudo meu aperto na toalha para uma mão e uso a outra para afastar o cabelo de seu rosto. — Você está bem. — repito.

Ela pisca para mim com olhos azuis de cílios longos. Adoro tê-la de perto e cativa onde posso estudá-la melhor. Ela é tão bonita quanto eu pensei inicialmente, com pele de porcelana e maçãs do rosto salientes. Não é apenas a beleza que a torna especial. Há alguma outra qualidade que a faz parecer tão deslocada aqui. Uma inocência de cara nova. No entanto, ela não é excessivamente ingênua ou jovem. Ela também não é burra. Eu não posso colocar meu dedo nisso.

Não a solto. Eu não quero. O calor de seu corpo irradia através de minhas roupas úmidas e enche minha mente com os pensamentos mais sujos. Se eu fosse um cavalheiro, sairia da sala e a deixaria se vestir, mas não sou. Sou um babaca com um hotel-cassino para administrar.

E ainda não sei quem diabos é essa garota ou como ela foi parar na minha suíte. E sério, cabeças vão rolar por isso. Ainda mais porque a menina sofreu por isso.

Certo. Se meu cérebro estivesse funcionando melhor, eu poderia reconhecer que sou o único que pode assumir a culpa por essa parte, especialmente porque ainda a estou segurando nua e cativa.

— É só uma garota que se parece com você normalmente não limpa quartos em Las Vegas. — ofereço como a desculpa mais esfarrapada de todas. É verdade, no entanto. Tenho certeza que existem mais garotas como ela por aí. Mas não as vejo por aqui. Tudo o que vejo são as traficantes de peitos falsos tentando trabalhar em algum ângulo. As profissionais. Mulheres que usam seus corpos como armas. E não tenho nenhum problema com elas. Fico feliz em usar seus corpos também.

Mas esta... ela é diferente.

Seus lábios cheios de amoras se abrem, mas ela não diz nada.

Eu não posso manter minhas mãos para mim. Corro meu

polegar em seu lábio inferior, traço-o para frente e para trás sobre a carne carnuda.

Suas pupilas dilatam, me encorajando a continuar tocando.

— Uma garota como você geralmente está no palco – algum tipo de palco – mesmo que seja apenas um clube de cavalheiros.

Seus olhos se estreitam, mas eu não me calo.

— Garota como você poderia ganhar uma tonelada de merda vendendo a si mesma. — Maria, Rainha da Paz, quero beijar a menina. Eu abaixo meus lábios, mas consigo parar acima dos dela. Um beijo definitivamente não seria bem-vindo. Posso ser um idiota assustador, mas não me imponho às mulheres. — Você sabe quanto um cara como eu pagaria por uma noite com você?

Desta vez eu realmente fui longe demais. Ela tenta se afastar de mim. Eu não a solto, mas levanto minha cabeça. Ela aperta os lábios um momento antes de dizer: — Posso ir?

Eu recuo, mas balanço a cabeça. — Não. — É uma sílaba decisiva, curta e concisa.

Ela se encolhe. As pupilas dilatadas voltam ao medo. Eu não gosto dela com medo tanto quanto gosto dela tremendo e macia, aberta para mim, do jeito que ela era um momento atrás. É uma distinção sutil, porém, porque eu amo a posição de poder de tê-la aqui, à minha mercê.

— Eu ainda preciso de algumas respostas. — Eu a levo para o balcão da pia, então a pego pela cintura e coloco sua bunda nua no tampo de mármore frio. As abas da toalha se abrem quando a solto, dou outra olhada em seus seios fartos e perfeitos enquanto ela se esforça para encontrar os cantos e fechá-la.

Eu balanço minha cabeça para limpar a nova onda de luxúria disparando através de mim. Meu pau ficou duro como pedra. Sou um homem acostumado a conseguir tudo o que quero, o que geralmente inclui mulheres. O fato de esta não estar disponível me faz desejá-la ainda mais. — Sério. — murmuro. — Eu pagaria cinco dígitos por uma noite com uma garota como você. — Mesmo enquanto digo isso, sei que nunca a desejaria desse jeito. Eu gostaria de persuadir a boa vontade dela.

E esse é o meu pensamento mais estranho até agora. Porque eu nunca, nunca passo tempo namorando.

— Eu não sou uma prostituta. — ela estala, os olhos azuis

brilhando.

Sua raiva me puxa para fora da minha fantasia de privação de sono. Pisco várias vezes. — Eu sei. Só estou dizendo que você poderia ganhar muito dinheiro nesta cidade.

Eu balanço minha cabeça. Que porra estou dizendo? Não quero que essa garota se torne uma dessas mulheres.

E ela só quer dar o fora daqui. Então preciso voltar ao meu interrogatório.

— Quem é você e por que está aqui?

Ela puxa uma respiração instável. — Meu nome é Sondra Simonson. Minha prima, Corey Simonson, trabalha aqui como crupiê de cartas. Ela me arranhou esse emprego de faxineira enquanto espero algo melhor aparecer. — Ela fala rapidamente, mas não soa ensaiada. E tem detalhes suficientes para soar verdadeiro. — Marissa é minha chefe e me ofereci para ajudá-la a limpar os quartos aqui porque os funcionários regulares estão doentes. O filho dela teve uma concussão e ela teve que me deixar aqui sozinha. Tudo o que fiz foi limpar. — Ela levanta o queixo, embora seu pulso vibre em um ritmo frenético em seu pescoço.

Espero que ela continue, não porque ainda esteja tão desconfiado, mas porque gosto de ouvi-la falar.

Ela balbucia: — Acabei de me mudar de Reno para cá... ensinei história da arte no Truckee Meadow Community College.

Inclino a cabeça, tentando assimilar essa nova informação. Isso só aumenta o erro dessa garota estar no meu quarto. — Por que uma professora de história da arte está trabalhando como empregada doméstica no meu hotel?

— Porque eu tenho um péssimo gosto para homens. — ela deixa escapar.

— Isso é certo? — Eu tenho que trabalhar para não sorrir. Inclino meu quadril contra o balcão entre suas coxas abertas. Quando ela cora, eu sei que ela deve estar pensando em quão perto sua boceta nua está da parte de mim mais ansiosa para tocá-la.

Estou ainda mais fascinado por esta adorável criatura agora. Por que tipo de cara uma professora de história da arte se apaixona?

Ela engole e acena com a cabeça. — Sim.

— Você segue um cara aqui?

— Não. — Ela solta a respiração com um suspiro. — Eu desisti de um. Acontece que tínhamos um interesse não compartilhado pelo poliamor.

Eu levanto uma sobrancelha. Ela está me estudando de volta, seus olhos azuis inteligentes agora que o medo está passando.

— Vamos apenas dizer que encontrá-lo transando com três garotas em nossa cama ficará para sempre gravado em minha mente. Então... — ela dá de ombros — ...Peguei nosso carro e vim para Las Vegas. Mas o carma me pegou porque foi totalmente perdido quando cheguei.

— Como é esse o seu carma?

— Porque metade daquele carro pertencia a Tanner e eu o roubei.

Eu dou de ombros. — De quem era o nome no título?

— Meu.

— Então é o seu carro. — eu digo, como se eu fosse o cara que toma a decisão final sobre todas as coisas a ver com o ex dela. — Então isso ainda não explica por que você está no meu banheiro.

Ou talvez tenha. Meu cérebro ainda está em curto-circuito por falta de sono. A verdade é que provavelmente não quero deixá-la ir. Eu gostaria de prendê-la em meu quarto e interrogá-la com meu chicote de couro a noite toda. Eu me pergunto como essa pele pálida ficaria com as impressões de minhas mãos.

Demais, Tacone. Eu tento puxar para trás. O banheiro nada e mergulha enquanto minha visão se arrasta. Porra, eu preciso dormir.

Ela pisca rapidamente. — Porque você não vai me deixar sair?

Eu tinha razão. Ela é inteligente.

Os cantos da minha boca se contorcem.

— O serviço de limpeza é o único lugar onde eu poderia conseguir um emprego em cima da hora. Prefiro trabalhar como crupiê. Acha que pode me ligar? — Agora ela está ficando atrevida.

Engraçado, não tenho vontade de derrubá-la como costumo fazer com os funcionários. A menos, é claro, que a envolva nua e à minha mercê.

Oh sim. Eu já configurei isso.

Mas a sugestão de ela trabalhar como crupiê me irrita pra caralho. Não sei se é porque ela estaria arruinada por Las Vegas em um mês, ou porque eu realmente quero mantê-la no meu quarto. Limpando meu chão. Nua.

— Não.

Ela se encolhe porque digo a palavra com muita força. Definitivamente, estou tendo dificuldade em modular meu comportamento. Mas ela apenas dá de ombros. — Bem, isso é temporário, de qualquer maneira. Só até eu ganhar o suficiente para comprar um carro novo e encontrar um emprego de professora.

Ok, mesmo não confiando nos meus instintos, acho que ela é quem diz ser. O que significa que não tenho nenhum bom motivo para mantê-la prisioneira aqui. Dou um passo para trás e faço outra longa leitura dela agora que sei mais sobre ela. Seriadamente. Eu quero ficar com ela.

Mas considerando as coisas que acabei de fazer com ela, ela provavelmente vai desistir assim que sair da minha suíte. Aponto para o vestido amassado e o sutiã no chão. — Se vista.

Antes de fazer ou dizer qualquer coisa que traumatize a garota, saio do banheiro, fechando a porta atrás de mim.

CAPÍTULO DOIS

SONDRA

Bem. Isso foi interessante. Meus joelhos vacilam quando me levanto. O que ele vai fazer agora? Estou livre para ir? Eu coloco minhas roupas com as mãos trêmulas e fecho meu vestido até o fim, mesmo que ele já tenha visto meus seios.

A calcinha molhada está na lixeira, então eu vou sem.

Eu decido que o melhor curso de ação é manter minha cabeça erguida e marchar para fora dali. Porque de jeito nenhum vou ficar por aqui para terminar de limpar sua suíte depois do que acabou de acontecer. Agarro a maçaneta e respiro fundo. Agora ou nunca.

Ele está parado no corredor em frente ao meu carrinho, falando ao celular. Bloqueando minha saída.

Droga.

Recupero o fôlego de novo com o quão sexy e assustador ele parece - a maneira deliciosa como ele preenche o terno caro, seu cabelo escuro e grosso que encara cola nas bordas, os olhos escuros penetrantes.

Ele encerra a ligação e deixa o telefone cair no bolso do terno. — Sua história foi confirmada, pelo menos por enquanto. Vou cavar mais. — Seus olhos escuros brilham, mas a ameaça que senti antes desapareceu.

Eu endireito minhas costas, o que atrai seu olhar para os meus seios. — Você não vai encontrar nada.

Os cantos de sua boca se curvam levemente. Ele me observa como um leão observa a presa. Com fome. Seguro de si. Ele balança a cabeça, quase com pesar. — Garota que se parece com você... não deveria estar limpando quartos. — ele murmura.

Eu passo por ele, dando-lhe um amplo espaço. — Sim, você disse isso antes.

O cara simplesmente me *violou* totalmente. Me despiu e me viu fazer xixi no chão. Eu preciso dar o fora daqui e nunca mais voltar. Esqueça trabalhar para a máfia. Eu tenho uma vida que vale a pena viver... em outro lugar. Em algum lugar longe de Vegas.

Empurro o carrinho, embora nunca tenha terminado de limpar o banheiro. *Apenas dê o fora daqui, Sonda.*

— Espere. — ele rosna. — Deixe o carrinho. Tony vai levar você para casa.

Uma batida soa na porta e um cara enorme com um fio no ouvido entra. A julgar pela protuberância nas laterais, ele carrega tanto calor quanto Tacone.

Porra, porra, porra.

Eu dou um passo para trás, balançando a cabeça. *Oh infernos, não.* Não vou entrar em um carro com esse cara para que ele atire na minha cabeça e me jogue de um píer. Ok, não há cais em Las Vegas. A Represa Hoover, então. Eu não sou tão estúpida.

— Relaxe. — Tacone deve ter visto o sangue escorrer do meu rosto. — Você vai chegar em casa com segurança. Você tem minha palavra. — Espere só um minuto. Ele sai da sala e entra em seu escritório.

Pego minha bolsa no carrinho de arrumação. — E-eu só vou pegar um ônibus. — eu grito atrás dele e sigo em direção à porta, esperando passar por Tony. — É o que eu costumo fazer.

Tony não se move de sua posição na frente da porta.

— *Você não vai pegar a porra do ônibus.* — Tacone soa tão assustador que paro no meio do caminho. Ele volta segurando um envelope, que entrega a Tony e murmura algo que não ouvi. — Vá com Tony. — É um comando, não uma opção. Tony fica lá com cara de pedra o tempo todo. Agora, ele levanta o queixo para mim.

Ando até a porta, tremendo como uma folha. Tony abre, me conduz e fecha novamente. Lanço um olhar para o homem musculoso ao meu lado. Tony deixa cair uma enorme pata na minha nuca. — Você está bem.

Seramente? Esse cara se preocupa com o meu bem-estar?

Ele me conduz para dentro do elevador. — Você está machucada? Ou apenas com medo?

Cada pedacinho do meu corpo treme. — Estou bem. — Eu pareço mal-humorado. Eu me posiciono o mais longe possível dele, cruzando os braços sobre o peito.

Tony franze a testa para mim. O elevador desce. — O chefe

não é ele mesmo. Ele não... — A carranca se aprofunda. — Ele forçou você?

Ok, isso é meio fofo. Esse cara realmente está me checando. Mas ele trabalha para Tacone, chefe da família do crime, então não sei por que ele está perguntando. — O que você faria se eu dissesse sim?

Uma fúria sombria toma conta do rosto do cara. Ele dá um passo em minha direção. — Foi isso que aconteceu? — O perigo tinge os cantos de sua voz.

Eu balanço minha cabeça. — Não. Não como você está pensando. — Eu desvio o olhar. — Isso não. Algo mais. — Eu não olho, mas posso sentir seu olhar furioso ainda repousando sobre mim.

— O que você teria feito se eu dissesse sim? — Eu pergunto novamente. Suponho que minha curiosidade mórbida sobre todas as coisas da máfia leva à pergunta repetida.

Ele aperta os lábios e retoma uma postura de soldado. Seu sinal de que não vai atender.

Quando o elevador abre, eu corro para a frente, ziguezagueando na multidão de jogadores. De alguma forma, ele fica bem atrás de mim. A mão carnuda cai na minha nuca novamente. — Desacelere. Tenho ordens para levá-la para casa.

— Eu não preciso de uma carona. Vou pegar o ônibus... sério.

Ele não tira a mão, mas a usa para me guiar no meio da multidão, que se abre para seu grande corpo e maior presença. — Eu não vou bater em você, se é isso que você pensa.

Eu balanço minha cabeça. Não posso acreditar que estamos tendo uma conversa em que *bater* em alguém está envolvido.

— Bom saber. — É tudo que pareço capaz de dizer.

Ele me leva para outro elevador – um privado que ele usa seu cartão-chave para entrar. Chegamos ao andar mais baixo, que parece ser o estacionamento privativo. Ele me leva até uma limusine e abre a porta de trás para mim.

— Nós vamos nessa? — Talvez ele realmente não vá me matar. Eu olho em volta para os outros carros lá. Limusines, Bentleys, Porsches, Ferraris. Fileiras e mais fileiras de carros luxuosos ocupavam as vagas. *Uau.*

Tony sorri como se achasse que eu sou uma gracinha. — Sim. Entre.

— Você é tão mandão quanto seu chefe. — murmuro e ele sorri.

Eu faço o que ele diz. Ainda não tenho cem por cento de certeza se isso é uma sentença de morte ou não, mas posso respirar com mais firmeza agora.

Ele não pede meu endereço, mas dirige direto para a casa de Corey e para na calçada em frente à casa. Um arrepio percorre minha espinha.

Tacone certamente havia me verificado. Essa é outra maneira de ele jogar seu peso? Mostrando que sabe onde moro e como me encontrar?

Ou isso é realmente uma cortesia?

Abro a porta assim que o carro para.

— Espere. — A voz profunda de Tony não tem o mesmo efeito que a de Tacone. Eu não congelo. Em vez disso, corro para a porta. — Eu disse, espere. — ele grita, ouço a batida de sua porta. — Sr. Tacone queria que eu lhe desse algo.

Espero que não seja uma bala entre os olhos. Procuro minhas chaves.

Não, estou sendo idiota. Ele me levou para casa. O cara não vai me matar. Eu me viro e o vejo correr pela calçada. Ele puxa o envelope que Tacone lhe entregou do bolso do paletó e o entrega para mim. Meu nome rabiscado na frente em uma impressão fina e organizada. Por alguma razão, estou surpresa com a beleza da caligrafia de Tacone.

Eu desenho uma respiração instável. — É isso?

Os olhos de Tony se enrugam. — Sim, é isso.

Eu engulo. — Ok. Obrigada.

Ele sorri e se afasta sem outra palavra.

Minhas mãos tremem enquanto coloco a chave na fechadura.

Acabou. Um dia ruim, nada mais. Nunca mais preciso voltar lá. Sim, eles sabem onde moro, mas me levaram para casa sã e salva. Nada mais virá disso. Tive meu gostinho da máfia, como eu queria.

Amanhã começarei a me candidatar a um emprego normal. Um que não envolva personagens obscuros do submundo com mãos enormes e quentes e olhos escuros penetrantes. Um sem armas, ou o tilintar das moedas nas máquinas caça-níqueis.

Um sem Tacone.



SONDRA

Dean, o namorado de Corey, está sentado no sofá assistindo TV. — Oi, Sondra. — Ele parece um pouco feliz demais em me ver.

Meu estômago aperta, a consciência do meu estado sem calcinha aumentando. O cara tem o hábito de olhar de soslaio para mim, tenho medo que ele de alguma forma descubra que não há nada sob meu vestido muito curto.

— Ei. — murmuro.

Ele me dá uma varredura de cima a baixo de seus olhos, demorando-se muito em meus seios. — E aí?

De jeito nenhum eu vou contar a ele sobre o meu dia louco. Corey, sim, mas não ele. Infelizmente, eu não tenho meu próprio quarto – eu caí no sofá deles – então não havia onde me esconder. Ganhar o suficiente para colocar o depósito em minha própria casa é minha primeira prioridade, mesmo em vez de comprar um carro que ande.

Vou até a minha mala no canto e pego uma muda de roupa antes de me trancar no banheiro. Só então percebo que ainda agarro o envelope do Sr. Tacone. Enfio o polegar sob a aba e abro. Seis notas de cem dólares novinhas deslizam para fora com uma nota de papel.

Prendo a respiração. Para alguém que praticamente faliu, comendo nada além de macarrão instantâneo durante a faculdade e a pós-graduação, é muito dinheiro. Eu tinha bolsas de estudos e estágios na faculdade, mas isso ainda me colocava abaixo do nível de pobreza. O ensino adjunto também não pagou exatamente as contas.

O bilhete está escrito com a mesma caligrafia elegante do envelope.

Desculpe por assustar você. O dinheiro não resolve tudo, mas às vezes ajuda. Espero que volte ao trabalho amanhã.

— NICO

Meu coração dispara. *Nico*. Ele assinou seu primeiro nome? E pediu desculpas. Não pessoalmente, mas ainda assim, é um pedido de desculpas.

Espero que volte ao trabalho amanhã.

A imagem de seu rosto inclinado a apenas alguns centímetros do meu enquanto ele agarrava a toalha que me prendia contra ele passa pela minha mente. Meus joelhos ficam fracos. Ele quer que eu volte?

Ele adivinhou corretamente que eu planejava desistir e nunca mais colocar os pés naquele lugar. Eu me abano com as notas de seiscentos dólares. Algumas pessoas teriam uma moral elevada. Diga que elas não o deixariam comprar seu silêncio ou obediência ou o que quer que seja. Mas eu não. Ele tem razão. O dinheiro percorre um longo caminho para consertar as coisas.

Ainda assim, o idiota apontou uma arma para minha cabeça. E me despiu. E eu fiz xixi. Foi o momento mais humilhante de toda a minha vida.

Mas minha sensação de violação desaparece quando me lembro da maneira como ele também me empurrou no chuveiro, me enxugou e murmurou, *você está bem*.

Eu encaro o dinheiro. Seiscentos dólares mais perto de sair do sofá da minha prima e ir para a minha própria casa. Seiscentos dólares mais perto de conseguir outro carro. Posso comprar mantimentos e pagar à minha prima pelo que ela já me ajudou.

Talvez não me matasse aparecer no trabalho amanhã. Sim, foi totalmente humilhante, mas provavelmente nunca mais verei o cara. Isso me pouparia do trabalho de encontrar um novo emprego provisório enquanto resolvo minha vida.

Eu expiro lentamente, tentando apagar a visão de Tacone afastando meu cabelo do meu rosto, seu olhar penetrante. Eu não vou ter que vê-lo novamente. E isso é bom. Definitivamente uma coisa boa.



NICO

Sondra Simonson. É o nome verdadeiro dela. Pedi ao segurança para puxar tudo o que encontrarem sobre ela e me trazer o arquivo. Junto com o feed de vídeo da nossa interação.

Acontece que Samuel, o chefe de limpeza, já demitiu Marissa, a chefe de Sondra, por deixá-la na minha suíte, mas eu mesmo liguei para ele para dizer que está tudo bem.

E para solicitar que Sondra substitua a empregada regular da suíte de cobertura.

Porque se ela não desistir, eu definitivamente a quero no meu quarto de novo.

Nua.

De preferência nua e disposta desta vez, mas eu seria um maldito mentiroso se dissesse que não gosto dela um pouco assustada. Havia algo tão atraente na maneira como ela tremia e ficava excitada quando eu a despia.

Ou eu tinha imaginado isso?

Vou descobrir em breve. Onde está aquele maldito feed de vídeo? Eu sou como um drogado esperando por seu próximo sucesso. Mal posso esperar para ver o vídeo dela. Vou foder minha mão a noite toda com a visão de seus lábios carnudos e grandes olhos azuis decorando minha tela.

Uma batida soa na porta. — É o Tony. — A voz profunda do meu braço direito ecoa pela porta.

— Sim?

— Eu a deixei lá. — Ele entra e me dá um olhar cuidadoso. Eu sei que ele não veio aqui só para me dizer isso. Ele veio para descobrir o que diabos aconteceu. Por que mandei a empregada para casa molhada e assustada.

Ele está preocupado comigo. Meu estado mental está começando a desmoronar com a incapacidade de dormir. Ele é muito esperto para sair e me perguntar o que aconteceu. Ele sabe que eu

diria a ele para cuidar da própria vida. Mas ele fez carreira ficando ao meu redor em silêncio, servindo como meu guarda-costas, tornando-se disponível quando eu sinto vontade de confiar.

Ele não é da família. Ele nem é italiano. Ele é apenas um cara grande e leal de Cicero que decidiu que eu era o cara que ele iria seguir nas entranhas do inferno. Eu acho que você poderia dizer que ele é a coisa mais próxima que eu tenho de um amigo.

Se um Taccone realmente tiver um amigo.

— Ela é nova. Eu pensei que ela parecia estranha, então eu a revistei.

Um músculo na mandíbula de Tony se contrai, mas ele não diz nada. Tony é absolutamente um defensor das mulheres. Sua mãe foi muito abusada por seu pai e ele ainda está ansioso para igualar o placar com qualquer cara que maltrata uma mulher. Provavelmente até, se fosse o caso, eu.

Mas não costumo ter o hábito de maltratar as mulheres.

Este foi um caso especial.

Franzo os lábios e dou de ombros. — Eu também posso ter apontado uma arma para a cabeça dela enquanto a questionava. — Eu digo a ele no caso de haver alguma bagunça que precisamos limpar da precipitação. Espero que Sondra não crie confusão. Não acho que ela vai.

E, por alguma razão, isso me incomoda demais.

Eu tenho um péssimo gosto para homens.

Inteligente, bem-educada, uma gostosa como ela, não deveria andar por aí com esse efeito fatal que a coloca em perigo. Especialmente não em Las Vegas.

Exceto que provavelmente foi aquele gosto terrível que a tornou flexível e gostosa em meus braços também. Aqueles mamilos incríveis endureceram, aquela boceta ficou molhada para mim. E eu nem estava dando em cima dela. Estava lidando com ela como um lunático demente.

Porra.

Tony enfia as mãos nos bolsos. — Jesus, Nico. A falta de sono deixa você paranoico.

— Eu sei. — Eu corro minha mão pelo meu cabelo.

— Você precisa pegar alguma coisa. Você já experimentou as drogas?

Tenho uma prateleira cheia de remédios que deveriam me ajudar a dormir, mas ou não funcionam ou não gosto da maneira como me fazem sentir depois. Não que eu goste do delírio em que estou agora. — Não. Acho que vou conseguir dormir esta noite.

— Isso é o que você disse ontem à noite.

Olho pela parede de janelas que compõem minha suíte na cobertura. — Então você a trouxe para casa? Ela estava bem?

— Ela foi arisca. Você a pagou?

As palavras pagar a ela deixaram meus dentes tensos, mesmo que seja exatamente o que eu fiz. Ainda assim, soa tão sórdido quando associado a ela. É a mesma razão pela qual não quero vê-la negociando no meu andar. Ela não deveria ser manchada por toda a merda que acontece neste hotel-cassino.

Ela não deveria ser sujada por mim.

Pena que eu quero sujá-la de todas as maneiras possíveis.

Se eu fosse um homem melhor, faria questão de que nossos caminhos nunca mais se cruzassem. Mas eu não sou. Não sou um bom homem. Eu a coloquei de volta na cova do leão.

Vou ter que esperar até amanhã para ver se ela é tão esperta quanto parece e jura nunca mais colocar os pés neste lugar.



SONDRA

Eu tomo um banho e saio do banheiro, sem surpresa ao encontrar Dean à espreita do lado de fora, ostensivamente na cozinha. Ainda não descobri como dizer a Corey que acho o namorado dela um babaca traçoeiro e lascivo. Eu não tenho nenhuma prova - apenas o jeito que ele olha para mim e parece muito mais interessado em falar comigo ou sair quando estamos sozinhos.

Considerando que sou um ímã para trair namorados ruins, conheço a vibe.

Normalmente tenho o hábito de não estar por perto quando Dean está na casa sem Corey, mas o cara de Tacone me levou para casa rápido demais. Eu tento fazer o melhor disso. — Ei, Dean. Você quer me levar ao supermercado? Eu fui paga hoje. — *Por ser revistada.*

Desta vez, quando a memória das grandes mãos quentes do Sr. Tacone - Nico - vagando pelo meu corpo voltou, o medo se foi. Uma breve fantasia pisca em minha mente - ele tirando minha calcinha pelas minhas pernas por um motivo diferente...

Você sabe quanto um cara como eu gastaria por uma noite com uma garota como você?

Cinco mil dólares!

Pare de pensar nele!

Preciso esquecer Nico Tacone é exatamente o tipo de homem que me deixa com os dedos dos pés enrolados. Escuro. Perigoso. Imprevisível. O melhor bad boy.

Sim, estou em perigo de cair no lado negro novamente. Grande momento.

Eu preciso me manter forte.

O namorado de Corey suspira e revira os olhos, aparentemente é um grande inconveniente me dar uma carona até a loja. Ele tem insinuado o quanto devo a eles desde o dia em que apareci. — Sim, tudo bem, eu levo você. — Ele provavelmente está apenas desapontado por não ficarmos sozinhos na casa da cidade.

Eu não me importo com a reação do Chato ao me deixar dormir na casa deles. Corey e eu somos praticamente irmãs. Nós crescemos em uma pequena cidade de Michigan, primas morando do outro lado da rua. O pai dela é policial e era um idiota abusivo antes de abandonar a mãe dela, então ela passava a maior parte do tempo na minha casa.

Mas um cara nunca se interpôs entre nós antes, Dean parece ser o tipo de cara que cria vários dramas. Preciso sair daqui antes que as coisas fiquem ainda mais complicadas. Mais um motivo para ir trabalhar amanhã.

CAPÍTULO TRÊS

SONDRA

— O que diabos aconteceu ontem? — Minha chefe, Marissa, exige assim que aparece na área de limpeza.

Eu tento manter meu rosto em branco. Não sei o quanto ela sabe, mas com certeza não quero que toda a equipe ouça que fiquei só de calcinha no banheiro do Sr. Tacone. Ou que ele me pagou seiscentos em dinheiro por isso. Ou que duas dúzias de rosas pêssego chegaram para mim na casa de Corey ontem à noite.

Nunca recebi duas dúzias de rosas na minha vida. Dei metade delas para Corey, que me arrastou para o quarto dela para contar o que aconteceu em particular. Corey achou a história insana e declarou que Tacone tem uma queda por mim.

Eu levanto meus olhos para a minha supervisora. — O que aconteceu com seu filho? — Tento redirecionar a conversa.

Ela não está aceitando. Ela acena com a mão com impaciência. — Concussão. Ele caiu de costas no concreto no pátio da escola. O que aconteceu com você?

Meu rosto esquenta. Abro a boca, mas não tenho certeza de como responder. — O que você ouviu?

Irritação pisca em seu rosto. — Bem, primeiro Samuel ligou para dizer que fui demitida por permitir que você subisse lá. Então ele ligou de volta para dizer não, na verdade, ele ouviu de Nico O próprio Tacone que estava tudo bem. Tão bem, na verdade, Tacone solicitou que você fosse a pessoa regular da limpeza da cobertura. *Que paga o dobro do que você está ganhando agora.* — Ela cruza os braços sobre o peito. — Então o que aconteceu?

Espere... o quê? Meu coração dispara correndo à minha frente. *Ele quer que eu seja sua faxineira regular?* Isso significaria vê-lo novamente, cara a cara. O homem que me humilhou e cobiçou meu corpo nu. Quem já me viu chorando. E molhada. Não. Não posso.

Mas o dobro do pagamento... isso definitivamente me tiraria da casa de Corey mais rápido. Fora de Vegas, se é isso que eu decido.

Marissa fica parada ali, com as sobranceiras erguidas, esperando uma explicação. Opto por uma verdade parcial. — Enquanto eu estava limpando Nico Tacone, ele voltou e se assustou

porque não me conhecia. Quero dizer me assustando. Ele apontou uma arma para a minha cabeça.

Marissa tapa a boca com a mão e seus olhos se arregalam.

— Pensei seriamente que ia morrer.

Simpatia lava suas feições. — Oh meu Deus, Sondra, eu sinto muito. Eu nunca deveria ter deixado você lá sozinha.

Eu dou de ombros. — Acabou tudo bem. Depois que ele verificou minha história, acho que se sentiu mal por me assustar pra caralho. — *Ou fazer xixi, conforme o caso.* — Ele me mandou para casa em uma limusine com o motorista.

Marissa solta uma gargalhada surpresa. — Não. Acredito.

Eu concordo. — História verdadeira.

— Bem, provavelmente não faz mal que você seja jovem e bonita. Tenho certeza de que, se fosse eu, teria sido demitida na hora.

— Você é jovem e bonita.

Ela sorri. — A lisonja a levará a todos os lugares.

Eu tento não deixar suas palavras alimentarem a emoção estúpida que já zumbia sob todos os meus pensamentos mais sãos. Nico foi levado por mim? Eu não deveria esperar que sim. Certamente meu melhor senso entrará em ação em breve. Só que não dormi ontem à noite. Eu tinha meus dedos entre minhas pernas, fantasiando sobre como teria sido se Nico tivesse Tacone me virou para o balcão de seu banheiro e mergulhou seu pau autoritário dentro de mim até que eu gritei.

De repente, as sobancelhas de Marissa se fecham. — Você se sente segura? — ela exige. — Porque não vou mandar uma jovem vulnerável lá para ser molestada. Foi essa a vibração que você recebeu dele?

Foi isso? Não, na verdade não. Além da parte de quase me beijar. E me mandando rosas. Mas *molestada* é uma palavra forte. Eu não me senti *tão* vulnerável. Sim, ele me apavorava, mas também me fascinava. Na verdade, ele cuidou de mim de uma maneira estranha - me empurrando naquele chuveiro para me limpar e me secar. E tirando minha calcinha encharcada.

Mas eu me sinto segura?

Não.

Isso é metade do apelo? Corey diria que sim. Porque eu possuo um gene aberrante de busca de emoção quando se trata de homens.

— Sim, ele está bem. Eu não recebo uma vibração assustadora dele. — murmuro, empilhando meu carrinho com suprimentos.

— Tem certeza? Porque se você ainda está muito abalada, não tenho medo de contar a eles. Eles têm um pesadelo de recursos humanos esperando para atender você.

De alguma forma, duvido que a família Taccone dê a mínima para problemas de recursos humanos. Eles provavelmente têm sua própria maneira especial de lidar com problemas que não envolvem ações judiciais ou indenizações. A menos que você conte o pagamento que Nico me deu ontem de seiscentas batatas fritas.

— Sim, tenho certeza. Eu vou ficar bem.

— Ok, aqui está o seu novo cartão-chave. Você é responsável pelas três suítes do último andar e nada mais, segundo o Sr. Taccone.

— Mas isso não vai levar o dia todo. O que eu faço quando terminar?

— Você pode ir para casa.

Oh, então eu realmente não estou recebendo um aumento. Bem, estarei trabalhando menos horas pela mesma quantia de dinheiro, então é uma melhoria. Mas isso não me tira da casa de Corey mais cedo. Ainda assim, não estou reclamando. Isso me dará tempo para me candidatar a cargos de professora.

Pego meu carrinho e o novo cartão-chave que ela me dá e entro no elevador. No último andar, limpo primeiro as outras duas suítes. Ambas têm dois quartos. Eu me pergunto a quem elas pertencem - os irmãos de Nico? Primos? Eu gostaria de saber mais sobre a operação aqui. Quando me inscrevi pela primeira vez no Bellissimo e Corey me disse que era uma corrida da máfia, pesquisei no Google, mas não apareceu nada. Zero. Não que eu esteja surpresa. Se Nico Taccone assume que uma nova empregada está grampeando sua casa, então ele está paranoico ou tem alguns segredos sérios para manter escondidos. O segundo pensamento envia um arrepio na espinha.

A curiosidade matou o gato, Sondra. Sim. Pena que a atração pelo tipo errado de homem nunca desaparece para mim.

Depois de terminar com as outras duas suítes, bato na porta de Nico. Tenho que admitir, meu coração bate mais rápido enquanto fico ali esperando por uma resposta. Estou emocionada e tremendo com a ideia de vê-lo novamente.

Uso o cartão-chave e entro. Eu ouço sua voz primeiro, então o vejo andando em sua varanda, falando - na verdade, gritando - em seu telefone. Sua cabeça se ergue e os olhos se fixam em mim com a mesma intensidade escura que eles usavam ontem. Ele diz mais alguma coisa no telefone e depois o coloca no bolso, sem tirar os olhos de mim.

Eu empurro o carrinho para o centro da sala, esperando estar escondendo o quanto ele me enerva.

Ele abre a porta de vidro da varanda e vem em minha direção.
— Você voltou.

Ele parece satisfeito ou estou imaginando?

— Sim. — murmuro e faço um grande show ao tirar os suprimentos do carrinho.

— Eu não tinha certeza se você iria.

Eu me viro e grito ao encontrá-lo bem na minha frente, o calor de seu corpo irradiando para o meu.

Oh senhor, ele ainda é lindo. Olhos cor de chocolate com longos cílios escuros e curvos - do tipo que uma mulher mataria para ter. Pele de oliva. Sua mandíbula quadrada ostenta uma sombra de barbas. As bolsas sob os olhos ainda estão lá, mas não tão pronunciadas hoje. Sua camisa de botão azul engomada aberta na gola, revelando uma leve camada de cachos escuros.

Passo a língua nos lábios para umedecê-los e seus olhos acompanham o movimento. — Você vai me revistar novamente?

Seus lábios chutam nos cantos e de repente me encontro apertada contra o carrinho. Ele não está me tocando, mas não demoraria muito para trazer nossos corpos alinhados um com o outro.
— Você quer que eu faça?

Sim.

— Não, obrigada, estou bem. — Engulo em seco, o calor se acumulando entre minhas pernas, meu núcleo tremendo. Seus lábios estão a apenas alguns centímetros de distância. Eu posso sentir seu hálito - mentolado e fresco. — Você dormiu noite passada?

Ele arqueia uma sobancelha - sim, apenas uma. É sexy estrela de cinema. — Você está perguntando pelo meu bem-estar, *bambina*? Depois do que fiz com você ontem?

Meu rosto fica quente com o lembrete e eu dou de ombros.

— Você é tão doce quanto parece, não é? — Seu rosto escurece e ele dá um passo para trás. — Você não deveria ter vindo. — Ele balança a cabeça. — Achei que você desistiria com certeza.

De repente, estou sufocando com sua decepção comigo, que reflete a minha. Quando eu vou ficar esperta? Bartenders que gostam de tomar ecstasy e donos de cassinos mafiosos são más notícias.

Como se sentisse minha mudança de humor, ele estende a mão e toca meu ombro. É um toque leve - respeitoso. Nada sexy ou dominante nisso. — Sinto muito por ontem, Sondra.

A maneira como ele diz meu nome faz minhas entranhas se contorcerem. Eu não esperava que soasse tão... familiar em seus lábios.

— Estou feliz que você voltou - mesmo que eu deseje o inferno, pelo seu bem, que você não voltasse.

Eu empurro meu queixo para frente. — Então qual é? Você me quer aqui ou não?

De repente, estou presa contra o carrinho, enjaulada pelas duas faixas de aço de seus braços. Tacone vem rente a mim, linhas duras e musculosas pressionadas contra minhas curvas. Seu pau incha na minha barriga. — Eu me masturbei três vezes assistindo nosso vídeo ontem à noite, *bambina*. — Sua voz vem como um estrondo rouco que entra em meu corpo.

Minha boceta aperta, emoções de choque ondulando através de mim.

Que vídeo? Oh, meu Deus, sua vigilância de segurança pegou toda a interação? Quem mais já viu?

— Eu tinha tanta certeza de que você era uma planta ontem porque há algo especial em você. Algo que me fisga bem aqui. — Ele enrola o dedo na frente do plexo solar. — Então sim. Eu queria ver você de novo. Queria ouvir a sua voz. Certificar-se de que você está bem. — Ele deixa cair uma de suas mãos no meu quadril.

Chupo meu lábio inferior entre os dentes. Estou tremendo quase tanto quanto ontem, só que desta vez não há medo. Apenas

emoção.

Desejo.

Sua palma desliza ao redor do meu quadril para cobrir minha bunda. Eu coloco minhas mãos em seu peito, pronta para afastá-lo, mas eu não sigo em frente. O fio de indignação que corre através de mim é abafado por sua voz aveludada.

Ele inclina a cabeça, me estudando. — Rosto bonito. Seios perfeitos, esse seu corpinho exuberante. Eu já vi isso antes. Mas a maneira como aquela doce boceta ficou molhada, embora eu tenha te assustado pra caramba. A forma como você revelou tudo, como se realmente não tivesse nada a esconder...

Oh, cara.

Minha doce boceta está definitivamente molhada de novo, apertando e soltando enquanto seu hálito quente acaricia minha bochecha.

— Você me perdoou? — Sua voz cai para um nível íntimo.

Outro aperto de minhas partes femininas me diz que já estou perdida.

Quero dizer não por causa da humilhação que sofri, mas, mais uma vez, meu corpo me trai - ele me inclina para ele, ofegante, faminta. — Ainda não. — é o mais próximo que posso chegar de uma negativa.

Ele acaricia minha bochecha com as costas dos dedos. Tenho a sensação de que ele está testando para ver se vou resistir.

Eu não.

Marque outro para o bad boy.

— Só assim. — ele sussurra, olhando para mim. — Esse é o olhar.

O olhar?

Um canto de sua boca levanta e ele segura a parte de trás da minha cabeça, puxando meu rosto para o dele. — Eu não sinto muito.

Meus olhos se arregalam e eu tento me afastar, mas ele me segura rápido e continua como se eu não tivesse reagido. — Eu não teria perdido esse encontro por nada no mundo. — Seus lábios descem sobre os meus, firmes e exigentes.

Uma onda de luxúria rola sobre mim. Eu me derreto nele, abrindo meus lábios, permitindo que sua língua varra minha boca. O calor explode em cada célula do meu corpo.

Ele se afasta, as narinas dilatadas. — Tão doce quanto eu imaginava. — Ele lambe os lábios, como se estivesse me provando. — *Isso* eu me arrependi. Não degustar você.

Eu lambo meus lábios também. — Eu não disse que você poderia me beijar. — A qualidade ofegante da minha voz desmente minha reação.

Ele dá uma risada áspera. — Não, você não fez. Eu roubei esse beijo. — Suas feições endurecem. — É por isso que você não deveria ter voltado. Fique por aqui, *piccolina*,³ eu vou fazer você se arrepender. Provavelmente nos deixará arrependidos. — Ele dá um passo para trás e me examina. — Ou talvez não. Posso pegar o que quiser sem pedir desculpas.

Meu pulso dispara. Minha calcinha está úmida de excitação, os mamilos roçam meu sutiã. Estou com uma parte assustada, duas partes excitadas. E caramba, se seu aviso não me faz querer me oferecer a ele em uma bandeja de prata.

Ele ajeita o paletó e caminha em direção à porta. — Então eu vou embora, *amore*. Você faz o seu trabalho aqui. — Ele para na porta e se vira para mim. — E é melhor você pensar no que quer me dizer da próxima vez. Se decidir. Sim ou não. E eu vou fazer o meu. Mas estou avisando, *bambi* se você tiver um pouquinho de *sim* misturado com o seu *não*, vou cortar você até no chão. — Ele aponta um dedo de advertência para mim. — *Acredite*.

Quando ele sai, tenho que me segurar no carrinho de limpeza para manter as pernas debaixo de mim.

O que. No inferno. Acabou de acontecer?

Quero ligar para Corey e relatar, porque a história de hoje acabou quase tão emocionante quanto a de ontem, mas não ousa. Tacone tem câmeras em todos os lugares, ele já confessou ter se masturbado com a minha filmagem ontem. Não ficaria surpresa se ele revisasse o feed de hoje também. E eu realmente preciso colocar minha cabeça no lugar antes de abrir minha boca em torno dele novamente.

Porque ele acabou de me dar um ultimato. Decida-se. Não sei todas as implicações dessa decisão ou mesmo o que ela implica, mas sei de uma coisa...

Há muito *sim* em mim para dizer *não*.



NICO

Eu desço para o andar principal.

Há cerca de uma centena de razões pelas quais eu não deveria brincar com a pequena e gostosa faxineira historiadora da arte, mas nenhuma delas torna mais fácil para eu sair pela porta quando ela ainda está na minha suíte.

Vou ter que ter certeza de que não estarei lá quando ela limpar. Inferno, se eu tivesse alguma decência em mim, eu ligaria para o chefe dela e a transferiria de volta para os andares principais agora mesmo. Espero alguns momentos para ver se minha bússola moral assume o controle o suficiente para seguir com esse pensamento.

Infelizmente, não.

Sondra, Sondra, Sondra. Vou ter que esperar que o bom senso dela entre em ação.

É engraçado; a única outra vez em que tive uma queda tão ruim por uma garota foi quando eu tinha doze anos e fiquei obcecado pela namorada do meu irmão, Trinidad Winters. Mas isso era apenas minha luxúria pubescente em alta velocidade. Trini estava sempre por perto, andando de carro quando Gio me buscava, assistindo a filmes em nosso sofá com minissaías que subiam em suas longas pernas.

Sondra não é nada como Trini. Ela não é nada como Jenna, a princesa da máfia com quem eu deveria me casar. Eu não namoro, mas ela definitivamente não é como nenhuma das garotas que eu fodo - paga ou voluntária.

Eu quero mais dela. Amo o jeito que ela ficou sem fôlego e animada lá atrás. Não demoraria muito para eu separar aqueles joelhos e mostrar a ela o quão ruim é o gosto dela para homens.

Oh, eu a faria gritar. Dar prazer a Sondra seria fácil - a garota parece pronta para explodir como um fogo de artifício. Inferno, eu a manteria acordada a noite toda gemendo meu nome e nem perderia o sono.

Eu ando ao redor das mesas, procurando pela prima de Sondra, Corey. Só para dar uma olhada nela. Não porque sou totalmente obcecado por essa garota e preciso saber tudo sobre ela. Pesquisar todo o seu passado era necessário. Eu tinha que ter certeza absoluta de que ela não estava trabalhando em algum ângulo.

Os Tacones têm muitos inimigos. Inferno, eu provavelmente tenho inimigos dentro da família Tacones. Eu dirijo minha filial em Las Vegas cada vez mais, mas há uma longa história de violência e crime que remonta pelo menos três gerações ao submundo de Chicago. E depois há os inimigos do mundo dos negócios legítimos. Qualquer um pode enviar uma femme fatale para se aproximar de mim, aprender meus segredos e armar para que eu caia.

E Sondra Simonson é exatamente o tipo de garota que eles mandariam.

Não, isso é besteira.

Ela não é. Ela não é nada como uma profissional. Mas se meus inimigos fossem realmente espertos, se pudessem de alguma forma intuir o que me pegou de surpresa, eles enviariam Sondra Simonson para me derrubar.

Porque é certo.

Eu não vou ser capaz de me impedir de ir atrás dela.

Encontro Corey trabalhando em uma mesa de vinte-e-um. Eu vejo a semelhança. Ela é tão adorável quanto Sondra, mas não é meu tipo. Alta, ruiva. Pernuda. Ela parece sofisticada e afiada. Negociações rápidas e limpas. Parece ser um bom trunfo para o meu casino.

Ela está focada em seus clientes e ainda assim seu olhar percorre a sala, absorvendo tudo. Incluindo eu. Da próxima vez que ela olhar para cima, ela pula a varredura da sala e olha diretamente para mim. Eu caminho até a mesa dela.

Nada aparece em seu rosto, mas sei que ela sabe quem eu sou. Quer saber o que estou fazendo na mesa dela. Minha presença deve deixar os clientes nervosos, porque depois de algumas mãos a mesa fica vazia.

— Sr. Tacones. — ela murmura sem encontrar meus olhos. Ela é devidamente deferente. Toca direitinho.

Enfio as mãos nos bolsos. Eu nem tenho certeza do que quero dela. Mais algumas informações sobre Sondra, suponho.

Quando não digo nada, ela diz: — Você assustou minha prima ontem.

Eu concordo. — Sim.

Ela estreita os olhos para mim. — Você ainda não acha que precisa se preocupar com ela, não é?

— Não. — Esfrego a mão no rosto. — Escala de um a dez, quão traumatizada ela ficou?

Corey tem uma excelente cara de pôquer. Nada aparece - nem surpresa, nem raiva. Nada. — Oito. Mas as flores e o dinheiro ajudaram. — Corey se move para matar. — Um emprego de crupiê a ajudaria ainda mais.

Eu balanço minha cabeça. — Não vai acontecer.

Ela baixa o olhar para as cartas sem fazer comentários, espalhando-as sobre a mesa e virando-as para frente e para trás em uma ondulação perfeita, exibindo seus truques. Depois de um longo momento, ela diz: — Se você não fosse meu chefe, eu diria para você ficar longe dela.

Gosto de sua coragem.

Pego uma ficha de cinquenta dólares do bolso e coloco na mesa para ela como gorjeta. — Não posso.

CAPÍTULO QUATRO

SONDRA

Corey e eu vamos trabalhar juntas na semana seguinte. Adoro quando trabalhamos no mesmo turno, mas ela odeia, porque significa que ela trabalha de dia e ganha mais dinheiro à noite.

É a primeira chance que tive de informá-la sobre as últimas novidades sobre Tacone, o que não é nada.

— Então você não o vê desde o dia em que ele te beijou?

— Não. No dia seguinte entrei e havia uma nota de cinquenta na mesa. Eu deixei. No dia seguinte, ele deixou uma nota de cem dólares com o meu nome.

— Você pegou, é claro.

Eu não queria. Estava com medo que isso significasse alguma coisa. Como se eu aceitasse o dinheiro dele, ficarei devendo algo a ele mais tarde. Exceto que eu realmente posso usar o dinheiro. Preciso de pelo menos dois mil para um depósito e o primeiro mês de aluguel. E mais três mil para comprar um carro que ande.

— Sim. E então ele deixou outra alguns dias depois. Eu os tiro da minha bolsa e entrego a ela. — Aqui.

Ela empurra minha mão para longe. — Para que é isso?

— Para ir para a minha parte do aluguel.

Ela revira os olhos. — Salve isso. Então você pode se mudar mais cedo. — Ela me dá um sorriso provocador.

— Você está cansada de me ter?

— Não, eu amo isso, na verdade. Mas acho que Dean está cansado de dividir o quarto familiar. Ele gosta de assistir filmes à noite, você sabe.

Sim, eu notei. Dean não parou exatamente com esse hábito, mesmo que o sofá seja minha cama. Ele fica assistindo até uma da manhã quase todas as noites.

— E toda vez que fazemos sexo, eu me encolho porque as paredes são finas como papel. Você pode ouvir?

Eu faço uma careta. — Sim, às vezes. — Eles fazem sexo pelo

menos uma vez por dia, às vezes mais. Eu juro, Dean é um viciado em sexo. Não que uma vez por dia seja ruim, mas não vejo por que ele está olhando para mim quando recebe muito de Corey.

— Acho que ele quer fazer sexo a três.

— Eca. Corey!

Ela ri. — Eu disse a ele de jeito nenhum. Eu não compartilho. Nunca. Nem mesmo com minha prima que é como uma irmã.

Graças a Deus.

O que diabos eu diria se ela estivesse nisso?

Mas sim, nojento. Aparentemente, meus instintos estão certos sobre Dean.

— Então, de volta para Nico Tacone. O que vai acontecer quando você o vir de novo?

Eu... como devo saber?

— Quero dizer, você precisa decidir. Acho que o cara tem tesão por você. E o instinto dele é explorar você, como provavelmente explora todas as mulheres, mas algo o fez se conter.

— Ele acha que sou *inocente* ou algo assim. — Digo *inocente* como se fosse um palavrão.

Corey sorri para mim. Ela sabe melhor. — Há algo sobre você que sai dessa maneira. Eu costumava te odiar por isso.

Eu fico boquiaberta. — O quê?

Ela dá de ombros. — Quando éramos crianças. Quero dizer, meu pai era um idiota e eu não confiava em ninguém, tanto quanto podia, mas você era tão pura. Com você, o que você vê é o que você obtém. É o que faz você confiar em perdedores. Mas é uma qualidade incrível.

Reviro os olhos. — Ótimo. Uma qualidade incrível que fez você me odiar quando criança e me fez sair com perdedores. Parece um que eu não deveria manter.

Seus olhos deslizam para mim. — Não mesmo. Espero que nunca o perca.

Ela parece tão séria que calo a boca.

— De qualquer forma, acho que é a isso que ele está reagindo.

Você está deslocada em Las Vegas. — Corey entra na garagem do Bellissimo e segue em direção ao estacionamento dos fundos. — Então, como vai ser quando você o vir?

Eu respiro fundo. Quero mentir e dizer que espero não vê-lo, mas Corey já sabe a verdade. Eu dou de ombros. — Vou seguir o exemplo dele.

Corey estaciona e me encara. — Sericamente? Como isso está funcionando para você até agora?

— Eu sei, eu sei, mas... — Mas faz parte do fascínio. A maneira como ele domina cada momento que estamos juntos deixa meus joelhos fracos.

Saímos do carro e entramos juntas no cassino pela entrada de serviço.

— Eu acho que você deveria decidir. Se você quer ir atrás dele, faça uma jogada. Se não, seja profissional. Não deixe que ele te empurre de novo. OK?

Concordo com a cabeça, mas não tenho certeza de nada. Eu preciso largar este emprego. Rápido. Antes que eu me humilhe ainda mais.

Meu telefone vibra enquanto eu ando pelo corredor. É uma amiga de Reno. Ela escreveu, *Tanner passou por aqui. Parecia realmente com o coração partido. Ele me implorou pelo seu novo número. Eu disse a ele para te esquecer.*

Certo. Com o coração partido. Ha. Ele quer o carro de volta.

Obrigada, respondo. Eu definitivamente não quero ouvir falar dele.

Vou para o vestiário dos funcionários para colocar meu vestido rosa de camareira. Como todos os dias desta semana, há um aumento na empolgação quando eu o coloco, lembrando como Tacone me tirou dele.

Droga. Eu tenho uma queda por esse cara e ele seria minha pior jogada de homem até agora.



NICO

— Foda-se você. — rosno para meu irmão mais velho, Junior, pelo telefone. Ele acabou de me informar que está enviando dez caras para Las Vegas para assumir a cena da cocaína aqui.

— Você quer tentar isso de novo?

— Tínhamos um acordo. Eu mantenho as coisas em ordem aqui para que seu dinheiro possa ser lavado. Eu não preciso da polícia de Las Vegas ou dos federais respirando no meu pescoço porque você quer aumentar sua participação nas vendas de drogas nas ruas. Não vale a pena.

— Eu decido o que vale a pena e o que não vale.

Fico em silêncio com minha discordância. Junior não comanda a organização. Nosso pai é o chefe, mas atualmente está preso em uma prisão federal por mais quatro anos sob a acusação de fraude fiscal.

— Não, Junior. — eu digo após a pausa. — Eu tenho o suficiente para lidar aqui. Conheço esta cidade. Conheço os policiais. Eu conheço o prefeito. O risco não supera a recompensa.

— Talvez você precise de mim para ajudá-lo a administrar melhor o seu negócio, então.

— Foda-se. — Eu aperto meus olhos fechados, porque eu realmente não deveria falar com meu irmão dessa maneira, se eu não diminuir as coisas, vou puxar minhas bolas para fora da minha bunda. — Ouça, m-me desculpe. Isso foi desrespeitoso. Eu não quis dizer isso.

Junior faz um som com a garganta.

— Você está feliz com a maneira como eu dirijo as coisas aqui, certo? Eu ganho muito dinheiro para a *La Famiglia*, não? — Não pode haver dúvida de sua resposta. Eu ganho quatro vezes o que todas as suas operações ilegais ganham em Chicago, tudo o que faço aqui está aumentando cada vez mais.

Ele faz outro som afirmativo.

— Então, por favor, confie em mim nisso. Me desculpe, eu estava sendo um idiota. Eu me acostumei demais a ser meu próprio chefe aqui. Mas eu sei o que vai funcionar na minha cidade. Tráfico de cocaína é muito arriscado. Muito dominado pelas gangues latino-americanas. E isso pode ameaçar tudo o que tenho aqui, ah?

— Você está sendo um marica.

Tenho que trabalhar para manter meu temperamento sob controle. Eu não dignifico sua provocação com uma resposta.

Junior espera mais um momento e então diz: — Falaremos sobre isso quando eu for aí.

Eu endureço. — Quando é isso?

— Semana que vem. Ma quer se mudar para o inverno. Diz que sente muito a sua falta. Acho que vou aparecer e encontrar uma casa para ela.

Estou prestes a dizer que posso encontrar uma casa para ela, mas consigo colocar uma rolha nela. Ele quer vir aqui e jogar seu peso. É melhor eu colocar minha cabeça no lugar antes que ele chegue aqui. Manter sua merda fora de Vegas é minha prioridade número um.



SONDRA

Pego o elevador até o último andar. Algo me faz tentar o quarto de Tacone primeiro, algum sexto sentido de que ele estará lá desta vez. Bato na porta, mas não ouço nada. Tanto para a intuição.

Eu me conecto e começo a trabalhar.

Está vazio, como na semana passada. Uma nota de cinquenta dólares novinha em folha está sobre a mesa com uma nota e meu nome. Nesse ritmo, vou ganhar o suficiente para sair da Corey até o final do mês.

O que, considerando o que ela me contou sobre o interesse de Dean em um trio, é ainda mais necessário.

Deixo a nota na mesa até terminar. É por um trabalho bem feito e vou me certificar de fazer o meu melhor antes de pegar o dinheiro. Eu limpo os banheiros e o quarto e vou para o escritório. Eu acabo no escritório por último. Como Marissa estava paranoica com isso, fico bem longe da mesa, tirando o pó das estantes, esvaziando o lixo e passando o aspirador. Percebendo uma teia de aranha no canto superior da janela, pego a vassoura para limpá-la. E é aí que a outra

ponta da vassoura derruba algo na mesa de Tacone.

Eu pulo e giro para ver o café derramado nos papéis.

Oh merda.

Merda, merda, merda.

Corro para pegar meus trapos e volto, limpando as coisas o mais rápido que posso. Mas é muito tarde. Metade dos papéis em sua mesa estão encharcados, manchados de marrom.

O que devo fazer?

Separo-os e coloco-os individualmente para secar, tentando não olhar para o conteúdo. Eu não deveria estar vendo essas coisas.

— Que porra é essa?

Um pequeno grito sai dos meus lábios e eu derrubo a caneca de café agora vazia novamente.

Tacone aparece na porta, seu brutamontes mais ameaçador do que nunca. Seus olhos brilham em preto, um músculo salta em sua mandíbula.

— Oh Deus ... — Eu endireito a caneca de café novamente. — Eu sinto muito. Derrubei seu café e espalhei por cima de tudo. Sei que não devemos tocar nas carteiras – eu definitivamente não planejei isso, mas...

Tacone se aproxima, olhos desconfiados varrendo a mesa, o chão, meu corpo, a sala. Ele ainda tem olheiras como se não tivesse dormido.

— Eu não olhei para nada - eu juro.

Em um piscar de olhos, ele envolve sua mão grande em volta da minha garganta por trás, segurando frouxamente a frente do meu pescoço. Ele me puxa para trás, então minha bunda bate em suas pernas. — O que você viu? — Sua voz é baixa e perigosa, mas a mão em meu pescoço é mais uma carícia do que uma ameaça, especialmente quando seu polegar acaricia levemente meu pulso.

Eu fecho meus olhos. — Nada. — eu resmungo — Não vi nada. Juro.

— Intromissão não será perdoada, Sondra. — Sua voz é sexo puro. Sedução total. Suas carícias de respiração quente em minha orelha. Os músculos rígidos de seu corpo pressionam contra minha

forma mais suave. — Você está me dizendo à verdade?

— Sim. — Sai meio gemido, meio ofegante, mas não porque estou com medo. Estou totalmente excitada.

O outro braço de Tacone serpenteia em volta da minha cintura. Sua mão se espalha pela minha barriga, avançando para baixo. — Seu único pecado é falta de jeito?

— Sim, senhor.

Ele gosta que eu o chame de senhor. Não sei como posso dizer, mas sei que ele sabe.

Fios de eletricidade percorrem meu corpo, iluminando-o por dentro, juro que sinto a carga de resposta de suas células. Minha calcinha está além de úmida - ela está encharcada.

— Acho que isso requer apenas uma pequena *correção*. — Ele belisca minha orelha.

Meu coração bate, provavelmente tão forte que ele pode senti-lo nas minhas costas.

— Coloque as mãos na mesa.

Minha barriga vira. Oh meu senhor, ele vai me espancar? Um arrepio percorre meu corpo. Ele também está animado. Seu pau pressiona em minhas costas e sua respiração entra e sai tão rápido quanto a minha. Ele me solta e dá um passo para trás e eu obedeco, curvando-me para descansar as palmas das mãos na mesa à minha frente.

Eu ouço um profundo estrondo de aprovação atrás de mim. Suas duas mãos agarram meus quadris e ele puxa, inclinando minha bunda ainda mais para trás. Ele lentamente desliza as mãos pelo tecido da minha saia, acariciando minhas curvas antes de me soltar. — Vou deixar você ficar de uniforme. — Sua voz é incrivelmente profunda. — Só porque desta vez, se eu abrir o zíper novamente, não vou me segurar.

O chão se inclina e uma onda de tontura me inunda e então volto à realidade quando a palma da mão bate na minha bunda.

Palmada.

Eu suspiro e tombo para o lado automaticamente, mas então me coloco de volta na posição. Eu fico parada por sua punição.

— Mm. Eu *sabia* que essa bunda seria espancada. — ele

resmungando.

Ele dá um tapa na outra nádega. Duro. Eu tenho que fechar meus lábios contra o guincho que sobe em minha garganta. Outro tapa, e outro. É um pouco demais, mas quando estou prestes a protestar, ele começa a esfregar minhas nádegas ofendidas, massageando a dor.

Eu ofego, minha boceta apertando, o coração batendo em uma batida rápida.

Tacane acaricia meu quadril até chegar à coxa nua. Ele começa a deslizar pela minha perna, sob a saia do uniforme, então para e puxa a bainha do meu vestido para baixo. — É melhor você voltar ao trabalho antes que eu vá longe demais.

Uhhh... o quê? Estou muito excitada para apenas puxar meu vestido para baixo e voltar ao trabalho. Na verdade, a própria ideia me irrita. Se uma fêmea conseguisse bolas azuis, eu as teria. Meu clitóris lateja, meus mamilos são pontos duros e sensíveis.

Eu levanto meu torso e me viro para enfrentá-lo. Antes que eu possa falar, ele me pega pela nuca e me mantém cativa para um beijo. Lábios duros torcem sobre os meus com uma intensidade contundente. Ele suga meu lábio inferior em sua boca e o morde. Sua língua varre entre meus lábios.

Eu choramingo e o beijo de volta, grata pela mesa apoiando minha bunda, ou eu cairia.

— *Belíssima*. — ele murmura quando se afasta. — Eu não consigo manter minhas mãos longe de você.

Não há necessidade, minha puta interior devassa geme.

Mas com um olhar de dor, ele me solta e dá um passo para trás. — Prossiga. — Ele me vira e bate na minha bunda em despedida.

Uma tempestade de emoções inunda através de mim - humilhação se misturando com luxúria e se transformando em raiva ardente.

Ok. Ele quer brincar comigo?

Tudo bem.

Dois podem jogar neste jogo.



NICO

Sento-me à escrivaninha e tento não observar a mulher muito excitada e zangada desfilando pela minha suíte.

Parece que estou destinado a ser inapropriado com Sondra Simonson. Manter minhas mãos longe dela é uma impossibilidade. Eu tentei ficar longe... *Madonna*, eu tentei. Mas aqui está ela, rendendo-se a mim novamente com aquela mesma vibração assustada, mas excitada que me deixa louco.

Nunca prestei muita atenção na minha mania de dominar as mulheres.

Oh, eu gosto de estar no comando, sem dúvida. Mas isso significa apenas que eu dou as ordens. É por isso que normalmente uso profissionais que fazem o que eu digo sem questionar. Mas nenhuma delas jamais tremeu e engasgou como Sondra. Nenhuma delas teve uma resposta genuína para mim. Nenhuma delas mostra aquela fúria que ela acabou de fazer por não seguir adiante.

Se ela soubesse que estou tentando fazer uma gentileza ao soltá-la. Eu não deveria tê-la espancado em primeiro lugar.

Mas essa bunda!

Essa bunda suculenta e espancada.

E os sons adoráveis que ela fazia quando eu batia nela.

Dou um aperto forte no meu pau através da calça e observo os quadris de Sondra balançarem enquanto ela passa pela minha porta com um pano de limpeza. Seus lábios estão inchados do nosso beijo. Eu ainda sinto a doçura dela na minha. Como morangos e chá verde. Eu quero prová-la em todos os lugares.

Era tudo que eu podia fazer para não puxar meu pau para fora e dar a ela forte e rápido aqui mesmo, sobre a minha mesa. Isso vai ensiná-la a não derramar café em meus papéis.

Porra. Estou enlouquecendo.

Uma pequena parte de mim ainda se preocupa que ela não seja legítima. Mas ela tem que ser. Eu pesquisei muito sobre ela. Ao

que tudo indica, ela é uma beleza inocente de classe média de Marshall, Michigan. Ela era uma aluna nota A que se formou *com grande louvor* em uma pequena faculdade particular de artes liberais e depois obteve um mestrado em história da arte pela Universidade de Wisconsin. Seus pais ainda moram do outro lado da rua da mãe de sua prima Corey. Agora, o pai de Corey é federal. Isso saiu quando a contratamos. Mas ela parece estar distante. E ela trabalha para nós há quase um ano sem nenhum comportamento suspeito.

Não consegui desenterrar uma única mentira ou motivo de preocupação sobre Sondra, a menos que conte o ex-namorado dela, que parece ser um pequeno traficante de ecstasy em Reno. Mas ela disse que tem mau gosto para homens.

Sondra se posiciona na minha estante de livros, me dando um assento na primeira fila para seu traseiro, que é tão carinhosamente emoldurado por seu vestido de uniforme que quero enviar um grande bônus para quem em minha equipe escolheu aquele estilo em particular.

Ela mexe a bunda enquanto passa o pano do pó pela madeira.

Oh Deus. Ela está fazendo isso de propósito?

Ela se inclina para tirar o pó da prateleira à sua frente. Quando ela cai de joelhos e arqueia as costas para tirar o pó do andar mais baixo, tenho certeza de que é tudo para mim.

Meu controle, já um fio desgastado, estala. Eu me levanto da mesa e vou até ela.

— Esse pequeno show é para mim, *piccolina*? — Quase não reconheço minha voz, é tão rouca.

Ela olha por cima do ombro com falsa inocência.

Isso é o que me desfaz - aqueles grandes olhos azuis bebê piscam com apelo sexual total de gatinha.

Ela está usando o cabelo para trás em um coque bagunçado hoje e eu envolvo minha mão em torno dele e a coloco de joelhos. Já estou de joelhos no chão atrás dela, mas não me lembro de ter chegado lá. Eu envolvo meu braço em torno da frente dela e seguro seu peito de forma possessiva, ainda forçando sua cabeça para trás contra meu ombro.

— Você está tentando me deixar louco, Sondra Simonson? — esfrego sua boceta e encontro sua calcinha já úmida de excitação. — Acho que você não entende o que está prestes a desencadear. —

Meus dedos deslizam sob o reforço de sua calcinha para fazer contato com sua carne molhada.

Ela solta outro daqueles suspiros que me deixam louco.

— Eu entendo. — Eu coloco meus lábios contra sua orelha e falo enquanto esfrego um círculo lento em torno de seu clitóris inchado. — Não foi justo da minha parte bater em você sem lhe dar uma recompensa, não é?

Ela geme.

Enfio um dedo em seu canal molhado.

Eu solto seu cabelo e movo minha mão para deslizar na abertura do zíper de seu vestido.

Ela já está tremendo e resistindo, pronta para explodir.

— Eu deveria foder você até seus dentes baterem por me deixar tão excitado. — Eu enrolo um segundo dedo nela e bombeio levemente. — Mas suponho que devo a você esta liberação, não devo?

Sua boceta é tão suculenta e responsiva que meus olhos estão revirando para trás na minha cabeça. E isso é apenas por tocá-la. Eu realmente vou enlouquecer se eu colocar meu pau nessa garota.

— Você vai me deixar compensar por assustar você na primeira vez que nos conhecemos, *bambina*?

Sua única resposta é um gemido ofegante.

Eu puxo meus dedos para fora dela e dou um tapa em sua boceta. — Você está? Responda-me com palavras, querida.

— Sim! — Há surpresa e aborrecimento em sua voz e mais do que um pouco de desespero. Isso me faz sorrir.

— Boa menina. — Eu toco seu clitóris. Estou morrendo de vontade de prová-la, especialmente agora que decidi que é meu dever recompensá-la. Eu a deixo ir e coloco minhas mãos em seus quadris, aplicando uma pequena direção gentil. — Rasteje até o sofá, baby. Preciso tirar essa calcinha de você.

Não há hesitação. Ela é total e completamente minha. Ela obedece sem um pinga de constrangimento, engatinhando até o sofá, depois parando e se virando, provavelmente para ver como eu a quero. Porra, essa garota me deixa louco.

Empurro seu tronco para baixo no assento do sofá e puxo a saia de seu vestido para cima. Era assim que eu a queria antes. Bunda nua para sua surra.

Eu puxo sua calcinha para baixo de suas coxas e ela luta para chutá-la. Apenas algumas manchas vermelhas permanecem de onde eu a esbofetei antes. Não me contenho. Eu bato em sua bunda, o estalo alto da minha mão contra sua carne nua ecoando pela sala. Dou cinco tapas fortes, depois paro e esfrego.

Eu posso dizer por seus suspiros que doeu, então eu me inclino e beijo cada bochecha. — Você está bem, baby?

— Hum...

— Você quer mais, ou isso foi o suficiente?

Ela fica quieta por um momento e de repente fico doente por pensar que fui longe demais, mas então ela diz em voz baixa: — Um pouco mais.

— Essa é a minha garota. — Dou a ela mais três, então esfrego sua pele rosada. Eu definitivamente quero transar com ela agora. E quero dizer transar com ela da maneira mais suja e desagradável. Como segurá-la pelos cabelos e bater nela até que ela grite por misericórdia.

Mas eu não vou.

Prometi a ela uma recompensa e pretendo dá-la.

— Sente-se no sofá e abra essas coxas sensuais. — eu ordeno.

Ela se esforça para obedecer e eu dou uma boa olhada em seu rosto. Suas bochechas estão coradas, os olhos vidrados. Seu cabelo está bagunçado com um visual recém fodido. É uma foto que eu adoraria ver todos os dias pelo resto da minha vida.

Mas isso não é uma opção.

Controle-se, Nico.

Eu não posso ter essa garota. Quero dizer, poderia. Eu sou Nico Tacone, dono do Bellissimo, capo da família do crime Tacone de Chicago. Eu posso pegar qualquer coisa que eu quiser.

Mas eu *não posso*.

Não esta garota.

Ela merece um homem de verdade. Alguém com quem ela poderia se casar e ter filhos historiadores de arte. Não um chefe do crime que está comprometido com outra desde o nascimento.

Afasto seus joelhos e dou uma olhada nesse coração rosa com o qual tenho fantasiado.

Tenho que provar.

Eu coloco minhas mãos sob suas coxas para espalmar sua bunda e puxá-la para mais perto, até minha boca.

O gemido que ela solta me embriaga. Eu dou uma lambida longa e lenta, abrindo seus lábios enquanto viajo para cima, em direção ao seu clitóris. Ela estremece no momento em que faço contato com ele e faz um som de lamento necessitado.

— É aí que você me quer, baby?

Ela passa os dedos pelo meu cabelo. — S-sim, por favor.

Eu bato em seu clitóris repetidamente com a ponta da minha língua. — Tão doce. Você tem um gosto tão bom, querida. E você pediu tão bem. — Eu achato minha língua e dou outra longa varredura, então a torno pontiaguda e a penetro. Seus sucos vazam em minha língua, picantes e escorregadios. Controlo sua pélvis ainda mais, levantando-a para que eu possa lambe seu ânus também.

Ela grita, mas eu mantenho suas coxas separadas para que ela não possa prendê-las fechadas, não pode fugir da tortura de prazer que eu quero conceder a ela. Eu belisco seus lábios, chupo-os. Eu sei que poderia tirá-la, rápido. Ela já está se preparando para explodir, mas quanto mais eu a seguro, maior é o seu orgasmo, por alguma razão, estou me sentindo competitivo, como se quisesse que este fosse o melhor orgasmo da vida dela.

Talvez porque eu sei que não posso ficar com ela.

E eu realmente quero ficar com ela.

Eu enfio um dedo nela enquanto toco seu clitóris. Ela se contorce sobre ele, tentando me levar mais fundo. Coisinha gananciosa. Eu adiciono um segundo dedo, fecho meus lábios em torno de seu pequeno clitóris e chupo.

Ela grita, mas eu recuo, liberando seu clitóris e bombeando meus dedos.

— Oh. — ela ofega. — Por favor. Oh, por favor, oh... N- Nico.

Eu amo que ela tenha dito meu nome, ainda mais do que ameí quando ela me chamou de *senhor* mais cedo.

Especialmente a amo gemendo meu nome naquela voz ofegante incendiária de foda-me. Eu retardo o movimento de bombeamento, em vez disso, enrolo meus dedos para fazer cócegas em sua parede interna, buscando seu ponto G. Seus olhos se arregalam quando eu o encontro, algo semelhante ao pânico queimando. Ela contorce a pélvis no sofá de couro. Eu bombeio meus dedos para atingir o ponto G todas as vezes e ela grita, seus dedos puxando meu cabelo.

— É isso, querida. Goze para mim.

Seus sucos vazam por todos os meus dedos e sua boceta aperta, pulsando sua liberação em rápidas vibrações. Eu a deixo terminar, então massageio sua boceta com meus dedos, um lento dentro e fora e ao redor, mexendo dentro dela, então puxando meus dedos para fora e deslizando-os para cima e para baixo em sua entrada. Ela estremece outro lançamento.

Ela é linda. Seu cabelo loiro se espalha ao redor dela no sofá, bagunçado e adorável. Seus olhos estão vidrados, as pálpebras pesadas.

Meu pau lateja.

Mas eu não posso fazer isso.



SONDRA

Nico me encara como um animal faminto, parecendo quase dolorido de desejo. Ele tira os dedos de mim e esfrega círculos na parte interna das minhas coxas com os polegares. Estou desossada com o prazer do meu orgasmo. Mesmo sem relação sexual, devo dizer que foi o melhor clímax que já tive. Tudo sobre o encontro o tornou quente, começando com a liderança de Nico me revistando no dia em que nos conhecemos, então me espancando, então isso. Combine isso com a habilidade considerável de Nico e o interesse genuíno em meu prazer, duvido que essa experiência sexual seja superada.

E considerando que ele ainda não está satisfeito, não acho que

acabou.

Quanto melhor vai ficar?

— O-obrigada. — eu digo quando minha voz retorna para mim. Minha garganta está dolorida de tanto gritar, o que não é algo que eu normalmente faço.

O sorriso de Nico parece quase triste. — Você é tão doce. — Suas mãos vagam até meus seios. Ele abaixa o zíper do meu vestido e puxa meus seios para fora dos bojos do sutiã. Ele belisca meus dois mamilos ao mesmo tempo, mais forte do que estou acostumada. Minhas pálpebras se abrem e a energia volta pelo meu corpo com a leve dor.

— Saia de Las Vegas, Sondra Simonson.

Essa era a última coisa que eu esperava que ele dissesse depois de me levar ao orgasmo com sua boca e dedos inteligentes. Antes que ele saia.

Ele continua a fazer amor com meus seios, apertando-os, acariciando meus mamilos. Ele avança sobre mim para passar a língua sobre um botão rígido. — Você é uma luz muito brilhante para um lugar decadente como este. Isso vai manchar você. — Outro movimento de sua língua. — Vou manchar você.

Suas palavras não estão combinando com suas ações, então meu cérebro é lento para alcançá-lo. O que ele está me dizendo?

— Você veio aqui para um novo começo. Sua prima está aqui. Entendo. Mas você deveria ter ido para casa em Marshall, Michigan, baby.

Eu não deveria estar surpresa por ele saber de onde eu sou, mas ouvir isso me dá um arrepio na espinha. Em parte é medo - ou a consciência de como esse homem é perigoso. Quão minuciosamente ele me pesquisou. Mas também há uma emoção em ser objeto de um escrutínio tão intenso. Porque claramente, ele está a fim de mim.

Ele me observa atentamente enquanto puxa e rola meus mamilos. Há conflito em sua expressão, ou tensão, cresce exponencialmente a cada segundo. De repente, tudo endurece. Sua mandíbula apertada, o foco fica rígido. — Vou te dar dinheiro para um novo começo. — Ele dá um tapa em meu peito e eu grito de surpresa. — Não é pagamento por sexo, então nem vá lá. — Ele aponta um dedo de advertência para mim. — Eu quero que você pegue e saia da cidade. Não volte, *piccolina*.

Eu finalmente me desperto além do meu langor orgástico e empurro minhas costas para fora do sofá onde estou caída. — O que você está dizendo? — Eu franzo a testa para ele. Não consigo descobrir se ele está me ameaçando ou tentando ajudar. Não consigo entender o que diabos está acontecendo aqui.

Nico se move rapidamente, agarrando minhas axilas. De repente, estou na horizontal no sofá e ele está pairando sobre mim. Ele bate em meu peito novamente e eu me contorço embaixo dele, meus quadris levantando para encontrar os dele. — Estou dizendo... — Ele esfrega as costas da mão na boca. — Estou dizendo que você deveria sair daqui. Estou muito preso a você, *bambina*. Esta é a última chance que vou te dar para correr. — Seus olhos brilham escuros e perigosos. — Se você colocar os pés nesta suíte novamente, vou reivindicá-la como minha. Vou acorrentar você à minha cama e foder você a cada maldito minuto do dia.

Eu continuo abaixo dele. Meu coração bate contra minhas costelas. Eu estaria mentindo se dissesse que suas palavras não me emocionaram. Oh, eu ouço o perigo abaixo delas. A ameaça. Mas também, tanto desejo.

Nunca fui tão desejada por nenhum homem. Sempre fui o tipo de namorada patética e subestimada. Aquela que pega seu cara traindo com várias mulheres.

Saber que ele me quer tanto me deixa com calor. Com poder.

Ele dá um único aceno. — Você me entende. — Ele se afasta de mim e se levanta. Com a gentileza de um pai vestindo uma criança pequena, ele desliza meu sutiã de volta sobre meus seios e fecha meu zíper.

Ele está parado sobre mim, tão sombrio e ameaçador quanto no primeiro dia. — Estou deixando você ir, Sondra Simonson. — É um pronunciamento - como se ele fosse algum tipo de deus, o que, em seu mundo, ele é. Posso imaginar seus funcionários caindo de joelhos quando ele fala. — Corra enquanto pode. Porque quando eu decidir que você é minha, vou arruiná-la. Tenha certeza disso. — Ele me encara por mais um momento, sua garganta trabalhando, então se vira.

Seus ombros caem quando ele pega minha calcinha descartada do chão e a entrega para mim.

Meu estômago dá um nó e revira. A energia entre nós emaranhados, torques. Há tanto em suas palavras para dissecar. Ele

está me deixando fora do gancho. Me dando uma saída. Ou ele está me fazendo uma oferta? Ou um ultimato?

Não consigo entender e de repente quero dar o fora dali. Eu puxo minha calcinha sem olhar para ele e me levanto. Sigo em direção à porta, ele me encontra no meu carrinho e empurra uma pilha cuidadosamente embrulhada de notas de cem dólares para mim. — Pegue. — diz ele.

Eu empurro para trás como se ele tivesse me dado um tapa.

— Não é um pagamento, é um presente. Faça um novo começo em outro lugar. Não no meu cassino.

Eu o ignoro e empurro meu carrinho em direção à porta.

Ele pega meu braço e me vira. — Sondra. Pegue. — Seus olhos castanhos chocolate imploram.

Meu nariz queima e eu balanço minha cabeça. — Não quero o seu dinheiro. — Minha garganta está apertada, embora eu não tenha motivos para ficar chateada. Ele me deu um orgasmo e me ofereceu dinheiro, que eu realmente poderia usar. Por que, então, sinto que acabei de ser usada e abandonada?

— Por favor, pegue. Não é nada para mim e lhe daria opções. Só quero que você tenha opções, Sondra. Não quero que você faça escolhas das quais se arrependerá.

Eu arqueio minhas sobancelhas. — Como o que acabei de fazer com você? — Eu estalo. — Bem, é tarde demais para isso.

Não sei por que estou chateada, mas estou. Acho que a oferta de dinheiro barateia tudo. Ou talvez eu esteja brava por ele pensar que pode tomar decisões sobre minha vida sem me consultar. De qualquer maneira, eu tive isso. Eu sabia que minha paixão por Nico Tacone foi um erro, preciso esmagá-lo agora antes que me machuque ainda mais.

— Sondra. — Sua voz carrega tanto comando silencioso, eu paro, minha mão na maçaneta da porta.

— Me desculpe se eu te machuquei ou humilhei. Essa não era minha intenção.

Não sei por que estou surpresa ao ouvir tal maturidade emocional de um chefe da máfia, mas estou.

Eu dou de ombros. — Eu vou superar isso. — Abro a porta e

empurro meu carrinho.

— Não sinto muito pelo resto. — ouço-o dizer assim que fecho a porta.

CAPÍTULO CINCO

NICO

Estou com coceira e pronto para enfiar o punho na parede nos primeiros trinta minutos depois que ela sai.

Eu a machuquei. Estava lá, em todo o rosto dela. Porra, eu tentei fazer a coisa certa, mas ela não viu dessa forma.

E de alguma forma machucá-la é menos consciencioso do que qualquer outra coisa. Mas a verdadeira questão é: por que ela se machucou? Porque ofereci o dinheiro? Eu a fiz se sentir como uma prostituta? Tentei deixar claro que não era porque ela me deixou entrar em sua calcinha. Ou era algo mais? Rejeição?

Porra, ela não merece isso.

E então a necessidade de consertar toma conta, muito mais forte do que meu desejo de fazer a coisa certa por ela. Ou talvez eu seja apenas um bastardo ganancioso que finge que se importa com qualquer um, menos com ele mesmo.

Não consigo ficar longe de Sondra Simonson.

Pego meu telefone e ligo para a segurança. — Preciso da localização de um funcionário. — Todas as etiquetas de nome de nossos funcionários têm dispositivos de rastreamento e as informações sobre onde eles estão no cassino são fáceis de obter. Também é registrado para sabermos onde todos estiveram no caso de um incidente.

— Claro, Sr. Taccone, quem você está procurando?

— O nome é Sondra Simonson. Ela trabalha na limpeza.

Uma pausa. — Sinto muito, Sr. Taccone, parece que ela está fora do local.

Porra. Ela desistiu.

Eu disse a ela. Não deveria ter vontade de virar minha mesa ou jogar minha cadeira pela porta de vidro da minha varanda.

Ela é inteligente. Ela atendeu ao meu aviso.

Só para ter certeza, desligo e ligo para o gerente de limpeza. — Estou procurando por uma de suas funcionárias, Sondra Simonson.

Ela está trabalhando hoje?

— Sinto muito, Sr. Taccone, ela disse que não estava se sentindo bem. Eu a deixei ir para casa mais cedo. Mandeí Jenny subir para limpar as suítes da cobertura. Sondra me disse que terminou com a sua... não é verdade? Precisa de mais alguma coisa?

Ela não desistiu. Ela foi para casa doente.

— Não, está tudo bem. — Eu termino a chamada e olho para o meu telefone. A ideia de Sondra estar chateada o suficiente para ir embora me deixa pronto para voar porta afora para persegui-la. Mas também estou aliviado por ela não ter desistido.

O que isso significa?

Ela está pensando em voltar aqui? Depois que eu deixei claro o que aconteceria? Porra.

Eu realmente não quero diminuir a luz dela. Mas devo amenizar qualquer sentimento ferido.

Ligo para a floricultura do cassino. — Eu preciso de três dúzias de rosas entregues fora do local imediatamente.

— Claro, Sr. Taccone. Onde elas estão indo?

Pego o arquivo de Sondra e leio seu endereço.

— Cor?

— Sua escolha.

— Nota no cartão?

Eu hesito. O que diabos eu digo? Eu sopro minha respiração.
— Que tal... *Posso te levar para jantar esta noite?* E assine, *Nico*.

— Perfeito, Sr. Taccone, vou despachá-las imediatamente.

— Obrigado.

Eu desligo.

O que eu estou fazendo? Agora eu quero levá-la para jantar? Depois de tentar libertá-la? Porra. Estou tão fodido da cabeça por essa mulher, é embaraçoso.

Tenho uma paixão total por uma mulher que provavelmente destruirei.



SONDRA

Eu pego o ônibus para casa. Não parei para dizer a Corey que estava saindo porque preciso colocar minha cabeça no lugar. Eu não queria responder às perguntas dela sobre o que aconteceu e o que vou fazer.

Eu deveria desistir.

Ele deixou claro que eu deveria desistir.

Ele também deixou claro o quanto ele me quer. Não apenas um e pronto, também.

Ele quer me manter.

Pelo menos foi o que li em suas ameaças.

E caramba, se isso não me atrai em algum nível. Nunca tive um homem tão a fim de mim. Eu fui a garota de quem foi fácil se afastar. Fácil de trair.

E parte de mim acha que devo desafiá-lo e simplesmente aparecer amanhã. Desafie-o a cumprir sua ameaça.

Mas o resto de mim não aguenta outra montanha-russa emocional. A posse e depois a rejeição.

Desço na minha parada e caminho os seis quarteirões até a casa de Corey.

E... foda-se. O carro de Dean está lá. Eu realmente esperava ter o lugar só para mim. Eu literalmente não tenho estado sozinha desde que me mudei para Las Vegas. Não, a menos que você conte quando estou limpando os quartos.

E se alguma vez precisei de um tempo sozinha, é agora.

Eu quase continuo andando. Mas está quente lá fora. E eu quero um banho. Preciso lavar Tacone fora de mim. Lavar este dia fora de mim.

Entro e encontro Dean no sofá assistindo televisão. Seu rosto se ilumina com um sorriso preguiçoso. — Oi, Sondra.

Ok, sim. Ele parece um pouco feliz demais em me ver.

— Ei. — murmuro e pego uma muda de roupa da minha mala ao lado do sofá. Passo por ele até o banheiro.

Ele se levanta e me segue. — Eu não pensei que você estaria em casa hoje.

Eu o ignoro e fecho a porta do banheiro. Idiota. Ligo o chuveiro e deixo a água correr. Talvez eu esteja sendo mal-intencionada, mas está ficando cada vez mais difícil ser educada com Dean. Eu não gosto do cara e ele está me dando arrepios.

Tiro minhas roupas e entro no chuveiro, mas qualquer satisfação que eu esperava obter da terapia com água é cancelada pelo conhecimento de que Dean está logo atrás da porta.

Se houvesse um olho mágico, ele provavelmente olharia por ele.

Nojento.

Acabo cortando o chuveiro e me apressando para me vestir. Talvez eu faça esse passeio. É como se eu pudesse sentir a energia onipresente de Dean vazando pela porta. Eu preciso seriamente de algum espaço.

Quando saio, sou saudada pela visão não de um buquê de rosas, mas de três.

E um Dean de aparência muito azeda.

— São do seu chefe? — ele exige. O idiota abriu o cartão. Ele joga para mim. Ele cai no chão aos meus pés.

Eu me inclino para pegá-lo e lê-lo.

Nico Taccone está me convidando para jantar? Depois que ele acabou de me expulsar de sua suíte?

Este dia não poderia ficar mais estranho.

— O que você fez para que ele lhe mandasse rosas? — Dean pergunta. Quando ele dá um passo mais perto, parece ameaçador.

Não gosto da insinuação. — Nada.

A zombaria de Dean é irônica. — Está bem, certo. Você fez sexo com ele? — Ele agarra meu braço. — Você deveria ter cuidado. Você sabia que ele é da máfia?

Eu me viro para me livrar de seu aperto, mas ele fecha os dedos com mais força. — Ai. — eu protesto. — Saia de cima de mim.

Ele se aproxima ainda mais, inclinando-se para que fiquemos nariz com nariz. — Eu acho você muito gostosa, Sondra. — ele diz. Seu hálito cheira a Doritos. — Tenho certeza que Tacone também.

Mais uma vez eu tento me afastar, mas Dean me segura rápido.

— Solte-me. — eu retruco.

— Eu amo que você e Corey são primas. — diz ele, me apoiando contra a parede. — É quase tão bom quanto fazer com gêmeas.

— Você não vai me foder, então tire essa ideia da cabeça. — Minha indignação está se transformando em pânico agora. Eu achava que Dean era desprezível, mas não achava que ele era o tipo de cara que forçava uma garota. Mas claramente entendi errado. Porque qualquer cara normal teria me deixado ir quando eu pedisse.

Seus dedos apertam com força contundente ao redor do meu braço. Ele estende a outra mão entre as minhas pernas.

— Saia. Porra. Fora de mim. — Estou genuinamente lutando agora, torcendo para tentar sair de seu alcance, tentando, sem sucesso, dar uma joelhada nas bolas dele. Ele me joga contra a parede.

Uma batida forte soa na porta, fornece apenas distração suficiente para eu me abaixar e arrancar meu braço de seu alcance. Corro para a porta como se quem estivesse do outro lado fosse a minha salvação.

— Sondra.

Eu ignoro o silvo de Dean e abro a porta, planejando sair correndo sob a proteção de quem quer que esteja ali.

Mas não fazia ideia que essa pessoa seria o próprio Nico Tacone.

Esbarro nele na pressa de sair e ele me pega, as sobrancelhas caindo. Ele olha além de mim para a casa e sua carranca se aprofunda.

— O que está acontecendo? Você está chateada? — Ele dá um passo para trás para me examinar e não perde as marcas

vermelhas raivosas em meus braços.

Isso é tudo que preciso. Eu nem disse uma palavra, mas ele entra marchando na casa e bate em Dean.

Há um rangido enjoativo de osso quando seu nariz quebra e ele sai voando, tropeçando no sofá e caindo no chão. Tacone o segue e o pega pela camisa para derrubá-lo novamente.

— OK! — Eu grito. — Pare. — Agarro o braço de Tacone.

Ele faz uma pausa para olhar para mim. Ele está em seu terno de grife completo, mas ele não começou a suar. — Sondra, vá esperar no carro. — Sua voz é perfeitamente uniforme, como se fazer justiça violenta fosse um dia de trabalho para ele. O que provavelmente é.

Ai Jesus. Ele vai matar Dean.

Posso estar chateada com o que Dean fez comigo, mas já sinto que estamos quites. Quero dizer, o cara tem sangue jorrando de seu nariz e ele está de bunda.

— Não. — Eu tento puxar Tacone em direção à porta. — Vamos fazer aquele jantar. Isso soa bem.

Ele deixa Dean cair no chão e se endireita para me encarar. — Quem é esse cara? Ele te machucou?

Estremeço porque sei que a resposta vai causar mais violência. — Ele é o namorado da minha prima. Por favor, podemos ir?

Tacone enfia a mão na jaqueta. Eu sei o que ele vai sacar antes de sacar a arma porque eu tive a coisa apontada para minha cabeça. Ele se inclina e pressiona o cano contra a têmpora de Dean. — Saia daqui.

Por mais aterrorizado que Dean pareça, ele ainda gagueja: — Este é o meu lugar.

Tacone o chicoteia. — Eu disse, saia daqui. Pegue sua merda. Mude-se. Se você chegar perto de Sondra ou de sua prima novamente, eu vou te matar. Você me entendeu?

Dean não responde rápido o suficiente e Tacone puxa a arma de volta para chicoteá-lo novamente. — OK! Estou indo embora! — Ele põe as mãos no ar e lentamente se levanta.

Tacone não tira os olhos de Dean, mas murmura para mim: — Essa bolsa é sua, baby?

Levo um segundo para entender, mas então percebo que ele está falando sobre minha mala aberta ao lado do sofá.

— Sim. É sim.

Tacone coloca a arma de volta no coldre sob o braço e caminha até a mala, fechando-a com um zíper decisivo.

Estou tremendo como uma folha, possivelmente entrando em choque tanto quanto experimentei na primeira vez que vi a arma de Tacone.

— Entre no carro, baby. — Ele pega minha mala pela alça e ergue o queixo em direção à porta.

Meus joelhos vacilam enquanto ando, mas consigo pegar minha bolsa e cambalear até a porta. Tacone está bem atrás de mim, carregando minha mala. Nenhum de nós olha para trás quando saímos.



NICO

Eu tinha uma ideia romântica sobre tratar Sondra como uma dama e levá-la para um encontro. Essa ideia morreu rapidamente quando vi o brilho de medo em seus olhos e as marcas em seus braços.

Bastardo do caralho. Eu realmente quero matar o filho da puta por lidar com minha garota.

Sim, posso estar tentando fingir que ainda não reivindiquei Sondra Simonson, mas reivindiquei.

É tarde demais para ela.

O diabo pega o que o diabo quer. E eu a quero.

Ainda tenho o poder da fúria negra correndo em minhas veias, o que me faz sentir invencível, mas tento controlá-la.

Sondra está apavorada. Tão assustada quanto ela estava no dia em que a conheci. Porra. Foi por minha causa? O que eu fiz lá atrás? Eu tenho que lembrar que ela não está acostumada a ver caras quebrarem seus narizes.

Jogo a mala dela no porta-malas da Lamborghini e abro a porta do passageiro para ela. Depois que entro no lado do motorista e ligo o carro, tenho que perguntar: — Sondra, ele não...

— Não. — Ela balança a cabeça. E então, para minha total demolição, ela começa a chorar.

— Baby. — Minhas mãos agarram o volante com força suficiente para esmagá-lo. — Porra.

— Estou bem. — Ela funga. — Foi apenas um longo dia.

— Desculpe. Eu sei que faço parte disso. Ou talvez tudo isso?
— Eu dou a ela um olhar de soslaio.

Ela balança a cabeça.

Obrigado porra.

— V-você não vai... fazer mais nada com ele. Certo?

Eu quero bater no cara? Totalmente. Se ela me dissesse que ele a estuprou, eu definitivamente faria. Mas não. A razão pela qual saí de Chicago para abrir um cassino em Las Vegas foi porque queria sair do submundo. Eu dirijo um negócio legítimo. Eu mantenho o sangue longe de minhas mãos tanto quanto possível.

— Você quer que eu faça mais alguma coisa? — Eu só quero ter certeza.

Ela balança a cabeça rapidamente. Nenhuma surpresa lá.

— Então não. Eu não vou tocá-lo novamente. Contanto que ele dê o fora de lá.

Ela torce os dedos no colo. — E se ele não fizer isso?

Eu cerro os dentes. — Então eu vou me certificar de que ele o faça.

— Não o matando.

Eu olho. Sondra Simonson colocou o pé no chão sobre algo. Gosto de ouvir o aço em sua voz, quase tanto quanto gosto quando ela cede a mim. — Sim, ok. Vou apenas realocá-lo.

Ela enxuga as lágrimas que secam em seu rosto. — Para onde você está me levando?

— Para o Bellissimo. Vou conseguir uma suíte para você lá - sem custo, sem obrigação. Você precisa de uma cama decente para

dormir. — Eu tingo minha voz com finalidade e ela não discute. Não suporto saber que ela está dormindo na casa com aquele idiota por perto.

Depois de um longo momento, ela dá um suave — Obrigada.

O aperto do meu coração me surpreende. — Por quê?

Ela puxa um fio de seu short jeans. — Estou feliz que você apareceu quando você fez.

Agora eu quero voltar e matar o cara. Não tocá-lo definitivamente não é mais uma opção. Estendo a mão e acaricio sua nuca, acariciando meu polegar ao longo da coluna de seu pescoço. — Você me diz se vir aquele cara de novo.

É a coisa errada a se dizer. Sondra empalidece de novo e sinto um pequeno arrepio percorrê-la.

Inferno. Ela está com medo de mim. Mas talvez seja o melhor. Ela deveria estar com medo de mim. Ela deveria trancar a porta e ficar bem longe.



SONDRA

Estou trêmula e chocada. Talvez seja por isso que não tenho medo de Nico Tacone desta vez. Na verdade, estou me sentindo estranhamente confortada e cuidada, o que é estúpido, porque sei que esse homem é incrivelmente perigoso. Caramba, acabei de vê-lo apontar uma arma para alguém. De novo.

E, no entanto, ele estava me defendendo, então de repente seu perigo se transformou em heroísmo. Eu sei que Corey diria que estou ouvindo *A Voz do Errado* novamente.

E oh Deus! O que Corey dirá sobre Dean?

Ela vai me culpar por isso? Culpar Nico quando Dean sair? Dean vai sair? Espero que sim, para o bem dele, ele o faça. Na verdade, espero pelo bem de todos nós.

Tacone estaciona na frente do Bellissimo e sai do carro. O manobrista corre para abrir minha porta. Tacone joga as chaves para ele. — Tem uma mala no porta-malas.

— Claro, Sr. Tacone.

Ele me acompanha para dentro, contornando a fila para a recepção e caminhando direto para uma estação vazia. O mensageiro nos segue com minha mala. Um dos funcionários se aproxima.

— Eu preciso de uma suíte de cortesia para a Sra. Simonson.

Os funcionários de Tacone são bem treinados porque não há um traço de curiosidade na expressão da recepcionista, apenas uma atitude eficiente e ansiosa por agradar enquanto seus dedos voam sobre as teclas. Ela olha para mim e sorri. — Quanto tempo você vai ficar, Sra. Simonson?

— Hum... um ou dois...

— Indefinidamente. — interrompe Tacone. — Feche-o pelos próximos meses, pelo menos.

Meses? Eu ia dizer noites. Uma suíte no Bellissimo custa US\$ 450 por noite na alta temporada.

— Ok, eu só preciso de uma identidade com foto e cartão de crédito para despesas ocasionais. — diz a recepcionista, olhando para Tacone.

Pego minha bolsa, mas ele balança a cabeça com impaciência. — Sem custo para despesas ocasionais.

O zumbido que começou no meu peito quando ele disse que eu poderia ficar aqui por meses fica mais alto. Nico Tacone vai deixar uma de suas empregadas ficar em uma suíte de luxo e pedir serviço de quarto de graça? Eu sei que ele gosta de mim, mas os sinais de alerta estão tocando.

Tacone parece notar, porque ele me lança um olhar. É um aviso de parte, uma garantia de parte. *Apenas pegue*, ele parece estar dizendo.

— Ok, você é o quarto 853, que fica na torre norte. Pegue o elevador à sua esquerda. — Quando a recepcionista passa o cartão para mim, Tacone o pega e entrega ao carregador, dispensando-o com um gesto de queixo.

O mensageiro se afasta silenciosamente com minha mala. Tacone coloca a mão na parte inferior das minhas costas e me guia em direção ao banco de elevadores. As pessoas olham para nós quando passamos. Ele está vestido com seu lindo terno e eu estou de short jeans cortado e um top. Merda, eu pareço a puta dele?

Meus passos vacilam.

Tacone para e me vira para encará-lo. Um músculo em sua mandíbula se contrai. — Pegue a porra do quarto. — ele dispara, como se já soubesse que eu estava prestes a desistir. Ele me solta e levanta as mãos, os dedos bem abertos em sinal de rendição. — Eu não vou subir com você. Você não precisa me ver de novo. Você não trabalha para mim. Na verdade, você está demitida. E agora você tem um lugar para ficar enquanto resolve suas coisas. — Ele aponta com o queixo em direção ao elevador, onde o carregador está segurando a porta aberta para mim. — Vá.

Ele se vira e vai embora, sem esperar para ver o que vou escolher. Eu hesito. O carregador está com a minha mala, então tenho que ir buscá-la de qualquer maneira.

Eu também posso descobrir como é dormir em uma suíte do Bellissimo.

Só por uma noite.

Amanhã eu posso resolver minhas coisas.

CAPÍTULO SEIS

NICO

Como sou muito obcecado, no dia seguinte verifico se Sondra desistiu ou ficou. Ela não veio, mas ligou dizendo que estava doente.

Eu procuro os feeds de vídeo do cassino até que finalmente a localizo deitada na piscina.

Eu sorrio. Bom para ela.

Mas então eu gostaria de não tê-la encontrado, porque o desejo de sair para o deque da piscina e arrancar aquele biquíni de seu corpo e lambe todos os lugares que o sol não tocou me oprime. E isso é seguido de perto por uma explosão de ciúmes. Porque todo cara no deck da piscina está vendo a mesma coisa que eu.

E algo sobre uma Sondra Simonson seminua é muito mais ousada do que as dançarinas e garçonetes que desfilam pelo meu clube com mais de suas bundas e peitos à mostra.

Eu faço a única coisa razoável - me afasto dos feeds de segurança e vou para o salão, aterrorizando meus funcionários.

Vejo Corey no salão e seus olhos encontram os meus, ousados e confrontadores.

Sim, eu dei uma bronca no seu namorado e disse para ele sair da sua vida. Posso ter um pouco de complexo de deus. Processe-me.

Como estou me sentindo um tirano, vou direto ao gerente, Ross. — Substitua Corey Simonson por um momento. Preciso falar com ela.

— Sim, senhor, Sr. Tacone. — Ross corre até Corey, que está trabalhando na roleta, murmura algo em seu ouvido. Assim que a peça termina, ele intervém para ela, fazendo todos os seus clientes gemerem. As pessoas ficam supersticiosas com relação a sua crupiê, especialmente quando ela é uma ruiva alta e linda.

Corey levanta o queixo e caminha até mim, usando um par de sapatos de salto alto e um vestido preto justo com um decote profundo.

— Você tem algo a me dizer? — Eu exijo assim que ela chega.

Suas pálpebras se abrem por um momento antes que ela

esconda sua surpresa. Ela fica em silêncio por um instante. — Não, senhor.

— Tem certeza disso? — Eu desafio.

Outra batida, então ela balança a cabeça. — Eu não dou a mínima para o que você vai fazer com ele. — Desgosto infunde sua voz e eu experimento um lampejo de simpatia por ela. É incrível como mulheres bonitas acabam tendo perdedores como namorados.

Cazzo, agora estou ficando mole com as outras pessoas também. O que diabos há de errado comigo? Eu definitivamente preciso dormir um pouco.



JENNA

— É hora de fechar o negócio. — declara meu pai. Ele está sentado atrás de sua grande escrivaninha de nogueira, cortando a ponta de um charuto. Fui convocada aqui, para o escritório dele, a princesa da máfia para o rei.

O nó de ansiedade que carrego sob minhas costelas desde que tinha idade suficiente para entender meu futuro aperta tanto que não consigo respirar.

— Júnior Tacone perguntou sobre você. Ele sabe que você se formou na faculdade. Não posso mais adiar.

Eu amaldiçoo as lágrimas que brotam em meus olhos. Mas não é justo. Estou presa a este casamento desde os nove meses de idade. Assinei para me casar com um homem dez anos mais velho do que eu. Um homem que nunca me quis, também.

Acho que esse deve ser meu único consolo.

— Nico perguntou por mim? — Minha voz oscila.

Meu pai acende o charuto e dá uma tragada.

Eu odeio fumaça de charuto. Não suporto a maneira como meu pai sopra na minha direção como se nunca tivesse ouvido falar de problemas de saúde causados pelo fumo passivo.

— Não. Não sei qual é a porra do problema de Nico. Se ele

acha que vai desrespeitar esta família recusando-se a casar com você...

— Mas eu não quero me casar com ele. — lamento pela quadricentésima quinquagésima vez.

Meu pai aponta um dedo imponente para mim. — Você fará o que tiver que fazer para solidificar o vínculo entre nossas famílias. Essa é a única merda que eu peço a você. Não precisa sujar as mãos, não precisa ser soldado como seus irmãos. Você se casa com quem eu disser para você se casar, e você faz isso com classe. A maneira como sua mãe a criou.

E esta é a resposta que ouvi toda a minha vida.

Eu engulo a bile subindo na minha garganta.

— As famílias foram unidas todos esses anos apenas com o contrato de casamento. Não precisamos de um casamento real para solidificar as coisas.

— Suficiente. — Meu pai acena com a mão. — Estou mandando você para Las Vegas. Você diz a Nico Taccone para começar a fazer planos de casamento. A hora chegou.



SONDRA

Depois de três dias de férias de luxo em Nico Taccone, decido que é hora de voltar ao trabalho. E tenho plena consciência do que isso significa.

Ele me avisou, completamente.

Ele também honrou sua palavra e ficou longe. Nenhum contato, a menos que você conte a conversa dele com Corey. Mas não tive nenhuma pista sobre um trabalho profissional e este é melhor do que nada.

Oh, quem eu estou enganando? Voltar ao trabalho significa que decidi me oferecer como um sacrifício virginal a Nico Taccone.

Ele é como um vício. Eu quero ficar longe - realmente quero. Sei que é a coisa certa. Mas a excitação produzida pelo pensamento de vê-lo novamente é muito difícil de resistir. Eu quero estar perto dele

novamente, para chiar e queimar sob a chama de seu desejo por mim.

Saia do trabalho. Volte para Michigan. Use seu diploma, argumenta a voz da razão.

Meu, diz a Voz do Errado, dando patadas no ar na direção da suíte de Nico com garras de gato.

Então eu apareço para trabalhar e arrumo meu carrinho de arrumação como se nada tivesse acontecido.

Se sentindo melhor? — Marisa pergunta.

— Sim. Foi um problema estomacal. — Sinto-me um pouco culpada por mentir para ela, mas o que posso fazer? A história real é muito bizarra para compartilhar com qualquer pessoa, exceto Corey.

Espero que ela se recupere logo da coisa do Dean. Ela veio até a suíte na noite em que aconteceu e nós duas bebemos algumas garrafas de vinho até estarmos amaldiçoando todos os homens e jurando nunca mais deixar uma a outra namorar um perdedor.

O que, é claro, significava que Corey tentou me convencer a desistir de minha paixão por Taccone. Portanto, agora terei que enfrentar o julgamento dela, além de qualquer encrenca em que me meter hoje. Mas ela estará lá para juntar as peças para mim.

Talvez seja essa a lição de tudo isso. Eu escolho homens de merda, mas há pessoas na minha vida que me amam e fariam qualquer coisa por mim. Isso é um presente por conta própria.

Eu limpo as outras suítes primeiro. Na segunda, encontro os caras que vi no primeiro dia.

— É essa mesma. — um deles murmura para o outro enquanto saem e eu entro.

— Quem?

— A faxineira pela qual Nico é obcecado. — A porta se fecha. Não é uma notícia realmente nova. Eu sei que ele tem uma coisa por mim. Mas ouvi-lo dos lábios de um estranho torna-o mais sólido. Mais real. Mais emocionante. Eu tenho um salto no meu passo enquanto eu limpo.

Quando termino, vou para a suíte de Taccone. Ele não está lá, o que é definitivamente o melhor. É um adiamento da execução. Então, por que estou tão desapontada?

Estou quase terminando o último cômodo quando ouço o

cartão-chave de Tacone na fechadura.

Meu coração dispara na minha garganta.

Tacone entra e seu olhar passa pelo carrinho de limpeza, então se vira para me ver. No momento em que nossos olhos se conectam, um choque de pura eletricidade me atinge onde estou.

Há satisfação no pequeno sorriso de Tacone e uma promessa sombria em seus olhos.

Ele espreita em minha direção. — Eu avisei o que aconteceria se você voltasse, certo? — Sua voz é áspera, faminta.

Eu seguro seu olhar. — Você me avisou.

Ele me alcança, balançando a cabeça. — Você pediu por isso. — Ele me pega pela cintura e me joga na banqueta que aconchega o bar do café da manhã. Eu alcanço seu cinto, mas ele agarra meu pulso.

— Não, não. Eu estou no comando, querida. Eu decido quando e como vou te foder. Se vou satisfazer minha fantasia de dobrar você sobre aquele carrinho de limpeza, ou fazer você colocar essas tranças de volta no cabelo e levá-la para o chuveiro. — Ele desliza as palmas das mãos pelas minhas pernas nuas, empurrando a saia do meu vestido de arrumadeira para cima. Quando seus polegares alcançam minha calcinha, ele a desliza levemente sobre o reforço, me provocando.

Minha boceta aperta o ar. Eu agarro seus braços para não cair para trás.

— Isso mesmo, doçura. Você aguenta firme. Porque desta vez não estou me segurando.

O som que sai da minha garganta é irreconhecível.

Ele roça a junta sobre meu clitóris, mal fazendo contato, me deixando louca. — Você trouxe essa boceta para mim para foder? Você sabia que eu não iria deixá-la ir vazia desta vez, não é?

É sujo e grosseiro, mas Deus me ajude, eu adoro isso. Senhor, se Tanner tivesse falado comigo dessa maneira, eu teria rido na cara dele. Mas Tacone consegue porque exala confiança sexual.

Minha cabeça balança quando eu aceno.

Foi isso que me trouxe de volta aqui. Eu quero outro orgasmo de Nico Tacone. Eu só tenho que lembrar de manter minha cabeça

sobre mim e não deixar meu coração se envolver. E para evitar testemunhar qualquer coisa ilegal que possa me colocar em perigo.

Sim, eu sou estúpida. Sou uma idiota com tesão que tem certeza que esta vai ser a melhor transa da minha vida.

Ele enfia o polegar sob o reforço da minha calcinha. — Hum hum. Você está molhada para mim, não está? — Acho que estou mais pronta do que nunca, porque ele desliza o polegar em mim sem nenhuma preparação necessária. Ele geme, suas pálpebras caindo. — *Bambina...* eu estive pensando sobre essa boceta a cada minuto do dia desde o dia em que peguei você aqui pela primeira vez. — Ele me segura pela cintura, inclinando-me para trás e balançando o polegar. — O cassino inteiro cheio de bocetas, mas eu só quero essa.

Minha cabeça cai para trás. Estou equilibrada em meu cóccix, arqueada sobre seu braço, minha parte superior do corpo mantida por meu aperto em seus antebraços.

— E é por isso. Você é *convidativa* pra caralho. Tão *receptiva*. — Seu rosto se contorce como se doesse não estar dentro de mim.

Eu me contorço, querendo levá-lo mais fundo, obter mais fricção. Seu polegar não é suficiente.

— Garota gananciosa. Você quer que eu te foda bem?

— Sim, por favor.

Ele dá uma risada dolorida. — E você, porra diga, *por favor*. Toda vez. A garota mais doce que já tive. — Ele retira o polegar e me puxa para fora da banqueta. — Vire-se, bambi.

Eu giro e coloco meus antebraços na banqueta, empurrando minha bunda para fora. Ele puxa minha calcinha para baixo e depois a tira antes de dar um tapa na minha bunda.

Nunca pensei que sentiria dor, mas depois daquela surra que ele me deu da última vez, não estou apenas pronta para isso, eu desejo isso. Ele bate na minha bunda de novo, e de novo. Cada vez é um choque de dor, um toque de prazer. Estou me afogando em sensações, caindo cada vez mais fundo em um abismo de luxúria e desejo.

— Por favor. — eu choramingo.

Ele dá uma maldição afiada. — Empurre sua bunda para fora, linda.

Minha bunda já está de fora, mas tento arquear ainda mais. Eu ouço o estalo de um invólucro de preservativo e espero enquanto ele rola a proteção. Ele esfrega a cabeça de seu pau ao longo da minha boceta.

Eu o empurro de volta, tentando colocá-lo dentro de mim. Não aguento mais um segundo dessa provocação. Eu preciso de satisfação.

Ele empurra para dentro de mim com um impulso forte e a banqueta se inclina e se endireita novamente. — Porra. — Ele puxa para fora e eu quase choro. Devo ter choramingado, porque ele me acalma. — Está tudo bem, *bambi*. Deite-se sobre o braço do sofá aqui. Eu preciso foder você com mais força do que eu posso aqui.

Eu cambaleio até o sofá e ele me empurra pelo braço e bate na minha bunda novamente.

— Você parece tão perfeita com minhas marcas de mão em sua bunda, Sondra Simonson.

Não sei por que ele sempre diz meu nome e sobrenome, mas adoro. Isso me faz sentir como alguém famoso. Uma estrela de cinema ou um super-herói. Como prometido, ele me penetra tão fundo que eu grito.

Ele fica lá, segurando minha garganta para levantar minha cabeça. — OK?

Ele está checando comigo. Ele pode falar um jogo difícil, mas Nico é atencioso. Quando ele não está apontando uma arma para a cabeça de alguém.

Eu arqueio para trás. — Sim.

Ele não se mexe. — Sim o quê?

Minha mente gagueja, não tenho certeza do que ele quer. — Sim, senhor?

Ele ri. — Baby, você continua me chamando de senhor e você vai se foder até amanhã. Peça-me o que quiser. Quero ouvir você dizer por favor de novo com aquela vozinha doce que deixa minhas bolas tão apertadas.

— Por favor, Nico.

— Porra.

Ele se retira e bate em mim, tirando meu fôlego com a força

disso. É muito áspero, muito duro, mas eu não reclamaria se isso me matasse. Parece tão certo. Tão bom. Ele me fode forte, sua virilha batendo contra a minha bunda como uma segunda surra, seu pau perfurando profundamente dentro do meu canal ensopado.

— Por favor. — Agora que sei o que ele quer, o que o deixa louco, vou continuar dizendo isso.

Ele amaldiçoa novamente e agarra meus braços, arqueando minhas costas enquanto ele bate em mim.

Eu gemo, mas abro mais minhas pernas, trabalho para relaxar meus músculos para receber melhor toda a força de seus impulsos. Minha mente está perdida. Ainda nem gozei, mas estou voando para o espaço sideral. Não, em algum lugar melhor que o espaço sideral. O lugar de nenhum pensamento. Apenas prazer. Apenas um prazer maduro, suculento, satisfatório e pulsante.

— Sim, Nico, *por favor*. — eu lamento.

— Pare de implorar, baby. — Sua voz é áspera. — Pare de implorar ou não vou durar mais, pooooooooorra. — Ele se enterra profundamente e empurra seus quadris contra a minha bunda, gozando.

De alguma forma, ele ainda tem os meios para lembrar que eu não gozei e ele levanta meus quadris do sofá o suficiente para colocar a mão debaixo de mim e esfregar meu clitóris.

Eu saio, fogos de artifício se estilhaçando na frente dos meus olhos, meu corpo convulsionando sob seu toque áspero.

Estou cheia de seu pau, dançando contra seus dedos por longos momentos, por uma eternidade. E então acabou e eu esqueço como respirar.

Caio sobre o braço do sofá, minha visão escurece. Não, meus olhos estão fechados. Não sei quanto tempo eu estou deitada assim, mas Nico relaxa e isso me desperta.

— Venha aqui, baby. Vamos limpar você. — Ele me gira. Mal posso ficar em meus dois pés. Eu definitivamente não consigo me concentrar.

Seu sorriso é indulgente logo antes de ele dobrar a cintura e colocar o ombro no meu quadril. E então estou no ar, jogada sobre seu ombro, minha bunda nua para o céu. Ele dá um tapa enquanto me carrega para o banheiro. Ele me segura como um saco de batatas enquanto abre a torneira do chuveiro, depois me coloca no chão e tira

meu vestido.

— Eu queria te foder aqui, garotinha. Naquele primeiro dia, encontrei você limpando. Coloquei você no chuveiro e fiz tudo o que pude para não me despir e segui-la. — Ele se despe agora e eu fico lá, ainda uma boneca de pano. — Foi totalmente depravado. E então ouvi você chorando e me senti um idiota ainda maior.

Não sei o que dizer, porque é depravado ele querer me foder depois do que fez. E, no entanto, ouvir isso só me traz a emoção de poder que sinto toda vez que ele fala sobre o quanto me deseja.

Este homem incrivelmente rico, poderoso e perigoso pensa que sou sua fraqueza.

Isso me deixa tonta de poder.

E estúpida. Porque se trata apenas de sexo. É uma paixão, por qualquer motivo. E é melhor eu tomar cuidado ou posso me encontrar em perigo real.

— Você realmente não vai me manter prisioneira aqui. — Digo isso como uma afirmação, mas na verdade é uma pergunta. Eu tenho que perguntar, agora que meu cérebro está voltando e a adrenalina do medo está começando a voltar.

Suas pálpebras caem a meio mastro. Ele me empurra para o jato de água e me segue. Encontro-me presa contra a bela parede de mármore italiano e suas mãos deslizam sobre meus seios, descendo pelos meus lados.

— Eu vou deixar você ir? É discutível. Não até eu te foder pelo menos mais uma vez.

Minhas ansiedades desaparecem. Ele não é louco. Ele realmente não iria me amarrar na cama – não se eu não quisesse. Não o cara que parou para se certificar de que eu estava bem quando choraminguei durante o sexo.

Achei que não, mas precisava ter certeza.

Ele pega uma barra de sabão e a ensaboa com as duas mãos, depois passa a espuma nos meus ombros e depois nos meus seios. Ele ensaboa minha barriga, desce pelas minhas coxas, então ele me vira e pega minhas costas, minha bunda.

Ele começa a acariciar entre a fenda da minha bunda.

Minhas pernas, já instáveis, começam a tremer. É embaraçoso

e excitante ter meu ânus tão completamente limpo, massageado e acariciado.

— Aposto que essa bunda suculenta nunca foi fodida antes.

Endureço, porque, sim. Eu sou totalmente virgem anal e definitivamente não estou a fim de desistir dele.

Ele chega à minha frente e segura meu sexo, acariciando a carne macia ali de leve. — Você está com medo. — Ele traz seus lábios ao meu ouvido e então me belisca lá. — Isso não deveria me excitar.

Meus joelhos travam e eu desvio meus quadris para longe dele. Eu definitivamente não quero isso. Especialmente quando parece que ele quer me forçar.

Ele me vira e prende minha garganta com a mão. Ele não aperta, apenas usa para me segurar para um beijo áspero. A água escorre pelo meu rosto, entre nossos lábios. Ele move sua boca sobre a minha, me fodendo com sua língua, torcendo e virando seus lábios sobre os meus, mudando de ângulo, me devorando.

Depois de um momento eu relaxo nele, aberta para o ataque.

Suas mãos deslizam para minha bunda e ele aperta, segurando e amassando minhas bochechas enquanto faz amor no meu rosto.

Seu pau endurece contra a minha barriga. — Eu preciso de você de novo, *bambi*. Você vai me dar como uma boa menina?

Essas palavras não deveriam me excitar, mas o fazem. Minha boceta aperta, o assoalho pélvico se eleva. Eu envolvo uma perna em volta de sua cintura e o convido a entrar.

Ele geme contra meus lábios. — Esqueci-me de trazer um preservativo. — Ele tira minha perna de sua cintura e me empurra contra a parede do chuveiro. — Mova-se desta posição e eu vou bater em sua bunda rosa. *Capiche*⁴?

— Sim. — Estou sem fôlego.

Ele se inclina e me beija novamente, com os lábios duros e torcidos. — Tão doce. — Mas então ele aponta um dedo de advertência para mim enquanto sai do chuveiro. É um gesto que deixa meus joelhos fracos. Provavelmente faz seus inimigos se irritarem, seus subordinados entrarem na linha.

Ele está de volta um momento depois, já colocando a camisinha. Ele se amontoa contra mim, encostando a testa na minha, seu pau cravando entre minhas pernas.

— Você está muito dolorida para isso?

Aí está de novo - a consideração. Não sei porque sempre me surpreende. Acho que é porque no resto do tempo ele pode ser muito duro. É tão atraente, essa mistura de idiota e ternura. Isso o torna além de atraente.

Estou muito dolorida, mas não posso recusar mais sexo. Não porque eu não queira decepcioná-lo. Porque eu preciso disso. Mesmo com os orgasmos que ele já me deu, estou com fome de mais. Quer saber como essa cena termina.

— Não muito dolorida. — Minha voz soa áspera.

Ele pressiona o dedo na minha boca e eu chupo. — Eu não sou gentil, *amore*. É melhor você saber disso.

Ele puxa o polegar o suficiente para eu responder: — Você está me avisando de novo?

Ele chuta meus pés mais largos, então levanta minha coxa, mas em vez de colocá-la em seu quadril onde estava antes, ele dá um tapa em minha boceta.

Eu suspiro. Meus mamilos endurecem como pontas de diamante.

Ele bate entre as minhas pernas novamente. É algum tipo de punição, mas não sei para que serve. Ou talvez ele apenas goste de me machucar.

Não me surpreenderia se o chefe da máfia fosse um sádico. Seu mundo é crime e violência.

Mas então ele funde sua boca sobre a minha e alinha seu pau com a minha entrada. — Pegue, então. — Sua voz é rouca e profunda. Ele empurra, me enchendo.

Jogo meus braços ao redor de seus ombros e arranho sua nuca. Ele empurra para cima, levantando meu outro pé do chão do chuveiro. Eu enrolo em torno de sua cintura e ele segura minha bunda. — Você vai cavalgar bem no meu pau, *bambina*?

Minha boceta apertada, mesmo quando estou ofendida. É assim que ele fala com as prostitutas que costuma usar?

Mas então eu esqueço minha ira no momento seguinte porque ele começa a murmurar contra o meu pescoço enquanto entra e sai. — Tão doce. Tão bom pra caralho. Essa boceta pode salvar um homem, juro por *Madonna*.

Minhas costas pressionam contra a parede do chuveiro e ele guia meus movimentos, levantando e abaixando-me enquanto ele direciona seus impulsos para dentro de mim.

O calor da água e do vapor, combinado com o sexo frenético me deixa tonta.

Nico é rude, sem dúvida. Não tenho controle sobre nossos movimentos, ele está dirigindo e sabe exatamente o que quer e o que está fazendo. Meus gemidos ficam cada vez mais altos e então estou apertando seu pau, batendo em seu ombro.

— Não goze. — ele ordena. — Porra, não goze até que eu mande.

Mais uma vez, estou ofendida. Não sei dizer se é para ser quente ou se ele é tão controlador. Exceto que está quente. Tão gostoso que não posso deixar de obedecê-lo, só porque preciso saber qual será a recompensa pela obediência.

Só porque estou desesperada para colher minha recompensa.

Nico está ofegante, empurrando com mais força e mais rápido, achatando-me contra o azulejo frio, a barba por fazer raspando e arranhando meu pescoço.

Ele move uma das mãos na minha bunda para acariciar minha fenda e eu estremeço quando uma onda de sensação chia através de mim.

Meu coração bate muito rápido, muito forte. Estou com muito calor - temo que vou desmaiar com o vapor e o sexo. Ele continua passando a ponta do dedo no meu ânus, e a sensação me inflama.

Um rosnado baixo ecoa nas paredes do chuveiro e seus movimentos ficam espasmódicos. Ele murmura uma série de maldições imundas - metade em inglês, metade em italiano. Então ele ruge e empurra profundamente, mordendo meu pescoço enquanto goza.

Ao mesmo tempo, o bastardo rompe meu ânus com a ponta do dedo.

Eu quero odiá-lo, mas é bom demais. A sensação na minha

bunda é terrível e incrível. Eu disparo como uma espingarda, gozando ao redor de seu pau grosso enquanto seu dedo relaxa em um movimento suave de bombeamento.

Engasgo com um grito estrangulado, minhas coxas apertando forte o suficiente para quebrar seus quadris enquanto meu canal espasmódico ordenha seu pau para qualquer fluido remanescente.

E quando para, estou destruída. Um soluço baixo vem da minha garganta. Lágrimas ardem em meus olhos, mas são apenas do lançamento. Da incrível liberação orgástica que muda a vida.

Tacone canta alguma coisa em italiano e desliga a água. Ele me carrega para fora do chuveiro luxuoso e coloca uma toalha em minhas costas molhadas.

Quase não registro o que está acontecendo. Meu corpo está mole e minha mente não voltou da minha viagem ao espaço sideral.

Nico me deita de costas em sua cama gigante e enrola as pontas da toalha na minha frente. Então ele cai ao meu lado. Antes que meu cérebro se afaste da agitação da névoa, seus roncos cortam o quarto.

Acho que sexo bom é sempre a cura para a insônia.

Sorrindo, eu me afasto dele e saio da cama, então encontro minhas roupas na sala e me visto.

Não terminei de tirar o pó, mas pulo. Tenho certeza que ele não vai me denunciar.

Na verdade, talvez ele me castigue por isso.

E esse pensamento me fez sorrir ainda mais.

Eu empurro meu carrinho de arrumação para fora. Tony, seu guarda-costas corpulento, está saindo do elevador em direção ao quarto de Nico. — O Sr. Tacone está aí? — ele pergunta.

— Sim, mas ele está dormindo.

Tony para em seu caminho, então se vira para mim com interesse queimando em sua expressão. Ele observa meu cabelo molhado, minhas bochechas coradas. Eu o ignoro, apertando o botão do elevador várias vezes.

Tony encosta as costas na porta de Nico. — Você tem algo a ver com ele dormindo?

Eu dou de ombros, mas não consigo parar o sorriso brincando em meus lábios. — Talvez.

Tony balança a cabeça. Estou pensando que ele vai dizer algo ofensivo, mas em vez disso ele suspira: — Graças a Deus.

O elevador apita e as portas se abrem. Eu escapo para dentro com meu carrinho, ansiosa para ligar para Corey e contar tudo a ela.

CAPÍTULO SETE

NICO

Há uma mola real em meu passo enquanto caminho pelo meu cassino no dia seguinte. Dormi dezesseis horas e acordei com um tesão forte o suficiente para martelar uma unha. Eu também não me permiti masturbar, porque agora que finalmente mergulhei meu pau na boceta apertada de Sondra, nada mais vai servir.

Eu sabia que seria assim.

É melhor ela não fugir, porque não vou deixá-la escapar de minhas garras agora.

A primeira coisa que fiz quando acordei foi me certificar de que ela não tinha saído da suíte em que a coloquei. Ela não tinha. E seu crachá de funcionária estava no quarto, então havia boas chances de que ela estivesse lá, ainda dormindo.

Tudo parece estar em perfeita ordem no cassino. As coisas continuaram sem mim. Paro no escritório comercial para verificar a renda da noite anterior e começo a responder às quarenta e sete mensagens que recebi enquanto dormia como um urso em hibernação.

Enquanto isso, estou faminto.

E de alguma forma, acabo no oitavo andar, do lado de fora da suíte onde coloquei Sondra. Eu puxo meu cartão-chave para fora.

Sou um idiota de primeira classe por não bater. Eu definitivamente não estou agindo como o cavalheiro que minha mãe me criou para ser. Mas não posso negar o prazer que isso me dá - a pura sensação de poder e propriedade, de deslizar meu cartão-chave na fechadura e abrir a porta.

Desculpe, bambina. Eu avisei que eu era problema.

É outra merda de sonho molhado, porque encontro Sondra de calcinha e sutiã, de pé diante do espelho do banheiro. Sua cabeça se levanta surpresa, mas não lhe dou chance de dizer nada, porque estou andando em sua direção como um homem faminto indo para sua próxima refeição.

Ela é um anjo, seus lábios carnudos se abrindo em surpresa, olhos azuis arregalados, mas não assustados.

Não, eles estão confiando.

E isso deve trazer meu bom senso de volta o suficiente para ter alguma decência. Para tratá-la com algum respeito e cortesia.

Mas, em vez disso, apenas alimenta minha luxúria enlouquecida por ela.

Ela vai me deixar.

De novo.

Está escrito no rosto dela.

Eu me movo direto para pegar. Enrolo meu punho na parte de trás de seu cabelo macio e puxo sua cabeça para trás para um beijo ao mesmo tempo em que uno meu corpo ao dela.

Ela se abre para isso. Seus lábios se movem contra os meus, eu juro por Cristo, ela empurra sua pélvis para me encontrar.

— Baby. Você é linda demais. — Eu a fodo com a boca mais forte, com mais insistência. Eu a coloco contra o balcão do banheiro e levanto sua bunda macia sobre ele. — Você vai abrir essas pernas para mim de novo, querida? Já estou viciado na sua boceta.

Ela abre os joelhos, arqueia os seios para mim.

Eu rosno e empurro os bojos de seu sutiã para baixo para brincar com seus mamilos. — Eu dormi a porra da noite toda. Desde o momento em que você saiu até as 6 horas desta manhã.

Ela provavelmente não tem ideia do que estou falando - como ela saberia que não durmo há meses?

Mas ela sorri, como se estivesse genuinamente feliz em ouvir isso. — Eu sei. — Ela realmente parece presunçosa. É tão adorável que tento beijar os lábios dela.

Eu trago a ponta do meu polegar entre suas pernas e acaricio a pequena amostra de cetim que me separa do céu. — Como está sua doce boceta hoje? Ainda ferida?

Ela chupa o lábio inferior entre os dentes, o que faz meu pau grosso ficar rígido. — Sim.

— Você vai me deixar entrar lá de novo, de qualquer maneira?

Ela não responde, então eu me inclino e passo minha língua sobre seu mamilo. — Precisa de algum convencimento primeiro?

Ela entrelaça os dedos no meu cabelo. — Sim.

Desafio aceito. Ainda não consigo tirar da minha cabeça o som do seu doce *sim, por favor*, de ontem. Mal posso esperar para fazê-la me implorar por satisfação novamente.

Continuo acariciando levemente sua calcinha enquanto chupo e belisco seu mamilo direito. É pedregoso - tem sido desde que entrei. — Bambi, você tem o melhor par de seios em Nevada. Provavelmente o único conjunto real também.

— Os de Corey são reais.

— Os de Corey não são tão quentes quanto esses. — Não quero que minha garota se compare com a prima. Talvez ela não - eu realmente não sei. Mas Corey tem uma beleza exótica que pode deixar algumas garotas com inveja. Não faz nada para mim. Sondra é meu novo e único modelo para a mulher perfeita. Inteligente, sexy, estranhamente doce. Um pouco impertinente. Boa demais.

A necessidade de possuí-la me oprime. Eu quero girá-la e bater nela com força por trás, mas eu disco de volta. Tenho grandes planos que a envolvem implorando e gritando pelo meu nome.

Eu me movo para seu mamilo esquerdo. Sua calcinha fica úmida sob meu polegar. Eu deslizo para dentro e toco seu clitóris.

Seus dentes se fecham e ela joga a cabeça para trás. — Você gosta disso?

Ela balança a pélvis para frente.

— Hum?

— Uh huh.

— Você precisa da minha língua entre essas pernas?

— Um... — Ela está puxando minha boca de volta para seu mamilo.

— Eu acho que você faz. Espalhe mais, Sondra. E puxe sua calcinha para o lado para que eu possa sentir seu gosto.

Seus joelhos se abrem e ela puxa a calcinha.

Juro por Cristo que nunca pensei que me encontraria de joelhos por qualquer garota. Agora, duas vezes em dois dias, contorci meu corpo para pegar essa boceta mágica. Eu faria qualquer merda só para ter outro gosto. Eu jogo uma toalha dobrada no chão e caio,

puxando sua boceta bem contra a minha boca.

Duas lambidas e ela está gemendo, puxando meu cabelo. Sua boceta fica molhada, molhada, molhada, não é só da minha língua. Eu bato em seu clitóris enquanto deixo minha língua rígida e a penetro com ela. Então eu lambo ao longo de sua entrada, traçando os lábios internos. Quando eu finalmente sugo minha boca sobre seu clitóris, ela grita.

— Por favor, Nico! — Ela prende as coxas em volta das minhas orelhas.

— É isso.

Não posso esperar mais. Eu me levanto e a puxo para fora do balcão, girando-a para encarar o espelho. — Empurre essa bunda para mim, garotinha.

Ela obedece.

Eu puxo sua calcinha para baixo e a tiro e empurro seus pés mais largos. Não consigo colocar a camisinha rápido o suficiente. — Acaricie seus mamilos. — eu ordeno enquanto o rolo sobre meu comprimento.

Consigo observar seu rosto no espelho quando a penetro, a forma como sua boca se suaviza e o queixo cai. A vibração de seus cílios enquanto seus olhos reviram para o céu. Eu a encho lentamente, alimentando centímetro após centímetro em seu canal apertado.

Ela choraminga e arqueia mais as costas.

— Isso dói?

— Não. — Ainda soa como um gemido. — Eu só quero tanto isso.

Ah, porra. Ela não deveria ter dito isso. Porque agora não consigo me segurar - nem por um segundo. Eu agarro seus quadris e começo a transar com ela como se não houvesse amanhã. Tenho o cuidado de proteger a frente de sua pélvis de bater contra o balcão de mármore, o que significa que tenho que manter seus quadris afastados. Não é o suficiente. Não consigo bater com força suficiente, não consigo aprofundar o suficiente.

Eu passo um braço em volta da cintura dela para que seus quadris batam no meu braço em vez do balcão e agora eu posso transar com ela o mais forte que eu preciso.

Minha visão fica embaçada, minhas coxas já estão tremendo. Eu bato nela, luzes explodindo atrás dos meus olhos a cada golpe.

Eu preciso dela.

Eu preciso disso.

Muito.

Não posso parar. Mal posso esperar. Nem consigo...

Eu rugo, sêmen descendo pelo meu pau. Bato fundo e fico lá, meus lábios contra a parte de trás de sua cabeça.

É tão gostoso que esqueço completamente de satisfazê-la.

Felizmente, ela descobriu por conta própria, porque sua boceta começa a apertar meu pau, os músculos se contraindo em rajadas curtas de perfeição.

Eu poderia morrer naquele momento e ser feliz.

Sou um homem que tem todas as coisas materiais e nem um pingo de prazer em sua vida. Nem uma maldita gota de felicidade.

Mas agora, neste momento, estou animado. Voando, mesmo.

Eu fecho meus olhos e ouço meu próprio batimento cardíaco batendo contra suas costas. Ele diminui com a respiração dela.

E então eu sou grato. Beijo seu pescoço, seu ombro, sua orelha. Eu encontro sua têmpora e pressiono meus lábios lá. — Obrigado. — murmuro. Não é do meu feitio agradecer a ninguém. Eu não sou esse cara.

Eu sou o idiota que pega o que quer.

E eu acabei de fazer.

Mas agora estou agradecendo a ela. Eu faria qualquer coisa que ela me pedisse neste momento.

Que porra há de errado comigo?

— Você quer um pouco de comida, baby?

— Eu não tenho tempo antes do trabalho. — ela murmura.

Algo se fecha em meu plexo solar. Não suporto mandá-la trabalhar depois do que acabamos de fazer. Especialmente para não trabalhar para mim. Especialmente não limpando. Minha garota não deveria estar limpando quartos para viver. Ela é a porra de uma

professora.

Eu posso ter tido um pequeno fetiche por ela andando pela minha suíte naquele vestidinho rosa apertado, mas parece totalmente errado.

Ainda assim, não posso oferecer dinheiro a ela por sexo. Eu não vou fazer dela uma prostituta.

— Você não está trabalhando hoje. — eu rosno.

Ela endurece, seja pelo meu tom mandão ou pelo que eu disse, não tenho certeza. Seu cabelo cai sobre o rosto, escondendo-o da minha visão. — Acabei de ligar dizendo que estava doente três dias seguidos. Acho melhor eu aparecer. — Ela levanta a cabeça e encontra meus olhos no espelho. — E você não está ligando para mim. Não quero que as pessoas saibam que estou dormindo com o chefe.

Minha mandíbula aperta e eu me afasto para jogar fora a camisinha. O punho em meu plexo solar aperta com mais força. Tudo está errado sobre isso, mas não consigo descobrir como consertar. E até tive uma boa noite de sono. Foda-se, essa garota me deixa louco por ela.

Eu quero dizer que *você está demitida*. Realmente quero. Mas eu sei que ela precisa do dinheiro. E também, eu sou um bastardo terrível e egoísta e a pior parte de mim quer mantê-la aqui, sob meu controle. Sob minha vigilância. Gosto que ela me chame de chefe, por mais errado que seja.

Eu abotoo minhas calças e tiro meu telefone do bolso. Ligo para Samuel, o chefe de limpeza, enquanto Sondra contorna atrás de mim e se veste.

— Escute, preciso falar com você sobre Sondra Simonson, a faxineira que limpa as suítes da cobertura.

— Sim, Sr. Tacone.

Como vou fazer isso funcionar de uma forma que não irrite Sondra ou a envergonhe? Pode não ser possível. Samuel vai ter que saber que estou transando com ela.

Sento-me na beira da cama para observá-la se vestir. — Estou testando-a para um novo cargo. — Estremeço quando Sondra se vira e me encara. — Ela não terá tempo para limpar as outras duas suítes da cobertura. Só minha. Tenho algum assistente pessoal adicional e trabalho para ela fazer quando estiver na minha suíte.

Sondra coloca as mãos nos quadris. Seus lábios pressionam em uma linha fina.

Coloco o telefone no viva-voz para que ela ouça com que calma Samuel leva isso. — Claro, Sr. Tacone. Começando hoje?

— Sim. Já falei com ela sobre isso, mas você pode dizer a ela para se reportar diretamente à minha suíte quando começar.

— Alguma mudança em sua hora?

— Sim, duplique.

Samuel pigarreia. — Absolutamente. Vou avisar o RH, a menos que você já tenha feito isso.

— Eu não tenho. Diga a eles para torná-la efetiva hoje, mas esta nova posição está em caráter experimental.

— Entendido. Qual é a duração do período experimental?

Volto meu olhar para Sondra. Quanto tempo posso ficar com ela? Quanto tempo antes de ela ficar mais esperta e ir embora? Antes que ela encontre o tipo de trabalho que merece? Antes que eu pare de arruinar a vida dela?

— Quatro semanas.

— Obrigado, Sr. Tacone.

Desligo sem agradecer de volta, porque eu sou esse tipo de idiota.

Sondra parece dividida entre ficar chateada e chorar. Tragicamente, é um olhar que coloquei em seu rosto antes. Várias vezes.

Eu estendo meus braços. — Venha aqui, por favor.

Lá. Eu até disse, *por favor*.

Ela provavelmente teria vindo sem ele, mas estou tentando acalmá-la. Ela caminha até mim, cautela piscando em sua expressão.

Eu a puxo para ficar entre minhas pernas e acaricio os lados de seus quadris. — Ele não pensa em nada, baby. Ele sabe que eu pregaria o pau dele na parede se ele pensasse em pensar em algo sobre minha vida pessoal.

Seus lábios se curvam em um sorriso relutante. — O que é esse trabalho de assistente pessoal?

Eu deslizo minhas mãos ao redor para segurar sua bunda. — Eu não vou pagar para você fazer sexo comigo, baby. Porque isso seria um insulto, e eu já te ofendi dessa forma antes. — Deslizo minhas mãos por suas coxas, depois por dentro da saia. — Eu simplesmente não poderia ter você nos quartos daqueles outros caras. Eu teria que matá-los por olhar para você nesse vestido. E eu daria uma surra em sua bunda por fazer qualquer tipo de serviço para outro homem. Mesmo que seja o seu trabalho. Entendeu?

Ela se mexe, apertando as coxas como se eu tivesse acabado de excitá-la, em vez de vomitar alguma besteira possessiva irracional que deveria fazê-la correr para as colinas.

— Ok. — diz ela. — Obrigada, eu acho.

Eu pego o telefone de volta e olho para a hora. — Então você vai bater ponto e eu vou pedir serviço de quarto. O que você quer para o café da manhã?

Seu rosto se abre em um sorriso brilhante que me faz querer ficar de joelhos e lambê-la até que ela grite de novo. — Panquecas e bacon. E as frutas e chantilly. E meia toranja.

Aperto seu quadril e me levanto para lhe dar um beijo rápido. Eu quero estragar essa garota, o fato de que ela está me deixando desta vez produz uma satisfação quase tão poderosa quanto reivindicá-la.



SONDRA

Ele não pode ficar longe de mim. Eu não deveria estar tão tonta com isso, mas estou. Sei que essa montanha-russa provavelmente terminará em desastre, mas não consigo sair dela.

Eu vou para o escritório de limpeza para bater ponto. É claro que Nico está me tratando com condescendência, mantendo-me como sua empregada pessoal. Se eu tivesse algum orgulho ou bom senso, levaria minha bunda de volta para a casa de Corey e me recusaria a realizar suas fantasias de foder a empregada.

Especialmente considerando os olhares que recebo das outras empregadas quando apareço.

Porra. Todos os 6.080 funcionários do Bellissimo provavelmente já sabem que estou dormindo com o chefe.

Eu bato o ponto e empurro o carrinho de limpeza até a suíte da cobertura de Tacone. Ele ainda não chegou, eu começo rápido, querendo terminar rápido caso ele queira sair.

O serviço de quarto chega antes dele. É estranho atender à batida, mas o garçom se curva. — Bom dia, Srta. Simonson. Onde você gostaria da comida?

Oh inferno santo. Ele está dando o meu nome à sua equipe. Aponto para a mesa na parede das janelas e ele a deixa lá.

Nico chega alguns minutos depois. Estou de volta ao quarto, arrumando a cama. — Que porra você está fazendo? — ele exige.

Eu deveria estar acostumada com sua maneira rude agora, mas não estou. Ainda assim, jogo minhas tranças quando me viro. — O que você quer dizer?

— Eu convidei você para o café da manhã, não para limpar a porra do meu quarto.

— Eu pensei que você gostava de me ver limpando.

Seus lábios se contraem. Ele estende a mão e meus pés se movem para obedecer ao gesto antes mesmo de minha mente considerar se é sábio. Eu coloco minha mão na dele e ele me leva até a sala e puxa uma cadeira da mesa para mim. — Eu definitivamente quero, *bambina*. Mas não quero que você se sinta uma prostituta. — Seu tom ainda é curto. Impaciente. Ele também não se sentou à mesa comigo. Tenho a sensação de que ele não vai ficar.

— Então eu deveria realmente fazer meu trabalho, certo?

Ele suspira. — Não, foda-se. Sejamos honestos. Eu quero que você seja minha prostituta. Você vai vestir essa roupa e andar por esta suíte para mim, eu pago qualquer quantia que você me pedir - na folha de pagamento ou em dinheiro. Então agora você sabe. Pense nos seus termos.

Eu o encaro, atordoada demais para falar.

— Ouça, eu tenho que ir - a merda surgiu. Tenho família vindo para a cidade hoje à noite, mas posso levá-la para jantar amanhã?

Estou cambaleando. O bom senso diz para dar o fora daqui. *A Voz do Errado* diz: — Claro.

— Bom. Pego você às seis. — Ele pega um morango do prato de frutas vermelhas e o leva aos meus lábios.

É difícil encontrar a intensidade de seu olhar escuro enquanto dou uma mordida.

Nico vira o morango mordido e olha para ele, então abre a boca e termina o que sobrou.

Um arrepio percorre minha espinha. Mas isso é estúpido. Era apenas um morango. Não é como se ele tivesse acabado de completar algum ritual da máfia que me ligasse para sempre a ele.

CAPÍTULO OITO

NICO

Eu sou como um cavaleiro Jedi⁵. Juro que sinto a ondulação no campo de força quando meu irmão entra no estado. Não sou mais o rei da minha colina.

O cachorro grande está na cidade.

Junior é o primogênito, dez anos mais velho que eu e assustador pra caralho. Quando criança, havia momentos em que eu tinha certeza de que ele me mataria. Ele segurava minha cabeça debaixo d'água na piscina até que eu comesse a desmaiar, ou sentava em mim e batia nas minhas orelhas até que eu fizesse tudo e qualquer coisa que ele me pedisse. Nosso pai não disse para ele parar, provavelmente porque criou Junior e meus outros irmãos da mesma forma. A violência faz parte do nosso mundo. Também fazia parte da nossa vida familiar.

Eu nunca descontei minhas merdas no meu irmão mais novo, no entanto. Cuidei de Stefano, protegi-o de nossos irmãos mais velhos, primos e pai. E em troca, ele se tornou para sempre leal a mim. Estávamos separados por três anos, mas unidos. Sua fé em mim é provavelmente a razão pela qual tive a coragem de tentar fazer algo diferente em vez de seguir os passos de meu pai.

E tenho minimizado meu sucesso aos olhos da família desde então. Porque a última coisa que quero é o resto deles entrando no meu território.

Então, a chegada de Junior me deixa nervoso.

Enviei Tony em uma limusine para buscá-los no hangar e ele me mandou uma mensagem dizendo que estava a caminho do cassino. Desço até a frente para cumprimentá-los pessoalmente, porque a família recebe o tratamento real.

Meus funcionários me cumprimentam com deferência. Os manobristas e carregadores param de tagarelar e ficam eretos como a porra dos soldados britânicos protegendo a rainha.

Quando a limusine estaciona, eu mesmo abro a porta traseira, ajudando minha mãe a sair do veículo. Recebo quatro beijos na bochecha, de um lado para o outro, muitas saudações com amplos gestos de mão.

Mesmo estando perto dos soldados que tirei de Chicago - Tony, Leo e meu primo Sal - fico impressionado com o quão *siciliana* minha mãe é. Vegas me influenciou, suavizou o ar do velho mundo que ainda paira sobre Junior e minha mãe.

Recebo um forte abraço de Junior. Tony joga as chaves para o manobrista e garante que o carregador pegue as malas no portamalas. Eu os acompanho até suas suítes de luxo, ouvindo a conversa da minha mãe durante todo o caminho sobre as últimas novidades de cada membro da família. Estou apenas ouvindo pela metade até que ela diz: — A garota Pachino está fora da faculdade agora, Nico.

Apenas uma longa prática de esconder emoções do olhar estreito de meu irmão mais velho me impede de mostrar qualquer coisa em meu rosto. Estamos no elevador, o que torna tudo ainda mais opressivo. — Oh sim? Bom para ela.

— Você precisa entrar em contato com Giuseppe. — diz Junior. — Eu já tenho.

Os músculos do meu pescoço enrijecem. Agora é a hora. Estive em silêncio sobre esta questão por muito tempo. — Sim, eu irei. Eu não vou me casar com ela.

Minha mãe fica imóvel e Junior gira totalmente para me encarar. — Porra você não vai.

— Você não é o chefe. — eu rosno.

A expressão de Junior se torna fria e dura. Eu o vi matar usando aquele mesmo olhar amortecido.

Enfio as mãos nos bolsos e abaixo o olhar, forçando-me a parecer mais simpático. — Escute, vou falar com Pops sobre isso. Acho que podemos chegar a algum outro acordo que seja igualmente benéfico para os Tacones e os Pachinos.

Lá. Eu disse. E isso é tudo que tenho em minha defesa. Não tenho outras ideias porque esse é um assunto sobre o qual me recusei propositalmente a pensar durante a maior parte da minha vida.

O elevador chega ao andar deles e eu os escolto para fora.

Junior bufa. — É melhor você fazer isso logo, então. Conversei com Pachino na semana passada. Ele está esperando a conclusão.

Acho difícil que Pachino esteja tão ansioso quando ninguém me disse uma palavra sobre isso desde que a garota fez dezoito anos. Se estivessem com pressa, teriam empurrado a questão há quatro

anos.

Eu corro meus dedos pelo meu cabelo.

Cazzo.

— Eu cuidarei disso.

— Seria melhor. — A pedra em sua voz é do tipo que deixa os homens de joelhos.

Eu deslizo o cartão-chave na fechadura do quarto da minha mãe e abro a porta. — Depois de você. — murmuro e ela começa novamente em seu relatório ofegante sobre tudo e todos em casa.

CAPÍTULO NOVE

SONDRA

— Mudei de ideia. — digo a Corey, meu celular preso entre minha orelha e meu ombro enquanto ando pela varanda da minha suíte Bellissimo. — Eu não quero ir neste encontro.

— Ok, então você não precisa. — diz ela pacientemente. — Você não tem que ficar lá. Você não precisa trabalhar lá. Eu vou buscá-la agora mesmo.

Ela parou depois de seu turno mais cedo e eu a atualizei. Agora liguei para ela em casa para conversarmos mais um pouco.

Eu espio pela borda da varanda na rua movimentada abaixo. — Uma aventura rápida e louca com Nico Tacone é uma coisa, mas sair com ele? É uma má ideia.

— Concordo. — diz Corey. — Então cancele o encontro.

— Eu nem tenho o telefone dele. Tenho que esperar até que ele apareça.

— Com o que você está realmente preocupada? Apenas diga, mesmo que você ache que soa estúpido.

Corey me conhece tão bem.

— Eu não tenho nada para vestir. — eu deixo escapar. Não é bem disso que se trata, mas parece simbolizar meu dilema. Eu não estou preparada para lidar com Nico Tacone e tudo o que pode significar ir a um encontro com ele.

Não estou nem remotamente preparada para ser namorada de um chefe da máfia. E eu com certeza não deveria estar transando com um.

Este é um homem que carrega uma arma em um coldre debaixo do braço. Um homem envolvido com o crime e o submundo. Um assassino.

Uma batida soa na porta.

Merda!

Ainda estou de sutiã e calcinha, quinze roupas vestidas e descartadas pelo quarto.

- Ele está aqui. — eu sussurro com urgência no telefone.
- Diga a ele que você não se sente bem.
- Mas eu sou uma péssima mentirosa.
- Apenas diga a ele...

O cartão-chave desliza na fechadura e a porta se abre. Certo. Porque ele tem uma chave e agora é meu dono. E eu deixei isso acontecer. Fiquei tonta com isso, na verdade.

Tacone repara na minha falta de roupa e fecha a porta rapidamente atrás de si. Seus olhos brilham, escuros e sérios. Ele está com o mesmo terno desta manhã, finamente cortado para caber em seu corpo grande e poderoso.

— Você não está pronta. — Ele parece desapontado, como se eu fosse uma funcionária errante que não seguiu as instruções.

— E-eu não tenho nada para vestir. — Opto pela verdade, passando a mão pelo quarto destruído onde minhas roupas descartadas estão penduradas em todas as superfícies.

Sua boca se contrai. Ele caminha lentamente pelo quarto, como se fosse o dono do lugar. O que faz sentido porque ele faz. Ele pega uma saia jeans e joga para mim. — Isto e... — Ele encontra uma blusa sem mangas na cama — ...Isto.

— Ouça. — eu digo, meu coração de repente batendo forte. — Eu não acho que isso vai funcionar.

Seus olhos se estreitam. — Tarde demais. — Ele levanta o queixo. — Vista a roupa, tenho uma surpresa para você.

Quando ainda hesito, ele vem e pega a blusa e a puxa pela minha cabeça. — Vamos. Você vai gostar, eu prometo.

Estou quase aliviada por ter tomado a decisão fora de minhas mãos. Ele não está me dando escolha, está?

Exceto que, no fundo, tenho certeza de que ele me deixaria escapar se eu fosse sincera. Ele sabe quando estou falando besteira.

Coloco a saia jeans e minhas sandálias de plataforma, o que faz Nico olhar para cima e para baixo com aprovação em minhas pernas. Ele dá um tapa na minha bunda quando passo por ele até a porta. A queimação e o formigamento me fazem corar.

- Qual é a surpresa? — Eu pergunto.

Ele sorri. — Jantar primeiro. Então a surpresa. — Ele me acompanha até o restaurante da cobertura, o restaurante requintado do cassino. Puxo minha saia quando entramos, me sentindo mal vestida.

— Pare com isso. — Ele se inclina e murmura em meu ouvido. — Você está linda.

A equipe se esforça para nos encontrar a melhor mesa da casa, uma que tenha vista para toda a avenida, no entanto, esteja escondida em um canto para privacidade. Ele pede um uísque Yamazaki do qual nunca ouvi falar e eu peço o tinto da casa. Ele balança a cabeça. — Traga para ela o Bannockburn Pinot 2003.

— Claro, Sr. Tacone.

Quando levanto uma sobrancelha, ele pisca. — É bom.

— Você conhece seus vinhos.

Ele encolhe os ombros largos. — Faço questão de saber tudo o que é servido, falado ou acontece neste cassino.

Um formigamento de consciência pica a base da minha espinha. O refrão que sempre volta toca na minha cabeça. Este é um homem perigoso. Nunca esqueça.

Eu olho para ele, então examino a sala. Eu nem sei que tipo de conversa fazer. Perguntar sobre o negócio dele provavelmente não é legal, considerando a maneira como ele me abalou no dia em que nos conhecemos.

A próxima vez que meu olhar se move para o dele, ele trava. Ele está olhando para mim com aquela intensidade ardente que faz meu estômago dar cambalhotas. — Conte-me tudo, Sondra Simonson. Quero saber o que te motiva.

Não vou cair na bajulação hoje. — Você primeiro. — eu ousou. — Não sei nada sobre você, exceto que você tem muito a esconder e uma queda por garotas de limpeza.

Seus lábios se contraem. — Não garotas. Só você. E você não é a porra de uma faxineira.

— O que eu sou então?

Estou esperando alguma definição de nosso relacionamento, mas ele franze a testa.

— Você é uma professora de história da arte que de alguma

forma caiu no alçapão do meu cantinho do inferno.

Se ele está tentando me assustar de novo, não funciona. Eu superei suas ameaças. Ainda estou aqui. Eu quero saber o verdadeiro Tacone agora. — Diga-me algo real. Não sobre negócios. Sobre você.

Suas sobrançelhas voam para cima. — Ok... eu tenho um irmão visitando de Chicago que me dá uma surra. Estou contando os minutos até ele ir embora. — Ele esfrega a mão no rosto. — Isso é apenas entre você e eu, é claro.

— Mais velho?

— Sim, claro. Acha que é o chefe da família.

— Porque seu pai está na cadeia. — Quando Tacone olha para mim bruscamente, eu dou de ombros. — Eu sei com o Google *Família Tacone Crime*.

Seu rosto relaxa em um sorriso fugaz. — Sim, exatamente.

— Deve ser difícil, todos esses machos alfa em uma família.

Uma risada irrompe dele, profunda e rica. O maître e os garçons olham surpresos, como se não soubessem que ele era capaz de rir. Eu me torno objeto de olhares curiosos.

— Sim, eu acho. Eu gosto de estar no comando. Sou o quarto filho, então sabia que nunca herdaria o reino. Acho que foi por isso que me esforcei tanto para me livrar deles. Ou o mais livre que pude. Fora do estado, minha própria operação. Foi uma maldita necessidade.

— Então, quantos irmãos ao todo?

— Cinco.

— Nomes? Ordem?

Seus lábios se contraem. — Você realmente quer saber essa merda? — Quando eu aceno, ele sorri novamente. — Ok, preste atenção. — Ele levanta a mão para contar nos dedos. — Junior é o mais velho. Depois Paolo, depois Gio. Eu sou o próximo. Stefano é o último. Alessia é o bebê.

— Sua mãe estava esperando por uma menina.

Ele ri novamente. — Exatamente. Difícil de acreditar que o resto de nós não a quebrou, não é?

Eu gosto de como seu rosto fica suave quando ele fala sobre

sua mãe. Parece-me um bom sinal. Um homem que ama sua mãe tratará bem uma mulher. Pelo menos é o que diz a sabedoria convencional.

— Ela está aqui visitando, também. Meu irmão está encontrando uma residência de inverno para ela. Eu o apresentaria, mas gosto muito de você para submetê-la à minha família.

Eu iria rir, mas seu tom é um tom muito sombrio.

Nossas bebidas chegam e pedimos nossa comida.

— Sua vez. Diga-me por que você ama tanto a arte, *bambina*.

Eu sorrio. — Quem pode dizer por que ama algo? Quando vejo arte bonita, meu coração anseia. Como se eu quisesse possuir a beleza ou a engenhosidade.

— Você já quis ser uma artista?

Eu balanço minha cabeça. — Não. Eu simplesmente amo estudar a história disso. É fascinante para mim.

— Quem é seu artista favorito?

Tomo um gole de vinho. — Uma pergunta muito difícil. Posso dizer-lhe o meu favorito de cada período?

— Tudo bem. — Ele me observa com tanta atenção que me mexo no assento. — Surrealista.

— É clichê, mas devo dizer Picasso.

Ele sorri como se eu tivesse dado a resposta certa.

— Você é um fã?

— Eu? — Ele dá de ombros. — Nunca pensei muito nisso. Não tenho certeza se me importo de uma forma ou de outra. — Seu telefone vibra e ele verifica o texto, em seguida, envia algo de volta. Ele vibra novamente.

Ele pragueja e aperta a ponta do nariz. — Sondra, baby, você me dá licença por cinco minutos? — Ele já está fora de seu assento. — Por favor, não vá embora. Eu realmente quero te mostrar uma coisa depois do jantar. — Ele espera, fixando-me com um olhar questionador.

O fato de ele sugerir que eu vá embora me diz que vai demorar mais de cinco minutos. Não gosto da ideia de sentar aqui sozinha, mas, novamente, é um restaurante caro com comida gourmet. Eu

também posso aproveitar. E eu seria uma puta se invejasse Nico por precisar ir embora. Ele tem um maldito cassino inteiro para administrar.

Eu concordo. Quando ele sai, pego meu telefone para me fazer companhia e o garçom traz apenas minha comida. Meu estômago dá um nó quando vejo uma mensagem de um número de Reno. Não programei o nome dele no meu telefone quando mudei de número, mas sei que é de Tanner. Ele deve ter finalmente encontrado alguém para lhe dar meu novo número.

Sondra, isso é urgente. Pode ficar com o carro, mas preciso de alguma coisa dele.

A próxima mensagem veio meia hora depois.

Seramente. É muito importante.

Então uma cinco minutos atrás.

Como vida ou morte importante.

Olho para a lagosta no meu prato e perco o apetite.

Besteira. Tanner tinha drogas no carro. O conhecimento vem com a calma do olho de uma tempestade. Meu ex-festeiro DJ vendia um pouco de ecstasy. Pelo menos é o que eu sabia. Parece que ele estava em negócios maiores do que eu entendi.

E o carro? O carro já se foi há muito tempo. Mandeí rebocá-lo para o depósito de destroços. Quero dizer, talvez ele possa encontrá-lo e recuperar o que precisa, mas duvido.



NICO

Estou lidando com três aspirantes a traficantes de coca na minha masmorra. Sim, meu porão é a porra de uma masmorra, com uma rede subterrânea de túneis que levam à cidade. Você pode chamá-los de catacumbas, porque mais de um corpo foi enterrado aqui.

Eles são crianças. Jovens. Estúpidos. Fáceis de assustar.

A segurança os pegou mexendo em pólvora na minha boate.

Eles poderiam ter chamado a polícia, mas prefiro lidar com esse tipo de merda do meu jeito. Uma pequena dose de medo vai muito mais longe do que a ameaça de um distintivo.

Eu aceno para meu primo mais novo, Sal, que arrebenta o nariz de um dos caras e puxa sua cabeça pelos cabelos. Todos os três foram trabalhados por meus soldados.

— Este é o Sr. Tacone, dono do Bellissimo. Ele tem algo a dizer para vocês.

O garoto está se cagando. Eu me aproximo e olho para ele de nariz empinado. — Você acha que pode vender drogas no meu clube? No meu cassino?

— Sinto muito, Sr. Tacone. — o cara à esquerda balbucia. — N-nós não sabíamos quem você era. Que você era o dono deste lugar. Nunca mais voltaremos.

Eu considero. Poderia fazer desses meninos minhas vadias e fazer com que me dessem o dízimo de seus lucros, mas eles são muito jovens e estúpidos. Eles não durariam muito, de qualquer maneira. Eu opto pela ameaça de sair da cidade. — Você tem um dia para deixar minha cidade. Se te encontrarmos aqui de novo, você está morto. *Capiche?*

— Sim, senhor, sim, Sr. Tacone. — Todos os três balbuciam suas promessas.

Eu aceno para Sal e saio. Estou apenas grato por Junior não ter sentido o cheiro disso ou ele estaria por toda parte, apenas pelo drama. Não, na verdade ele está fazendo o que disse que estava fazendo - comprando imóveis com nossa mãe. Ela me ligou hoje à noite para dizer que eles fizeram uma oferta por um lugar e estavam voltando para Chicago pela manhã.

Normalmente eu poderia ficar e dar a essa merda um pouco mais de atenção, mas Sondra está lá em cima, esperando por mim. Pelo menos espero que ela tenha esperado.

Mande Tony encontrar a prima dela no salão e mandá-la subir para lhe fazer companhia. Eu verifico meu relógio. *Porra.*

Já se passaram trinta minutos desde que a deixei. Ela provavelmente já terminou o jantar e a sobremesa. É uma loucura o quanto me importo se ela ficou por aqui. O quanto eu quero mostrar a ela minha surpresa.

Ando o mais rápido que posso pelo Bellissimo, amaldiçoando a

planta baixa de um quarteirão que leva quase um quilômetro para voltar ao restaurante da cobertura.

Sondra e Corey ainda estão lá, mas eu estava certo - elas já terminaram a sobremesa e estão tomando café. E, claro, minha mãe e meu irmão estão sentados a apenas alguns metros de distância.

Eu cerro os dentes. Cristo, seria demais para uma coisa dar certo esta noite?

Eu desvio para a mesa da minha mãe e do meu irmão e os rego com meu protocolo de anfitrião mais efusivo. Eles comem até que Junior me vê lançando um olhar para a mesa de Sondra. Então seus olhos se estreitam. Ele vê demais, meu irmão.

— Se você me der licença, tenho que cumprimentar alguns outros convidados, mas minha equipe lhe dará tudo o que você poderia desejar.

Minha mãe oferece a bochecha para um beijo, mas Junior apenas acena com a cabeça. Sinto seus olhos em mim enquanto vou para a mesa de Sondra.

Eu tenho que tirá-la daqui, porque se eu conheço meu irmão idiota, ele certamente mencionará minha noiva se suspeitar que há algo entre Sondra e eu.

Corey se levanta quando chego lá e caminha em minha direção com um olhar frio. Eu enfio a mão no bolso e tiro uma ficha de cinquenta dólares para entregar a ela quando passamos. Ela aceita sem comentários.

Sondra parece chateada, no entanto. Ela se levanta e mexe na alça da bolsa.

Eu a escolto para fora sem tocá-la, porque não quero que Junior ou minha mãe tirem conclusões. Caminhamos em silêncio, uma fina linha de tensão entre nós.

Eu realmente não sou de dizer que sinto muito. Fiz mais isso com essa garota desde que a conheci do que em todo o ano passado. — Peço desculpas...

— Está tudo bem. — diz ela rapidamente.

É quando percebo que algo mais está acontecendo.

Estamos do lado de fora do restaurante e eu paro, puxando-a para me encarar. — O que está incomodando você?

Ela balança a cabeça. — Não é nada.

Eu me irrito e coloco um dedo sob seu queixo. — *Não minta para mim, porra.*

Ela empalidece e eu fecho meus olhos.

Cazzo.

Eu trouxe a violência do porão de volta comigo. Sondra não merece meu temperamento. Minha maldade. Ela não merece a escuridão que é a minha vida.

Eu a puxo para o compartimento de elevadores e desço um para minha suíte, abaixo. Queria mostrar a ela minha surpresa, mas isso vai ter que esperar. Preciso saber o que se passa na cabeça dela.

No momento em que entramos, cruzo os braços sobre o peito.

— Fale.

Ela morde o lábio e desvia o olhar.

— Sondra. — Eu infundo minha voz com autoridade. Sei que não deveria intimidá-la, mas está no meu sangue.

— Eu posso precisar da sua ajuda. E eu realmente odeio pedir isso.

Alívio varre através de mim. Ela tem um problema que eu posso resolver. Isso é o que eu faço de melhor. — Você precisa de dinheiro? É seu. — Esse é geralmente o tipo de problema que as pessoas me pedem para resolver. Isso ou eles precisam de proteção. Ou exigir que algum tipo de justiça violenta seja servido.

A miséria em seu rosto abala minha confiança. — O que é, *piccolina*? Apenas me diga.

— Não é para mim. Esse é o tipo de problema. Não é nem para alguém de quem gosto, exceto que não quero que ele seja morto.

E então meu coração se solidifica em um pedaço de concreto duro. Isso é sobre o ex dela.

— E a vida dele está em perigo por minha causa, então... eu meio que me sinto responsável.

A violência se derrama sobre mim como uma tempestade. Eu

quero matar o ex *stronzo*⁶ dela por ter tido a maldita audácia de nascer.

— Não me diga que isso é sobre a porra do seu ex.

Eu já sei que é.

Seus ombros caem. — Eu sinto muito. — Sua voz mal passa de um sussurro.

Eu me afasto dela. — Você sente muito pelo quê?

— Por pedir isso a você.

E é isso que me coloca em uma situação difícil. Não posso recusar, mesmo que seja para algum outro *figlio di puttana*⁷. Eu enfio minhas mãos nos bolsos para evitar cerrá-las e me viro para encará-la. — O que você precisa?

— Talvez eu não precise de nada. Quer dizer, ele vem a Las Vegas procurar o carro no ferro-velho.

Não suporto o jeito que ela mexe na alça da bolsa, não aguento sua agitação.

— Ele tinha drogas escondidas nele. Eu acho que muito. E ele deve trinta mil a alguém agora.

Eu me afasto enquanto a raiva vermelha escura inunda minha visão. Meu punho atravessa o drywall na minha frente.

— Nico. — ela engasga. — Deixa para lá. Desculpe. — Quando me viro, vejo lágrimas escorrendo por seu rosto.

Meu cérebro enlouquece, querendo infligir violência ao cara que a fez chorar, não computando que sou eu. Depois de respirar, algum outro instinto entra em ação e a necessidade de confortá-la me faz atravessar o quarto. Eu quero puxá-la em meus braços, segurar seu rosto e segurar as lágrimas, mas não confio em mim mesmo para tocá-la. Não quando estou com tanto calor para machucar alguém.

— Você está chorando por ele? — Eu exijo, muito severamente.

Para minha surpresa, ela bate no meu peito. — Não, estou chorando por você. — Eu de alguma forma consigo não cambalear para trás. Suas palavras me estripam. — Estou chorando porque você acha que eu dou a mínima para ele. Por causa do que estou fazendo com nosso relacionamento pedindo isso.

E então eu estou perdido em alívio. Em gratidão. Minhas mãos estão sobre ela, arrancando suas roupas. Uno minha boca à dela e a coloco contra a parede. Eu tenho sua saia para cima, sua calcinha puxada para o lado, meus dedos acariciam ao longo de sua boceta molhada. — Qual é o nosso relacionamento, *bambi*?

Ela endurece, mas eu não recuo. Devoro sua boca, enfio um dedo dentro dela. — Qual é a nossa relação? Você está dizendo que é minha garota?

— Nico. — ela choraminga, sua cabeça deslizando ao longo da parede enquanto eu empurro meu dedo para dentro e para fora.

— Huh? Você é minha, Sondra? — Enfio outro dedo, fodo-a com os dois. — Você vai aceitar que eu possuo essa boceta agora? Você me dá sempre que eu exijo?

Ela agarra meus antebraços. Pequenos gritos sexuais saem de seus lábios, mas ela está me afastando. Sei que estou indo longe demais, mas não consigo me conter. Eu quero ouvi-la dizer isso. Quero que ela admita que é minha.

— Nico. — ela repete meu nome.

— Diga, baby. Você pertence a mim agora. Diga e eu ajudo o *figlio di puttana*. Desde que você prometa nunca mais falar com ele.

— Eu prometo. — diz ela rapidamente.

Eu retiro meus dedos e ela engasga de surpresa, seus olhos se abrindo e focando nos meus. — *Diga*.

— Eu pertenço a você.

— Boa menina. — Puro poder corre através de mim agora. Como a adrenalina de uma luta, de uma matança. Pego uma camisinha no bolso e desabotoo o cinto.

Ela me observa com os olhos vidrados, o peito ainda arfando com a foda do dedo.

Eu faço um trabalho rápido com a camisinha e a coloco contra a parede, empurrando meu pau entre suas pernas.

Ela me pega, levantando uma perna para me atrair.

— É isso, *piccolina*. Pegue cada maldito centímetro de mim. Este é o pau que possui você.

Seus gritos ficam mais altos, sua cabeça rolando contra a

parede. O buraco por onde meu punho passou está logo à direita dela, um lembrete do que eu ganhei.

Ela envolve as duas pernas em volta da minha cintura, como fez no chuveiro e eu fico ainda mais fundo dentro dela. Querendo transar com ela com tanta força que seus dentes batem, eu a carrego para o quarto e a deito na beirada da cama. Então eu bato nela, minha sanidade escorregando com cada estocada gloriosa. Sou como um maldito gladiador, ou uma besta implacável no cio. Não estou pensando no prazer dela, não estou me segurando na violência com que preciso reclamá-la.

Em um momento eu acho que poderia passar a noite toda, apenas mergulhar meu pau nela uma e outra vez até a terra desmoronar. E no seguinte, estou gozando como um trem de carga.

Eu rugo e bato fundo.

Sondra grita e envolve as pernas nas minhas costas, usando os calcanhares para me puxar ainda mais fundo. Eu gozo e gozo e gozo um pouco mais enquanto seus músculos apertam meu pau.

E então nos separamos. Eu cambaleio até o banheiro para jogar fora a camisinha.

Quando volto, Sondra está sentada, com os olhos arregalados e assustados. Ela se levanta e abaixa a saia.

— Ei. — Estendo a mão para ela, mas ela se vira. Eu a puxo de volta contra a minha frente, envolvo meus braços em torno dela e a seguro rápido. — Você está assustada.

Ela inspira longa e trêmula.

— Não tenha medo de mim, *piccolina*. Sou um idiota. Eu digo coisas idiotas. Não significa que eu não respeito você. — Eu a viro para me encarar. Ela começa a chorar de novo e eu fico gelado. O que eu fiz? — Desculpe. — Eu seguro a parte de trás de sua cabeça, levanto seu rosto para mim. — Eu machuquei você? Olhe para mim, Sondra. Por favor? Você sentiu que eu a forcei?

— Não. — Ela responde imediatamente, o que me dá algum alívio.

— Então o que é?

Ela enxuga as lágrimas. — Foi apenas intenso.

Eu a puxo contra o meu corpo, seguro-a com força. — Inferno,

sim, foi intenso. Para mim também.

Ela pisca aqueles grandes olhos azuis para mim. — Por que foi intenso para você?

Eu considero por um momento. Quero responder com sinceridade, mas a resposta me assusta pra caralho.

Porque ela se importa. Ela se importa comigo. E nosso relacionamento.

E é exatamente por isso que eu não deveria mexer com a doce Sondra Simonson. Porque eu não estou nem remotamente disponível. Mesmo que eu não tenha sido prometido a outra pessoa, não posso dedicar a ela o tempo e a atenção que ela merece. Veja só como esta noite foi ruim - nosso encontro arruinado pelo tipo de acidente que acontece de hora em hora por aqui.

Sondra já está me dando seu coração, eu seria o pior tipo de *stronzo* para pegá-lo.

O pior.



SONDRA

— Então você vai ajudar?

Nico faz uma careta, mas concorda. — Eu te ajudo.

Eu agarro seu braço. — Você não vai machucá-lo?

Suas narinas dilatam. — Eu não suporto você me implorando em nome dele, *bambi*.

Eu também não aguento. Tanner não deveria estar estragando meu relacionamento com Nico. Mas me sinto responsável por pegar o carro. Eu sabia que quando fiz isso, era a coisa errada a fazer, mas queria puni-lo. Mas não com a morte.

Eu coloco minha testa contra seu peito e ele acaricia minha nuca. Ainda não consigo acreditar que um homem tão poderoso está tão a fim de mim, mas saber que ele está disposto a me dar isso significa tudo.

— Eu não vou machucá-lo. — ele murmura, desgosto

registrando em sua voz. — Mas se me custar trinta dólares, vou descontar o pagamento na sua bunda.

Levanto minha cabeça para ler sua expressão e o encontro sorrindo. Minha bunda apertada com a ameaça. Ele quer dizer mais palmadas? Porque eu praticamente amei cada vez que ele fez isso.

— Dê-me os detalhes do carro. Vou mandar meus caras lá hoje à noite para encontrar as drogas. — Conto a ele tudo o que posso sobre o carro e o ferro-velho, ele pega o telefone e dá ordens. Quando ele desliga, agradeço.

— Ainda recebo minha surpresa?

Ele dá aquela risada estrondosa e parece surpreender até a ele. — Sim, *piccolina*. Vamos. — Ele pega minha mão e de repente estamos saindo pela porta de sua suíte, de volta ao elevador. Ele usa seu cartão-chave para digitar um número, o que significa que estamos indo para um andar privado. Estou intrigada.

Ele me empurra contra a parede do elevador e reivindica minha boca, não parando o beijo até que as portas se abram e eu me contorça. Então ele liga rapidamente e me puxa para fora do elevador, movendo-se rapidamente pelo que parecem ser os escritórios da administração. Chegamos a uma porta flanqueada por dois seguranças.

— Sr. Taccone. — Eles acenam suas saudações respeitosas. Nico pressiona o polegar contra o bloco, em seguida, eleva o nível dos olhos para uma varredura de retina.

Alta tecnologia.

A pesada porta se abre e um dos guardas a abre para nós.

Entramos em um cofre gigante, do tamanho de uma sala. Carrinhos de dinheiro embrulhado com cuidado me arregalam os olhos, mas Nico vai até um armário, que ele abre. Ele puxa um objeto retangular envolto em um pano preto.

Arte.

Corro para o lado dele, meu coração já batendo mais rápido. Eu sei antes que ele descubra que é um Picasso. Mesmo assim, um arrepio de prazer, de reconhecimento, percorre meu corpo. É de seu período azul, de uma mulher sentada em uma cadeira.

— Nico. — eu respiro. — Onde você conseguiu isso?

Ele não olha para a pintura - ele está apenas observando minha reação a ela.

— Ocasionalmente, recebo o pagamento da dívida na forma de obras de arte e pedras preciosas.

— Você sabe quanto vale isso?

— Eu o valorizei. — Ele diz isso casualmente, como se a pintura de dez milhões de dólares não fosse o que o interessasse.

— Qual é o nome dessa? Nunca vi fotos disso.

— *Mulher na Cadeira*. — Ele enfia a mão no armário e tira outro quadro, depois outro. Ele revela quatro Picassos, um Rembrandt, dois Rothkos e um Renoir.

Estou praticamente desmaiada quando os examinei de perto. — Você deveria ter isso em exibição. Monte o Museu Bellissimo ou algo assim.

Nico está com as mãos nos bolsos. Ele está parado, me observando, como se eu fosse uma rara e valiosa obra-prima. — Se pudesse. Eu teria que investir em segurança pesada. Além disso, todos e meus irmãos saberiam quanta riqueza eu tenho aqui.

— É verdade, mas pode ser um empate. Isso pode diferenciar seu cassino como algo realmente especial O imperdível de Las Vegas. — Eu suspiro quando uma ideia me ocorre. — Você poderia fazer todo o lugar sobre arte. Vá com artistas italianos e decore as diferentes torres em diferentes períodos.

Os olhos de Nico brilham e seus lábios se curvam em um sorriso. — Isso é uma ideia, sim.

Ele embrulha as pinturas de volta, uma a uma, e as recoloca. Quando ele pega minha mão para me levar para fora, ele diz: — Você realmente os ama.

Minha boca se abre. — Como você não pode?

Ele ri. — Para mim, eles são apenas uma forma diferente de moeda. Uma diversificação do meu portfólio. Para você, eles são como... sei lá... seres vivos.

Eu rio, porque é exatamente assim que vejo a arte. — Sim. Seres incríveis. Eles devem estar em exibição.

Ele me leva de volta para o elevador. — Vou fazer um acordo com você. Vou montar um museu - redecorar o Bellissimo se você o

dirigir e curar.

Eu paro no meio do caminho. — Realmente? Você me deixaria fazer a curadoria?

— Claro. Quem diabos mais eu contrataria?

Eu jogo meus braços em volta dele porque essas pinturas já estão em minha alma. Já me chamando, implorando para serem mostradas, para serem celebradas. — Obrigada. Eu adoraria.

Ele sorri para mim. — Você tá feliz. — Ele parece meio surpreso, meio satisfeito.

Eu beijo sua mandíbula barba por fazer. — Muito feliz.

— Bom.

Ele me leva de volta para seu lugar, mas quando ele abre a porta, ele me faz entrar, mas não a fecha. — Tenho trabalho a fazer, mas quero que você durma na minha cama esta noite.

Ele não pergunta. É uma ordem.

— E se eu disser não? — Eu pergunto, testando.

Ele levanta uma sobrancelha. — Por que você diria?

Bom ponto. Por que eu deveria? Só para provar que ele não é meu dono? Eu não acabei de prometer que ele fez?

Acho que preciso saber o quão fundo estou. Ele me deixaria ir se eu dissesse não? Ou ele seguraria Tanner sobre minha cabeça? Quão real é isso?

Retiro - não quero saber. Quero enfiar a cabeça na areia e aproveitar o que tenho. Uma nova oportunidade de trabalho incrível.

E um homem que pensa que sou o miado do gato⁸.

E o fato de ele ser um criminoso perigoso pode ser varrido para debaixo do tapete no momento.

— Eu não tenho minha escova de dentes aqui.

Os lábios de Nico se contorcem. — Vou mandar trazer uma para você. Preciso ir e não quero você correndo pelo cassino sozinha.

Reviro os olhos e ele ergue uma sobrancelha severa. — Perdoe-me, *cucciola mia*. Preciso saber que você está aqui em cima mantendo minha cama aquecida com esse corpinho gostoso.

Ele me puxa contra ele e eu me derreto em sua forma musculosa.

— O que é *cucciola*?

— Bicho de estimação. Eu chamei você de *meu animal de estimação*.

Esse parece um nome adequado para uma mulher que ele pensa que possui.

Eu engulo meus nervos. Ele me respeita. Ele acabou de criar um emprego dos sonhos para mim. Eu não preciso ter medo.

Ou preciso?

CAPÍTULO DEZ

NICO

Entro na minha suíte por volta das cinco da manhã. Como todas as noites desta semana, Sondra está na minha cama dormindo. Onde ela pertence.

Meus caras encontraram as drogas no carro dela - meio quilo de molly,⁹ que vale mais de \$ 30.000 nas ruas. Eles entregaram para seu ex idiota com uma leve surra e o aviso para nunca mais entrar em contato com Sondra. Problema resolvido. Eu nem estou mais chateado, porque eu tenho que ser o herói dela.

Eu fico na porta e olho para ela, tão linda, sua expressão doce no sono. Se eu fosse um homem decente, eu a deixaria dormir. Mas não consigo dormir até que eu coloque meu pau dentro dela, então tiro minhas roupas e passo por cima dela.

Ela murmura algo em seu sono, abrindo os joelhos para abrir espaço para mim. Meu pau está mais duro como pedra, já vazando para ela. Eu esperei por esse momento a noite toda, mas eu tinha três jogos particulares para administrar que chamaram minha atenção.

Sondra está vestindo uma regata e uma calcinha de cetim rosa. Eu puxo seu decote e me deleito com um mamilo.

— Nico. — Ela entrelaça os dedos no meu cabelo, suas pálpebras tremulam enquanto ela acorda.

Adoro ouvir meu nome em seus lábios. Eu manuseio sua boceta sobre o triângulo de seda que a cobre. — Você está usando calcinha na minha cama, baby.

Ela sorri. — Opa.

Faço uma pausa, tentando descobrir se ela quer dizer o que eu acho que ela faz. Ontem à noite, em um ataque de conversa obscena, eu disse a ela que esperava encontrar sua boceta nua quando fosse para a cama.

— Você está esperando por uma surra?

Seu sorriso fica mais largo e ela arqueia para mim.

Eu arranco a calcinha. — Você será punida por isso, *amore*.

Ela rola os quadris na cama. Eu a viro de bruços e dou um

tapa em sua bunda. É tão espancada, mas estou com pouca paciência esta noite. Eu bato em suas nádegas meia dúzia de vezes, em seguida, bato em suas pernas. — Espalhe-as para mim, anjo. Sou mais duro que aço para você e tenho sido a noite toda. — Pego um travesseiro e enfio sob seus quadris para me dar um ângulo melhor. — Sem preliminares para você, garota safada. Você terá que tomar meu pau exatamente como eu quero dar a você.

Ela levanta a bunda. Oh inferno, alguns tapas não vão matá-la. Eu pretendia mantê-los leves, mas no segundo em que minha mão se conecta com sua bunda, eu quero mais. Eu bato nela com mais força, mais alto. Mais quatro. Ela geme, desenfreadamente. — Eu te dei uma regra simples. Mantenha essa boceta nua para mim. — Empurro suas nádegas abertas. — Me faz pensar que você queria meu castigo.

Ela faz um som *mmm*.

Eu agarro seu cabelo e levanto sua cabeça. — Você fez?

— Sim! — ela engasga.

Eu solto seu cabelo e massageio seu couro cabeludo para tirar a dor.

— Talvez eu devesse foder sua bunda para te ensinar uma lição. — Ela fica rígida, o que não era o que eu queria. Ainda assim, abro suas nádegas e bato a cabeça do meu pau contra seu ânus para fazê-la gritar.

— Não, por favor. — ela choraminga.

— Você vai ser uma boa menina?

— Sim, senhor.

Oh *Madonna*. Adoro quando ela me chama de *senhor*. Eu coloco uma camisinha e empurro para dentro dela sem preâmbulos. Ela já está escorregadia com seus próprios sucos, mas ela grita. Eu paro no punho e mordo seu pescoço. — OK, baby?

— Sim. Sim, Nico.

Droga. Estou com um golpe e já preciso gozar, só porque ela disse meu nome. — Isso mesmo, baby. Diga meu nome. De quem é o pau que você vai pegar?

Ela geme e mesmo através da camisinha posso dizer que sua boceta ficou mais molhada. — Seu. Deus, sim.

Murmuro várias maldições em italiano enquanto continuo a

atacá-la. Ela é tão suave, tão disposta. Tão responsiva pra caralho. É como se nossos corpos fossem feitos um para o outro. Eu preciso dela com uma intensidade que me deixa humilde.

Isso é o que me leva a agir como um idiota possessivo. Querer possuí-la, controlá-la. Sei que não é certo, mas não consigo me conter. E embora isso a excite, também sei que a assusta. O que também a excita. Estou aprendendo tudo o que faz minha pequena historiadora de arte funcionar.

Afasto as partes de sua bunda para dar a ela a sensação de minhas virilhas contra seu cu e ela grita, a excitação oscilando em sua voz.

— Essa bunda me pertence, não é, *bella*?

Ela geme a cada ofego rápido, uma tapeçaria de som para acompanhar o tapa de carne contra carne.

— Diga que você precisa desse pau, baby. Diga que você precisa tanto quanto eu preciso da sua boceta apertada.

— Eu preciso disso. — ela ofega. — Preciso tanto.

Está tudo acabado para mim. Meus olhos reviram na minha cabeça. Eu a monto como se minha vida dependesse disso, como se eu não a fodesse forte o suficiente, nenhum de nós sobreviveria. Ela agarra os lençóis da cama, gritando a cada estocada.

Minhas bolas ficam dolorosamente apertadas, as estocadas tornam-se erráticas. — Venha para mim, anjo. Goze o mais forte que eu vou.

Eu libero, enterrando-me profundamente dentro dela e chegando ao clímax com tanta força que quase desmaio. Eu me afasto por alguns momentos, então percebo que meu peso está sobre ela e eu rolo, puxando-a contra a minha frente, nossos corpos ainda conectados.

Eu toco um mamilo, apertando e puxando suavemente. — Baby, você não tem ideia do que você faz comigo. — O orgasmo me deixou grato. Quero oferecer a ela dinheiro, presentes, qualquer coisa que ela aceite. Mas também não quero que ela se sinta mesquinha. Eu sei que é um ponto sensível para ela. Todos os dias agradeço às estrelas por ter descoberto uma posição que ela adora e que posso pagá-la para fazer. — O que posso fazer para você? Me diga o que você precisa.

Ela fica quieta por muito tempo, o que me deixa com coceira.

Algo está em sua mente. Algo que ela não tem certeza de como dizer.

Saio de dentro dela e jogo a camisinha na cesta de lixo ao lado da cama. Ela meio que rola de costas, mas sua cabeça ainda está virada para longe de mim. Eu a viro para me encarar. — Me diga, baby. Eu não estou fazendo você feliz. O que é?

Ela pisca por um momento, então respira fundo. — Eu sou sua namorada, Nico? Sua chamada de foda? O que eu sou para você?

Eu me apoio em um cotovelo, tentando não mostrar meu alarme. Esta é a conversa que eu temia. Nico Tacone tem namorada?

— O que você quer ser? — Eu acaricio seu cabelo para trás de seu rosto, mas ela se afasta, irritação no movimento.

— Você está perguntando se há mais alguém, baby? Você tem que saber que não há. Você acha que eu poderia gozar com tanta força se estivesse transando com outra mulher?

Ela arrasta o lábio entre os dentes. — Não. — diz ela lentamente. — Eu não acho isso. É uma das coisas que gosto em você. Você me faz sentir tão desejável. Se eu tivesse uma dica de que havia outra mulher, sairia daqui em um piscar de olhos. Depois de Tann...

Eu levanto minhas sobrancelhas e um dedo de advertência. — Não diga o nome dele.

— Bem, você sabe o que aconteceu com ele. Eu nunca vou fazer isso de novo.

Sinos de alarme estão disparando na parte de trás da minha cabeça. Ela está me dizendo algo importante. Ela não vai tolerar infidelidade. O que não é um problema.

Exceto pela porra do meu contrato de casamento.

Vinte e dois anos atrás, meu pai fez um acordo com Giuseppe Pachino para unir permanentemente nossas duas famílias. Por serem ambos homens do velho mundo, nenhum deles recusou a ideia de amarrar um menino de dez anos a uma menina recém-nascida sem o consentimento deles. Na verdade, eles comemoraram o retorno aos velhos costumes, sua sabedoria e nosso futuro próspero combinado. Giuseppe não tem filhos, então meu pai, acredito, pensou que estava me dando a chance de um dia ser o chefe de uma família poderosa. Ele não percebeu que eu criaria minhas próprias chances. Torne-se chefe em meus próprios termos.

Mas as duas famílias do crime operam com termos mutuamente benéficos desde então.

Sei muito pouco sobre Jenna Pachino. Eu a evitei como uma praga. Eu meio que imaginei que ela devia estar tão horrorizada com o contrato quanto eu e tomaria minha ausência como um alívio.

Mas não cancelei o contrato. Só meu pai pode fazer isso, ele está na cadeia. E até agora, isso realmente não importava para mim.

E eu não deveria considerar isso agora. Porque...

Porra. Eu estive quieto por muito tempo. O rosto de Sondra se fecha.

— Não há mais ninguém. — eu digo ferozmente, para neutralizar qualquer conclusão que ela tenha tirado.

Exceto que é uma porra de uma mentira, não é?

— Eu não acho que você queira estar permanentemente ligada a mim, entretanto, baby. Você sabe o que eu sou?

Mesmo na luz filtrada da cidade entrando pelas janelas eu a vejo pálida. Sua boca se contrai.

Agarro sua mandíbula. — Eu vou te possuir, porra. Vou reivindicar você para o resto da vida. Mas eu estaria condenando você à eternidade com o diabo. O crime está no meu sangue. A violência está por trás do meu nome. Tenho tentado me distanciar. Eu tento manter minhas mãos limpas aqui, administrando um negócio legítimo, pagando impostos sobre o dinheiro que ganhamos. Mas nunca estarei livre disso. E não quero levar você para baixo comigo.

Seus olhos se enchem de lágrimas e ela rola para longe. Eu a pego pela cintura quando ela se senta, de costas para mim.

— Por favor. Não vá. — O que estou pedindo a ela? Meu cérebro dispara, tentando encontrar alguma solução, algum compromisso que a mantenha na minha cama. — Dê-me só um pouco mais de tempo com você. Não estou pronto para desistir de você. Fique. Coloque meu museu em funcionamento. Redecore o cassino. Então eu prometo que vou deixar você ir.

Ela se vira para olhar para mim. Vejo a saudade e a dor refletidas nesses lindos olhos azuis.

— Eu nunca imploro, querida. Isso é o quanto você significa para mim.

Ela não se vira. — Com o que estou concordando? — Sua voz soa rouca. — Apenas sexo?

— Não. — Minha voz é áspera. A pergunta dela faz sentido. Sexo é tudo que eu tive tempo para dar a ela, mas a ideia dela sugerir que é tudo que eu quero me irrita. Preciso de muito mais do que sexo. Eu desejo possuí-la - corpo, mente, alma. — Namorada, se é assim que você quer definir. Quero seu tempo e atenção também.

Ela bufa e percebo que minha falta de presença foi sentida.

— Me desculpe, eu estive tão ocupado, anjo. Eu vou arranjar tempo para você. Eu prometo.

Até eu ouço o vazio da promessa. Porque é um que não tenho certeza de como entregar. Este cassino ocupa vinte e três das vinte e quatro horas do dia, a hora restante ainda está em meus pensamentos, e é por isso que não consigo dormir sem foder Sondra como um touro furioso.

Mas se é disso que ela precisa, vou dar um jeito nisso. Sempre faço.

— Volte para a cama, *bella*. Você sabe que não consigo dormir sem você ao meu lado.

Ela me permite puxá-la para o colchão e envolver meu corpo mais longo ao redor dela. Em alguns momentos, sua respiração diminui e ela adormece. Eu... fico acordado por uma hora antes de finalmente desistir do sono e ir tomar banho.



SONDRA

— Você está se apaixonando por ele. — Corey chuta as pernas na piscina Bellissimo. Estamos sentadas ao lado perto das pedras falsas e da cachoeira artificial, uma semana depois que Nico me implorou para ficar e prometeu arranjar tempo para mim. Isso não aconteceu.

— Não, eu não estou.

— Besteira. Se você não fosse, ficaria perfeitamente feliz em ficar com ele, deixá-lo pagar por todas as suas despesas e ter um

ótimo sexo até que você descubra seu próximo passo. Mas você não está. Você quer algo mais.

Eu caio na piscina, mantendo meus braços acima da água. O nó de pavor apertando minha barriga me diz que ela está certa. Eu quero algo mais e Nico não pode dar. Ele deixou isso bem claro. Embora eu não tenha certeza se ele está me contando toda a história.

Depois de ouvido mentiras e ser traída mais vezes do que gostaria de admitir, um sinal de alarme está disparando em algum lugar do meu subconsciente. Mas talvez seja apenas eu sendo paranoica. Talvez eu esteja muito danificada pelos meus erros do passado para sequer conhecer um relacionamento pelo qual vale a pena lutar quando ele me morde na bunda.

— Bem, algo mais não está em pauta. — Ando pela água, deixando-a refrescar minha pele, quente do sol.

— Então você precisa descobrir o que quer. Se você precisa proteger seu coração, você deve ir agora. Ou você pode decidir tirar tudo o que puder dessa experiência - ótimo sexo, construção de currículo, publicidade, uma história para contar aos seus netos - e aguentar até o museu ser montado, como ele sugeriu.

— Sim. — Eu gostaria que fosse assim tão fácil. Mas meu coração está totalmente em jogo. E já mostra sinais de danos. E ainda nenhuma parte de mim está disposta a ir embora ainda.

Não sei por que não - porque é tão inebriante ser desejada, eu acho. E posso dizer a mim mesma que ele só fala - esse é o Romeo de fala mansa que me enfeitiçou, só que vejo em primeira mão como ele dorme bem depois de fazermos sexo. Depois disso, ele parece dez anos mais jovem, as linhas do rosto diminuíram, a luz voltou aos olhos.

É egoísta acreditar, mas acho que ele precisa de mim.

Saio da piscina e enrolo uma toalha na cintura. — Vou trabalhar nas coisas do museu.

Corey puxa os pés para fora da água e os coloca em chinelos. — Se ele prometeu arranjar mais tempo para você e não cumpriu, você deveria exigir dele. Esse era o acordo que você tinha.

Exigindo qualquer coisa de Nico Taccone é uma gargalhada grande e gorda.

— Ou você pode simplesmente aparecer no salão hoje à noite em um vestido sexy e vê-lo enlouquecer. — Um sorriso perverso

aparece nos lábios de Corey.

Faço uma pausa no ato de pegar minha bolsa de natação. Nico está com ciúmes o suficiente para não querer que eu distribua cartas ou limpe o quarto de outra pessoa. Provavelmente não demoraria muito para colocá-lo em ação. — Isso garantiria uma reação.

Corey sorri. — Eu tenho o vestido perfeito que você pode pegar emprestado. Um envelope vermelho colante. Use-o com um par de sapatos foda-me e ele esquecerá tudo sobre o trabalho durante a noite.

É uma ideia melhor do que a que venho tentando - trabalhando tão duro quanto Nico para me distrair de meus pensamentos de por que esse relacionamento está errado.

— Vamos pegar o vestido.

CAPÍTULO ONZE

NICO

Eu sou um idiota porque prometi tratar Sondra como uma namorada e não como um brinquedo de merda, e então não tive um maldito minuto durante as horas de vigília para tratá-la bem.

Pego meu telefone e ligo para Stefano, meu irmão mais novo. Ele e eu somos próximos - com idades próximas e uma mentalidade semelhante. Ele esteve no velho país, trabalhando com nosso tio-avô.

— Nico, como vai? — ele responde.

Eu vou direto ao ponto. — Eu preciso de você.

Stefano jura. — O que é?

— Não, não. Nada mal. Minha operação cresceu demais. Não consigo trabalhar horas suficientes durante o dia e preciso de alguém para dividir a carga. Eu preciso de você, especificamente.

Stefano fica quieto por um momento. — Tony não é o suficiente?

— Tony não pode fazer tudo. E ele não é meu irmão. Pago-lhe bem, mas não posso partilhar o reino com ele. Papai não permitiria.

— Sim, ok. Vou falar com Zio. Tenho certeza de que ele pode me deixar ir se você realmente precisar de mim.

— Eu faço. Preciso de você chefie a segurança. Dessa forma, posso me concentrar no crescimento contínuo. Ligue-me de volta e deixe-me saber quando você pode vir.

— Eu vou. — Estou prestes a desligar quando ele diz: — Nico?

Eu coloco o telefone de volta no meu ouvido.

— O que motivou isso?

— O que você quer dizer?

— Você está doente? Aconteceu alguma coisa?

Eu solto um suspiro. É por isso que preciso de Stefano. Ele é perspicaz pra caralho. — É uma mulher.

Stefano solta uma gargalhada surpresa. — Sem merda?

— Sim. E estou trabalhando vinte horas por dia e ela vai andar.

— Você está falando sério sobre essa mulher?

Tudo em meu peito aperta porque sei qual será a próxima pergunta de Stefano. Tento evitar dizendo: — Não tenho certeza.

— Besteira. Você está sério. E quanto a Jenna Pachino?

— Sim, eu não sei. Preciso cancelar esse contrato, eu acho.

— Você falou com o papai?

— Ainda não.

— Bem, é melhor você fazer isso logo. Ele não vai querer surpresas. Ele sabe que você está me ligando de volta?

Eu quero colocar meu punho na parede. Eu odeio estar preso pela minha família. — Não.

— Fale com ele primeiro, Nico. Não quero me meter no meio da sua pilha de merda.

— Eu vou falar com ele, porra! — Eu estalo. — Você pega a porra de um avião para Las Vegas.

— *Si, signore*¹⁰. — A voz de Stefano é seca, mas eu sei que ele não vai guardar rancor por eu ser um idiota.

Começo a desligar sem me despedir, mas logo levo o telefone de volta ao ouvido. — *Grazie, Fratello*¹¹.

— É bom ouvir de você, Nico. Estou feliz que você encontrou alguém. — A voz de Stefano ficou suave. — E você ainda é um *stronzo*.

Sim, eu sou um idiota. — Sempre.

Ele bufa e desliga e eu fico sorrindo ao telefone, o que é tão atípico para mim quanto fazer uma dança em um traje de duende.

Vou para a pista, onde tenho pelo menos seis fodidas questões para resolver, além de cortejar três grandes baleias gastadoras.

Eu paro.

Sondra está sentada no bar com um vestido vermelho justo, suas pernas torneadas pontuadas por um par de saltos pretos sensuais. Ela prendeu o cabelo em um sofisticado coque francês e está bebendo um martini.

Como se isso não bastasse para absorver, há um cara sentado ao lado dela, inclinando-se e conversando.

Eu vou matar o filho da puta.

— Sr. Tacone, Jeff Blue está pedindo para falar com você sobre um jogo particular. — Um dos meus gerentes está ao meu lado.

Merda.

Não, talvez seja o melhor. Preciso me acalmar. Eu não posso arrancar o cara da banqueta e quebrar a cabeça dele só por falar com a minha garota.

O que ela está fazendo?

Eu me movo rapidamente em direção a Jeff Blue e me forço a agir civilizadamente. Este é um homem que gasta de dez a cinquenta mil por noite quando está em meu estabelecimento. Eu arrango tempo para ele quando ele vem.

Nem sei o que digo a ele, porque o tempo todo meu olho está na loira sexy no bar. Antes que eu me afaste, porém, a outra baleia se junta a nós. Ele reconhece Jeff e quer participar de um jogo particular.

Porra.

Jogos privados são ótimos. Eu faço uma matança. Mas eles exigem muita segurança e apoio. É por isso que preciso de Stefano aqui.

Estou roendo minha coleira quando algum outro idiota se senta do outro lado de Sondra. Ela gira em sua cadeira e me vê, mas tudo que consigo é a porra de um sorriso e um novo cruzamento de suas pernas vestidas com meias.

Oh, merda.

Ela está me empurrando de propósito.

Eu pisco, minha mente indo para nuvem branca por um momento. Estou menos frenético do que irritado agora.

Tony vem me contar sobre a porra de uma nova emergência com uma tentativa de golpe na sala dos fundos.

Eu me afasto das baleias e o puxo para o lado. — Tire Sondra daqui e leve-a para minha suíte agora. Se eu vir outro cara falando com ela, vou perder a cabeça.

— Entendi, chefe. Leo e Sal estão na sala dos fundos lidando

com o golpe. Você quer que eu vá lá quando eu terminar?

— Não, eu vou precisar de você no jogo privado assim que eu conseguir arranjá-lo.

— Entendido.

Eu saio sem olhar para Sondra novamente, porque se eu fizer isso, alguém vai perder os dentes.



SONDRA

Esta foi uma ideia horrível. Achei que a manobra funcionou por um breve momento, quando senti o olhar de Nico queimando minhas costas, mas ele não se aproximou, quando saiu, parecia chateado.

E agora seu braço forte está vindo em minha direção.

Tony se aproxima e olha para os caras sentados ao meu lado.
— Deem o fora.

Um deles estala de raiva, o outro foge como um cão vadio pego roubando comida.

— Você quer que eu vá? — O homem irritado exige.

Eu concordo. — Sim, é melhor.

Ele estufa o peito. — Você tem medo desse cara?

— Realmente. Você deveria ir. Foi legal conversar com você.
— Eu faço minha voz educada, mas firme. O cara está bêbado o suficiente para fazer algo estúpido, eu definitivamente não quero nenhum tipo de violência em minhas mãos. — Estou bem.

Ele franze a testa, mas quando Tony dá um passo ameaçador à frente, decide cortar suas perdas e ir embora.

— O chefe quer você lá em cima, na suíte dele.

Oh, agora isso me irrita. — Com licença? — Ele nem teve tempo de vir falar comigo pessoalmente? E agora ele está me mandando para sua suíte? Besteira.

Tony ergue as mãos, com as palmas para fora. — Ei, eu não

quero estar no meio de uma briga de namorados. Tenho ordens para levá-la até lá. Nico tem cinco fogueiras acesas ou tenho certeza de que ele mesmo estaria aqui.

Ouvir sobre o estresse de Nico diminui minha raiva. É realmente justo da minha parte tentar desviar a atenção dele de seus negócios?

Então, novamente, é justo para ele me tratar como se fosse meu dono e me dar ordens?

Tony apoia um cotovelo no bar ao meu lado. — Ouça. Você está dificultando meu trabalho aqui. Se eu tocar em você, Nico vai comer minhas bolas. Mas também tenho minhas ordens. Então, o que é preciso para tirá-la daqui e subir para a suíte do chefe?

Cruzo os braços sobre o peito. — Informação.

Ele levanta uma sobrancelha. — Como o quê?

O que eu estou fazendo? Eu ainda quero as respostas para minhas perguntas?

— Eu sou... — O que eu vou dizer? Especial? Sou única?

Tony inclina a cabeça como se estivesse tentando ao máximo interpretar uma mulher maluca.

— Eu sou o tipo normal dele?

Tony pisca, a surpresa estampada em seu rosto. Ele passa um braço em volta do meu cotovelo. — Vamos. Deixe-me levá-la para fora daqui e vou lhe contar tudo o que você quer saber.

Acalmada, eu pulo da banquetta e permito que ele me escolte até os elevadores privados. Uma vez que estamos sozinhos, ele solta meu cotovelo e me encara. — Não. Você não é o tipo usual dele. Você está muito longe do tipo normal dele.

Não tenho certeza se devo ficar aliviada ou desapontada.

— Você é a única mulher que ele quis transar - perdoe minha grosseria - mais de uma vez desde que o conheço desde que éramos crianças. Então não sei o que ele te disse, mas diria que você é muito especial para ele.

O calor se infiltra em meu peito e minha raiva evapora.

— Sim?

Tony assente. — Sim. E não pense que toda pessoa que

trabalha para ele não está grata por você estar ajudando-o a dormir. Ele era um inferno sobre rodas para administrar por um tempo lá.

Chegamos ao andar de Nico e ele me acompanha até a porta.
— Você tem a chave?

Pego o cartão-chave na bolsinha de noite que peguei emprestada de Corey. — Sim. Obrigada.

Ele espera até eu abrir a porta antes de sair.

— Boa noite, Tony.

— Boa noite, Srta. Simonson.

Srta. Simonson. Eu definitivamente subi no mundo dos cassinos.

Entro e ando pela suíte de Nico. Pode levar horas e horas até ele chegar. Provavelmente será o despertar habitual do galo de alarme às 4h30. Esse pensamento traz um peso esmagando meu peito. Muito parece não resolvido, no ar. Não vejo como vou dormir até conversarmos.

Felizmente, não é muito longo. Nico chega quarenta e cinco minutos depois, enquanto assisto ao *Saturday Night Live* na televisão. Ele ainda parece chateado.

Desligo a TV e me levanto. Ele fica perto da porta, enfia as mãos nos bolsos e me olha.

O fato de ele não se aproximar faz meu estômago revirar. Normalmente ele está em cima de mim no minuto em que me vê.

— Sondra. Você me desrespeitou lá embaixo.

Minha respiração me deixa. *Desrespeitado*. Besteira. Este é um macho alfa com um ego mafioso completo. Respeito significa tudo.

Eu tento usar minha raiva de antes. Ele também me desrespeitou. Ele não arranjou tempo para mim, nem se deu ao trabalho de vir e me tratou como uma possessão. Endireito meus ombros e abro minha boca.

Ele levanta a mão antes que eu possa falar. — Eu sei que te decepcionei esta semana. Estou trabalhando na porra de uma solução. Mas se você tem um problema comigo, venha e fale comigo sobre isso. Você não me faz de idiota no meu próprio clube.

Meu coração afunda ainda mais. — Eu não estava fazendo

papel de boba...

Ele levanta a mão novamente para me silenciar. — Nunca mais.

Minha boceta aperta com o aço em sua voz. Uau. Um Nico completo Repreensão Tacone. É uma parte humilhante, duas partes emocionantes. Estou definitivamente errada porque acho emocionante um chefe da máfia zangado.

Ele caminha até o bar e se serve de uma bebida. — Eu tenho merda para fazer. — ele murmura, de costas. — Você deveria ir para o seu quarto esta noite. Não estarei aqui antes do raiar do dia. — Ele sai na varanda sem olhar para trás.

Meu coração está no chão. Ele está mais bravo do que eu pensava. Eu preciso consertar as coisas antes de ir - não estou prestes a sair com esta nota. Não quando minhas emoções estão no limite, meus hormônios estão em alta e Nico ainda está bravo.

Eu o sigo.

Ele afunda em um assento e olha para a noite.

— Nico...

— Não esta noite, baby. — Sua voz é cortada, apertada.

Eu fico na frente dele, bloqueando sua visão. — Nico.

Em um movimento rápido e irritado, ele me puxa de cara para baixo em seu colo e dá nove tapas rápidos e fortes na minha bunda. As palmadas doem, mas estou mais animada do que qualquer outra coisa. Este é um reino com o qual estou familiarizada. Ele me tocando, sendo um pouco rude demais.

E isso parece mudar algo nele também. No momento em que a enxurrada de palmadas para, ele está apertando e apalpando minha bunda daquele jeito possessivo dele. Ele desliza a mão por dentro do meu vestido e esfrega entre as minhas pernas. Minha calcinha já está úmida e ele rosna quando a apalpa.

— Levante-se e tire sua calcinha para sua surra, baby. — Sua voz é grave e áspera. Todo o aperto se foi.

Ele me ajuda a levantar e eu tiro minha calcinha e deito em seu colo. Isso é sexo, agora. A raiva de Nico se foi e a corrente de luxúria corre entre nós, forte como sempre. Ele desliza uma grande palma na parte de trás da minha perna, arrastando a bainha do vestido

vermelho de Corey com ela. Estou usando meias pretas até a coxa com uma costura na parte de trás e arcos no topo e Nico rosna quando consegue uma visão completa delas.

Parte da raiva retorna à sua voz, no entanto. — Para quem você usou isso? — Ele bate na minha bunda, forte.

— Para você! — Eu grito imediatamente.

Ele massageia a palmada. — É melhor que sejam para mim. — Outro tapa e massagem. — Meu ciúme é uma coisa perigosa, baby. Nunca mais jogue esse jogo comigo. — Ele aumenta seu aperto em volta da minha cintura e começa a espancar. É uma surra de verdade - forte e rápida. Implacável. Minha respiração me deixa e corre de volta. Empurro e me contorço porque de repente não é tão sexy. Isso dói. Um flash de medo real corre através de mim. Até onde ele vai levar isso?

— Desculpe! — Eu grito.

Ele para imediatamente e esfrega. — Me mostre, baby. — Sua voz é baixa e áspera novamente. Ele solta minha cintura.

Eu entendo o que ele quer dizer e deslizo de seu colo para o chão na frente dele. Ele pega a almofada do assento ao lado dele e me cutuca para amortecer meus joelhos. Estou ansiosa para agradar. Acho que nunca fiquei tão animada em fazer um boquete na minha vida. Abro seu cinto e abro sua calça para liberar sua ereção grossa.

Ele me observa com os olhos de pálpebras pesadas enquanto eu lambo ao redor da cabeça. Minha bunda ainda arde por causa da surra, o que torna esse servil ainda mais gostoso. Estou fazendo penitência com a minha língua, com os meus lábios, com a minha boca. Eu o tomo profundamente e suas coxas ficam tensas, os joelhos se abrindo mais. Eu seguro suas bolas e massageio atrás delas, procurando a área sensível entre as bolas e o ânus.

Eu mudo minha mão, levantando-o em um punho apertado e movendo minha boca para baixo para o saco dele.

— Ah, porra! — A mão de Nico se enrosca no meu cabelo, derrubando meu coque francês. — *Madonna. Cristo. Dio.* O que você está fazendo comigo?

Eu amo o poder inebriante que surge através de mim, sabendo quanto prazer estou dando a ele. Chupo a outra bola, lambo a costura de seu escroto.

Quando volto para engolir seu pau em minha boca, ele avança

na cadeira, empurrando-o pela minha garganta enquanto mantém a parte de trás da minha cabeça cativa. Engasgo, mas não paro de chupar. Eu me movo para cima e para baixo sobre seu pau, levando-o para o fundo da minha bochecha, depois para o fundo da minha garganta. Nunca fui bom em garganta profunda, mas pelo Nico quero tentar. Eu desacelero e relaxo meus músculos.

Ele aperta o punho no meu cabelo e geme. A série de xingamentos italianos alimenta meu desejo. Aumento minha velocidade, balançando sobre seu pau, usando meu punho também, então parece que estou tomando todo o seu comprimento.

— Sondra. *Porra!* Sondra. — Ele desce pela minha garganta.

Eu engulo. É a primeira vez que não engasgo, estou muito orgulhosa de mim mesma. Não faz mal que o rugido de Nico ainda ecoe no prédio. Continuo a rolar minha língua ao longo da parte inferior de seu pau, sugando-o até secar. Meu clitóris pulsa no mesmo ritmo das batidas do meu coração. Minha bunda ainda está quente e tensa.

Eu preciso de sexo, desesperadamente.



NICO

A rendição de Sondra me deixa totalmente transformado. Talvez seja essa qualidade dela o tempo todo que me encantou. A maneira como ela cede, torna-se vulnerável. Para mim - Nico Tacone - o cara de quem quase todo mundo se acovarda.

Mesmo quando eu rosno, ela fica macia.

Ela se levantou e tirou a calcinha para o meu castigo. Depois que eu indesculpavelmente perdi a paciência e bati na bunda dela com raiva.

Eu fui humilhado por ela. Humilde e grotescamente fortalecido ao mesmo tempo. Porque não vou desistir do controle que ela me deu. Estou levando isso até o fim.

— Venha cá, *bambi*. — Eu a levanto de seus joelhos e a sento no meu colo, de costas. — Abra para mim. — Abro suas coxas e as coloco sobre as minhas, para que ela fique bem aberta.

Ela se inclina contra mim, sua cabeça caindo no meu ombro. Sua respiração sobe e desce rapidamente e sua pele é quente e macia. Deslizo minhas mãos pela parte interna de suas coxas, arrastando o vestido vermelho com elas. Eu apalpo sua boceta.

Ela solta um suspiro ofegante.

— Aposto que essa boceta precisa de um pouco de atenção.
— murmuro em seu ouvido, dando um leve tapa em seu clitóris.

Ela estremece. — Sim, por favor.

Eu mencionei o quanto eu amo quando ela diz, *por favor?*

Bato em sua boceta novamente. Está molhada, inchada. Mergulho meu dedo médio nela e ela se contorce contra ele, tentando me penetrar mais fundo.

Eu bombeio meu dedo dentro e fora dela algumas vezes, então paro. — Mas não tenho certeza se vou deixar você gozar.

Ela choraminga.

— Você acha que merece gozar, anjo?

Ela fica imóvel e temo ter ido longe demais. Mas então ela usa a voz suplicante mais adorável. — Por favor, Nico?

Eu bombeio novamente. — Porra. É quase impossível para mim negar qualquer coisa quando você me implora com aquela vozinha sexy, *bambi*.

— Por favor, foda-me.

Oh Cristo. Meu pau já está ficando duro de novo. Vou perder esta batalha. Mas eu jogo duro com ela. — Oh, eu vou te foder, anjo. — Eu dou um tapa na buceta dela. — Vou te foder bem. Eu vou foder essa sua bunda virgem e apertada.

Ela fica imóvel de novo, sei que ela está com medo. Eu mordo sua orelha. — Não se preocupe. — murmuro. — Vou fazer isso bom. Eu prometo, baby.

Espero até que ela expire e a tensão em seus músculos diminua e então a levanto do meu colo e me levanto. — Vá tirar o vestido e deite-se de bruços na minha cama.

É um teste. Se ela não fizer isso, não vou forçar. Eu não sou tão babaca. Mas acho que posso fazê-la gostar. Ela vira os olhos para mim, então cambaleia em direção ao quarto com as pernas instáveis.

A vitória faz meu pau bater com força novamente. Eu a sigo até o quarto e encontro um frasco de lubrificante. Eu não tive que usá-lo com ela - ela parece estar constantemente molhada para mim - mas estou feliz por tê-lo.

Ela me obedece, tirando o vestido e deitando na cama, vestindo apenas um sutiã preto de renda e um par de meias pretas sensuais com uma costura nas costas.

— Caramba, que visão linda.

Ela vira a cabeça para o lado para olhar para mim e seu olhar é quase tímido, tão chocantemente vulnerável que faz meu coração apertar. Pego os dois travesseiros da cama e levanto seus quadris. — Coloque isso embaixo de você, anjo e abra suas coxas sensuais.

Eu rastejo entre suas pernas e afasto suas nádegas. Lambo uma longa linha do clitóris ao ânus.

Ela choraminga e estremece. Eu repito a ação, então dou um tapa em uma bochecha. Sua bunda ainda está rosa da surra que dei nela, o que não deveria me excitar tanto, mas excita. Eu quero dar a ela tudo o que ela precisa. Faço desta a melhor introdução possível ao anal. Lubrifico sua bunda e meu dedo e começo devagar, massageando seu ânus, penetrando-a e abrindo o apertado anel de músculos. Eu falo com ela o tempo todo, acalmando-a, elogiando-a. — É isso, querida. Abra para mim. Relaxe e me deixe entrar. Boa menina.

Quando eu trabalho para bombear meu dedo nela, ela choraminga e desliza a mão entre as pernas para esfregar seu clitóris.

— É isso, anjo. Pegue o que você precisa. Vou foder essa sua bunda sexy agora. — Eu coloco uma camisinha e lubrifico bastante, então pressiono a cabeça do meu pau em sua entrada. — Respire fundo.

Suas costas e costelas se alargam quando ela inspira.

— Agora expire.

Quando ela obedece, eu relaxo, alimentando meu comprimento, centímetro por centímetro.

Seu gemido aumenta de tom, mas ela não aperta contra mim, não resiste. — Boa menina. Pegue meu pau grande em sua bunda. Isso é o que acontece quando você é uma garota travessa.

Ela geme mais alto, um som libertino que interpreto como uma

luz verde. Eu a preencho, até o fim, então relaxo e a fodo novamente.

— Nico. — ela ofega. — Oh, meu Deus.

— Eu sei baby. Você está sendo fodida pelo homem que é seu dono. — Sei que sou um idiota, mas tenho que possuir esta mulher, possuí-la, mantê-la, reivindicá-la e dominá-la. Especialmente depois que ela me fez vê-la flertar com aqueles filhos da puta lá embaixo.

Eu bato em sua bunda, fodo-a completamente até que seus gritos assumam um som agudo e apavorado. — Por favor. — ela implora. — Por favor, ah, por favor, ah, por favor.

Eu já gozei uma vez, então poderia continuar para sempre, mas sei que ela está desesperada para chegar ao clímax. Fecho os olhos e deixo o prazer tomar conta de mim. Minhas bolas apertam. Eu abaixo meus quadris para descansar em sua bunda e balanço para dentro e para fora enquanto trabalho minha mão sob seus quadris. Seus dedos estão frenéticos entre as pernas, mas eu os tiro do caminho e afundo três dos meus em seu canal molhado. Ela está encharcada - tão suculenta quanto eu já senti uma mulher - e tão inchada e escorregadia.

— Eu vou gozar na sua bunda, baby, quando eu disser que está na hora, você vai gozar em meus dedos. *Capiche?*

— Sim! Por favor, Nico. — ela soluça.

A urgência de sua necessidade me leva ao precipício. Meus quadris estalam e eu a fodo mais algumas vezes antes de gozar novamente.

— *Agora, baby.*

Seu corpo inteiro convulsiona, boceta vibrando em torno de meus dedos, ânus apertando quase dolorosamente em torno de meu pau. Deve doer também, porque ela grita e seus músculos relaxam, rendendo-se mais uma vez.

— É isso, querida. Boa menina. — Eu beijo seu pescoço. — Você aceitou tão bem. Você gostou da sua primeira foda de bunda?

Ela não responde e uma pequena bola de pavor começa a se formar em meu plexo solar. Eu saio dela e jogo a camisinha no lixo ao lado da cama. — Eu já volto. — murmuro e rapidamente lavo minhas mãos no banheiro. A urgência de voltar para ela é quase avassaladora.

Ela não se mexeu desde que a deixei, ela ainda está caída

sobre os travesseiros, sua bunda arrebatada à mostra.

— Olhe para mim, *piccolina*. — Eu a rolo.

Ela não parece querer que eu veja seu rosto, porque ela avança para cima de mim, envolvendo seus braços firmemente em volta do meu pescoço.

Eu a abraço com força, acariciando seu cabelo, beijando sua têmpora. — Diga-me que você está bem, baby.

Ela acena contra o meu pescoço. — Estou bem. — Sua voz é irregular.

— Eu preciso ver você.

Seus braços apertam meu pescoço.

— Anjo. — Eu a coloco de volta na cama e rolo para o meu lado, então estamos de frente um para o outro. — Olhe para mim.

Ela gradualmente libera seu aperto no meu pescoço.

Seguro seu rosto em uma palma, passo o polegar sobre sua bochecha. — Eu te amo, Sondra.

Eu não quis dizer isso. Não tinha ideia de que essas palavras iriam sair da minha boca. Mas elas são verdadeiras. Elas são reais. Elas são a melhor honestidade que eu já conheci.

Seus olhos se arregalam e ela me estuda, como se estivesse procurando algum sinal de que estou falando sério. Como se ela tivesse medo de acreditar em mim.

Eu sinto os freios batendo no meu próprio peito. Eu a estou conduzindo. Nem estou *disponível* para essa mulher, mas é tarde demais. Eu já disse, não vou retirar.

— Não diga isso de volta. — eu digo a ela. — Eu sei que isso não muda as coisas. É exatamente o que saiu quando vi seu rosto angelical.

— Então você ainda não está com raiva?

Eu rio. — Nem perto de ficar bravo, baby. Superei a raiva no segundo em que você se levantou e tirou a calcinha para mim. E isso foi antes de você me dar o melhor boquete da minha vida. — Afasto o cabelo despenteado de seu rosto. — Baby, eu só sinto muito por ter perdido a paciência com você. E sinto muito por aquela surra, pelo menos a primeira. Não era para você, era para mim e isso não é legal.

Ela me estuda, seus olhos inteligentes. Eu juro que ela vê dentro da minha alma e não julga. Não sei como isso é possível. — Eu gostei.

Eu sorrio quando meu peito se contrai. — Eu sei que você fez. E eu continuo dizendo a mim mesmo que isso faz com que tudo fique bem. Mas não tenho certeza se sim.

Ela cobre minha mão em sua bochecha com a palma da mão. — Sua preocupação deixa tudo bem.

Estremeço sob seu toque. — Eu não sei por que você confia em mim tão bem, baby. Eu não mereço isso.

Ela franze os lábios. — Não, você não sabe.

Eu luto contra um sorriso, feliz por ela estar me repreendendo. — Baby, eu sei que tenho negligenciado você e é por isso que você estava tentando me irritar. Liguei para o meu irmão mais novo e pedi para ele se mudar para cá para me ajudar a administrar essa merda para que eu possa dar a atenção que você merece. Mas, por favor, não mexa com os outros caras porque eu vou me descontrolar e o idiota que você tocar vai acabar com as bolas enfiadas no cu. *Capiche?*

Ela estremece ligeiramente. — Desculpe.

Eu já sei que ela é, não estava tentando fazê-la dizer isso de novo. Eu coloquei meu dedo em seus lábios. — Ouça, eu vou te compensar. Tenho que voltar lá agora, mas vou limpar minha agenda para você amanhã. Quero que você faça as malas e esteja pronta para mim às 10h. Vamos fazer uma viagem.

A esperança cintilante em seus olhos me assusta pra caralho. Não porque eu não vou fazer tudo o que posso para ter certeza de entregar tudo o que ela precisa de mim, mas porque eu quero ser o homem que entrega permanentemente. E isso é uma porra de uma impossibilidade.

CAPÍTULO DOZE

SONDRA

— Todo mundo está tentando descobrir quem você é. — murmuro para Nico. Estamos sentados no café do Met, bebendo café expresso para nos reanimarmos de nosso longo dia de caminhada pelo museu de arte. Sim, ele me levou em um jato particular para a cidade de Nova York esta manhã e exigiu que eu mostrasse a ele tudo de melhor que o Met tinha a oferecer. Considerando que é minha primeira viagem a Nova York, sem falar no Met, meu balde está mais do que cheio.

Nico está bonito como sempre em um de seus ternos finos e parece uma espécie de celebridade entre os turistas. Ele arqueia uma sobrancelha. — Eu? Não, *amore*. Eles estão olhando para você. Ouvi um casal sussurrando que você é uma atriz famosa. — Ele pega minha mão e passa o polegar sobre meus dedos.

Se eu estava preocupada que Nico e eu não teríamos nada para conversar se realmente tivéssemos tempo para ficar juntos, eu estava errada. Ele me contou tudo sobre crescer em Chicago - as coisas que sente falta da cidade, as coisas que não sente. Como e por que ele acabou em Las Vegas.

Contei a ele sobre Michigan, crescendo do outro lado da rua de Corey. Como ela se tornou como uma irmã para mim.

Ele esfrega a barba por fazer. — Aqui está o que eu continuo me perguntando, Sondra.

— O quê?

— Como uma mulher tão bonita como você acabou em Reno com aquele barman desprezível. Não faz sentido. Por que você ainda não está casada com algum intelectual inteligente e legal que pode falar sobre arte e merda com você?

Eu tento cobrir o quanto a pergunta me machuca. Não é a mesma que já me perguntei três dúzias de vezes?

Prendo a respiração. — Bem. Acho que tive um intelectual inteligente e legal como namorado quando estava fazendo meu mestrado. Ele me traiu com minha melhor amiga. Tanner...

— Não diga o nome dele. — Nico fecha os olhos como se eu estivesse testando sua paciência.

— ...ele não foi o primeiro a me trair. E John nem foi o primeiro. Antes disso, meu namorado no ensino médio ficou com uma garota enquanto acampava na fila para comprar ingressos para o Coldplay.

Nico assobia. — Esse é um padrão ruim.

— Sim. Eu tenho um gosto terrível... — Eu paro tarde demais. A expressão de Nico escurece.

Eu limpo minha garganta. — Companhia atual excluída, é claro.

— Não, você está certa. — diz ele. — Eu não engano. Você não precisa se preocupar com isso. Mas eu sou totalmente errado para você. Definitivamente errado.

A faca que está em meu peito desde o dia em que o conheci se contorce e eu perco o fôlego.

— Pare de dizer isso. — Eu deveria reconhecer que ele reconhece que não combinamos, mas eu não. Eu me ressinto disso. Porque toda vez parece outra rejeição. Só que este não é para outra mulher, é para o trabalho dele.

A vida dele.

E eu sei que ele provavelmente não pode evitar. Ele é quem é.

Nico se senta mais alto, me observando atentamente. — Por que, *cucciola mia*? Nós dois sabemos que é verdade.

Meus olhos se enchem de lágrimas e me levanto da cadeira. Ele pega minha mão e me puxa para seu colo, alheio a todos no café lotado. Seus braços fortes me envolvem. — Eu gostaria de poder ser outra pessoa para você. Eu quero ser. Mas não posso. Tenho obrigações familiares que você não consegue entender. Não vejo como algum dia me livrarei de quem e do que sou.

Eu desisto da luta e desabo contra ele. Ele não está dizendo que não me quer. Finalmente estou ouvindo as palavras pelo que elas são. Ele está sendo realista. Dizendo-me que ele é um Tacone.

Então a questão é: posso viver com tudo isso significa?



NICO

Voltamos ao cassino na manhã seguinte. Eu gostaria de ter ficado mais tempo, mas até Stefano chegar, não posso deixar a operação desguarnecida por muito tempo.

Sondra chupou meu pau no avião para casa, o que me fez sentir a porra de um rei.

Estou feliz, talvez pela primeira vez na minha vida. Não apenas satisfeito. Não orgulhoso de alguma conquista, não embriagado de poder, mas genuinamente feliz. Sondra está me contando todos os seus planos para a redecação do cassino, o que é pura genialidade. Ela descobriu maneiras de usar muito do que já está no Bellissimo, apenas reorganizando e categorizando as coisas para caber em diferentes movimentos e estilos artísticos italianos.

Eu a acompanho até o Bellissimo ao mesmo tempo em que ouço Tony, que nos pegou no aeroporto particular, proferir um palavrão baixo.

Lá, indo direto para nós, está uma linda morena de pernas compridas.

Jenna Pachino.

— Eu vou lidar com isso. — diz Tony. Mas não posso esnobá-la. Fazer isso poderia começar uma guerra. Estou em uma situação complicada e qualquer palavra errada pode fazer as coisas implodirem.

Cristo, Madonna e Dio, por que não resolvi essa situação antes? Colocar mais pensamento no problema? Aplicar um pouco de delicadeza? Agora estou prestes a foder tudo.

— Jenna. — Eu tento manter a rigidez fora do meu tom. Eu pego seus ombros e damos um beijo nas duas bochechas.

Sondra ficou rígida ao meu lado.

Claro, este é o ponto dolorido dela.

Eu coloco minha mão em suas costas para tranquilizá-la, mas os olhos de Jenna acompanham isso. Cristo, não quero que ela diga ao pai que a desrespeitei.

Eu estou tão fodido.

Tony intervém para distrair e eles se beijam na bochecha.

— Tony, você pode pegar qualquer coisa que Jenna precise e levá-la ao meu escritório?

— Claro, chefe.

— Já vou.

O olhar de Jenna segue para Sondra. Eu não fiz a apresentação. O que diabos eu vou dizer? Não há nada sério que eu possa dizer que não vá me foder permanentemente com uma ou ambas.

Ela não parece suspeita, mais curiosa, mas a corrente de tensão é tão densa entre nós que é incrível podermos ver através dela.

Tony coloca a mão na parte inferior das costas de Jenna e a leva para longe e eu solto o ar.

Sondra ficou pálida, sua expressão plana.

— Ela é filha de outro don em Chicago. — eu digo assim que ela está fora do alcance da voz. — Não sei o que ela quer, mas tenho que me encontrar com ela. Serei breve.

O alarme pisca no rosto de Sondra e eu sei que disse exatamente a coisa errada.

Pela minha vida, porém, não consigo descobrir como dissipar esse desastre crescente.

— Sondra? — Eu coloco uma junta sob seu queixo.

Ela se afasta.

— Não. — Eu faço minha voz firme. Não tenho ideia de por que escolhi ir duro com ela, em vez de persuadi-la, mas parece funcionar. Ela obedece à autoridade da minha voz e se vira. Eu balanço minha cabeça. — Você acha que eu estou transando com aquela garota, não é?

Sua cabeça balança em seu pescoço. — Você está? — O tremor em sua voz me mata.

— Eu nunca a toquei. Nunca. Você confia em mim?

Prendo a respiração. Claro que ela não confia em mim, porra. Se o fizesse, não pareceria que acabei de matar o gatinho dela.

Ela dá de ombros. — Eu não sei, Nico. Tenho um histórico ruim com isso.

— *Eu sei.* — Entro em seu espaço e agarro seus ombros, mostrando o quão sério estou com a intensidade do meu olhar. — É por isso que eu congelei quando ela nos emboscou. Não queria que você tivesse a impressão errada.

Eu a vejo vacilar. Estou avançando.

— Por favor, confie em mim. Vou descobrir o que ela quer e me livrar dela. Eu não vou trair você. Nunca. Dá para acreditar nisso?

Seus lábios tremem ligeiramente, mas ela ergue o queixo. — Eu quero. Eu simplesmente não sei.

Eu concordo. Isso é provavelmente o melhor que vou conseguir.

— Eu vou provar isso para você. Apenas me dê uma chance, ok, querida? Não posso te perder agora. Não posso. — Tento mostrar a ela uma pequena fração da vulnerabilidade que ela me oferece.

Seus cílios vibram e ela balança a cabeça. Seguro seu rosto e a beijo - o beijo mais gentil que já dei nela. É tão doce quanto uma promessa. Tão sagrado quanto uma bênção.

Ela não retribui a princípio, mas depois amolece, move seus lábios contra os meus. Eu acaricio seu cabelo. — Você vai ficar na sua suíte?

Ela acena com a cabeça.

— Te encontro lá.

Eu a beijo novamente e saio.

Porra. Agora, se eu conseguir não começar uma guerra por causa de Jenna Pachino.



JENNA

Minha mãe queria vir comigo. Meu pai queria enviar Alex como guarda-costas, mas recusei. Ser enviada para visitar meu noivo acompanhada pelo único homem que já fez meu coração bater mais rápido tornaria uma situação difícil impossível.

Eu tenho um plano e depois do que acabei de ver no saguão,

acho que pode funcionar.

O problema é que eu não conheço Nico Tacone em tudo. Eu o vi em festas de família, casamentos e funerais, mas o evitei como uma praga.

E ele parecia me evitar de volta.

Pelo menos é nisso que estou apostando.

Então eu me sento em uma cadeira de pelúcia do lado de fora de seu escritório com seu pitbull Tony de guarda-costas na porta e tento tirar meu coração da garganta.

Ele não me faz esperar muito. Tacone chega e abre a porta para mim, a imagem de boas maneiras.

Eu limpo minhas mãos na minha saia jeans preta e entro.

— Ouvi dizer que você se formou. — diz Tacone educadamente. — Parabéns. — Ele acena para uma cadeira em frente à sua mesa e se senta.

Engulo o nó na garganta. — Obrigada. — Minhas mãos se emaranham no meu colo. Meus lábios estão muito secos. — Meu pai diz que é hora de nos casarmos. — eu deixo escapar.

O rosto de Tacone permanece inexpressivo, mas juro que vejo um músculo saltar em sua bochecha.

— Você está... — Eu chupo uma respiração. — Você está preparado para se casar comigo?

Atiro. Essa foi a coisa errada a se dizer. Agora eu o coloquei no local. Ele não pode dizer não sem ofender minha família.

Ele pisca para mim. — Jenna...

— Espere. — interrompo — Não quero saber a resposta para essa pergunta. O que eu quero dizer, é...

Ele está olhando para mim com olhos castanhos educados. Não há realmente nada de errado com este homem. Ele parece bem legal. Ele está além de bem. Definitivamente bonito.

Eu deveria *querer* me casar com ele. Especialmente considerando o quanto isso significa para o meu pai.

Mas eu sou uma filha má.

Eu quero o que não posso ter – Alex.

— Você consideraria me liberar do contrato?

As sobancelhas de Tacone sobem até a linha do cabelo. — Sim. — A palavra irrompe dele. Talvez eu esteja exagerando, mas imagino ouvir o alívio de vinte anos da mesma ansiedade que senti.

— Eu-eu não quero me casar com você. Sem ofensa.

Seus lábios se curvam. — Nenhuma ofensa. Seu pai sabe que você está aqui?

Meus ombros caem. — Sim, mas ele me enviou para te marcar em datas. Ele ainda quer que continuemos com isso.

Tacone passa a mão pelo cabelo grosso. — Também não falei com o meu. Eu provavelmente preciso voar e ficar cara a cara com ele. Certifique-se de que posso alisá-lo. Giuseppe não vai ceder?

Eu mordo meu lábio. — Não, mas talvez se ele soubesse que sua família estava cancelando...

Tacone suspira, a derrota aparecendo em sua expressão. Sim. Estamos de volta a onde estávamos quando crianças, com a organização de contrato de nossos pais e nossas opiniões inconsequentes.

Eu respiro fundo, meu coração martelando com o que estou prestes a dizer. — Eu poderia desaparecer por um tempo. Quer dizer, eu quero desaparecer. Vou mandar uma carta dizendo que não vou continuar com isso. Envio para nossos pais e para você. E então desapareço. Ninguém é culpado além de mim.

Ele esfrega a mandíbula, seu olhar astuto. — Ah. E você está aqui executando este plano por mim porque precisa de dinheiro para desaparecer?

Meu estômago dá um nó. Eu conheço os mafiosos. Melhor vir limpa. Fale tudo. Coloque as cartas na mesa e deixe que eles decidam o que fazer com você. — Sim. E eu queria ter certeza de que você não ficaria com raiva. Não quero começar uma guerra.

Ele fica quieto por um longo momento, simplesmente me observando. Meu pai estaria fazendo alguma coisa com as mãos - acendendo um charuto ou fumando. Não Nico Tacone. É difícil não se contorcer sob seu olhar direto. Finalmente, ele diz: — Nem eu. — Ele se levanta e caminha até um cofre. — Sim, vou bancar o seu desaparecimento. Eu não tenho nenhum problema com isso. Traga-me as cartas primeiro e eu lhe darei o que você precisar.

A sensação de asas voando em meu peito é diferente de tudo que já experimentei. É mais do que alívio. É liberdade.

Minha vida será minha para viver.

Minha, sozinha.

Eu vasculho minha bolsa e tiro três envelopes, já endereçados e selados, mas não lacrados. Eu os empurro sobre a mesa.

Os lábios de Tacone se contorcem quando ele os pega e lê um por um. Eles são idênticos, digitados, mas assinados à mão.

— Você precisa de uma nova identidade? Passaporte? Cartões de crédito?

Estou voando alto. Isso tudo é muito fácil.

— Sim, por favor.

Ele balança a cabeça e se levanta da mesa. — OK. Vou pedir ao Tony para arrumar para você. Ele também lhe dará dinheiro suficiente para começar. O que você precisar. Mas, Jenna?

Eu olho para ele. Sua expressão fica severa. — Não volte aqui. Não entre em contato comigo. Se precisar de algo, entre em contato com Tony. Ele vai te ajudar. *Capiche?* E certifique-se de que ele também possa falar com você. Avisarei quando o contrato for rescindido.

Eu fico. Realmente quero beijar o anel do cara agora e jurar minha fidelidade eterna. Só não quero jurar minha vida em seu leito conjugal.

— Obrigada, Sr. Tacone - Nico. Obrigada por ser tão compreensivo e generoso.

— O mesmo. — Damos um ao outro beijos na bochecha e ele abre a porta e fala em voz baixa com Tony, que acena com a cabeça e faz sinal para que eu me aproxime.

Eu dou um passo à frente, para o meu futuro. Minha liberdade.

A princesa da máfia perdeu a coroa.

CAPÍTULO TREZE

SONDRA

— Bom dia, Srta. Simonson. — o cara da segurança acena para mim enquanto eu saio do elevador. Recebo esse tratamento preferencial em todo o cassino agora. Dizem que sou a namorada de Nico. Sou acenada para frente da fila do Starbucks, minha bebida favorita já preparada para mim.

Quando saio no meio-fio, o manobrista já está com a Mercedes de Nico esperando por mim. Pego as chaves e finjo que dirigir uma Mercedes é uma coisa totalmente normal para mim.

É difícil não comer tudo. É difícil não me deixar aproveitar tudo o que significa ser A namorada de Nico Taccone.

Mas é um mundo de fantasia total. Se eu fosse ficar aqui por muito tempo, precisaria sair e fazer amigos, estar na natureza, construir minha própria vida.

No momento, porém, estou me permitindo aproveitá-lo. Nico enfiou um maço de dinheiro na minha bolsa esta manhã e me disse para ir comprar roupas. Seu primo Sal vai se casar esta tarde e fomos convidados. Quando perguntei o que vestir, ele me disse para comprar uma dúzia de roupas e deixá-lo escolher.

Homem tolo. Homem bobo, adorável e controlador.

Eu conheci Sal - ele é um dos caras com uma suíte no mesmo andar que Nico - mas não conversamos. Eu não sei nada sobre ele. Esta será a primeira vez que me envolverei com a família de Nico, o que sei que ele não queria.

Mas se eu sou realmente a namorada dele, não uma mulher mantida, eu deveria preencher essa lacuna. Descobrir se eu realmente poderia lidar com estar permanentemente ligada a um homem nascido em uma família do crime.

O que provavelmente significa que devo fazer algumas perguntas difíceis. Quão sangrentas estão suas mãos? Quão legal é o seu negócio? Porque, pelo que sei, ele administra um cassino totalmente lucrativo. Não tenho certeza de onde entra a parte ilegal.

Mas tenho certeza que está lá. E não sei se realmente quero saber as respostas.

Eu vou para a Saks da 5ª Avenida e começo a vestir roupas. É extravagante e ridículo, nunca gasto dinheiro com roupas para mim, mas o fato de ele ter me dado uma tarefa e querer escolher entre os resultados o torna um jogo divertido. Encho um carrinho com roupas e arrasto as coisas para o provador, dez peças de cada vez.

Duas horas depois, estou carregada com cinco sacolas gigantes de roupas, sapatos e uma jaqueta, volto para o cassino. O manobrista me cumprimenta como se eu fosse a princesa de Gales e o carregador insiste em carregar minhas sacolas de compras até meu quarto.

Nico entra alguns minutos depois sem bater.

— Como você sabia que eu estava de volta?

Seus lábios se contraem. — Pedi ao manobrista que me avisasse.

Eu ergo um quadril. — Nunca tenho certeza se devo ficar lisonjeada ou assustada com o quão controlador você é.

Nico enfia as mãos nos bolsos. É um sinal de inofensividade - ele não está avançando sobre mim pela primeira vez. — Eu sei que falo muita merda, baby. Eu gosto de fingir que sou seu dono. Mas eu nunca impediria você de fazer qualquer coisa que quisesse, mesmo que isso significasse sair daqui e nunca mais voltar. — As palavras parecem ter custado caro a ele, porque os músculos de sua garganta se contraem e um músculo pulsa em sua mandíbula.

Eu fecho a distância entre nós, pressiono meu corpo contra o dele. Seus braços fortes me envolvem. — Isso é tudo que eu preciso saber. — murmuro.

— Sondra — ele murmura, encostando sua testa na minha. — Você é uma em um milhão. A maneira como você sempre me considera como eu sou.

Eu engulo. Agora é a hora da conversa difícil. — Nico... conte-me o pior. Quem é você? No que você está envolvido? O que é que você fez?

Seus braços apertam em torno de mim e seu rosto fica pálido. — Preciso procurar uma escuta em você? — A piada é forçada e nenhum de nós sorri.

— Sinceramente, Sondra, eu não posso te dizer. Eu não diria a você nada que a colocasse em uma posição estranha ou perigosa - com minha família ou os federais. Não pense que não sei que você

tem um tio no FBI.

Eu ruborizo e empurro seu peito. — Você ainda acha que eu sou uma espiã?

— Claro que não. Não, não, não. Ouça. — Ele embala meu rosto. — O que motivou isso? Porque pergunta? — Desvio o olhar, mas ele vira meu rosto de volta. — Você está tentando descobrir se pode ficar?

Eu concordo.

Ele solta uma expiração longa e lenta. — Eu vou te dizer isso. Saí de Chicago porque não queria sangue em minhas mãos. Não queria passar minha vida olhando por cima do ombro para o próximo atirador ou Federal tentando me derrubar. Eu acreditava que as grandes corporações faziam o mesmo tipo de merda que minha família fazia nas ruas, em grande escala e é legal. E eu queria isso. Grande escala, negócio legal. Eu já sabia sobre jogos de azar, então vim para Las Vegas.

— Mas fui bancado pela família, o que significa que nunca poderei ser verdadeiramente livre. Eu lavo o dinheiro deles. Ainda emprego as táticas da velha escola de intimidação e medo quando necessário. Não assassinato. — ele balança a cabeça. — Sem drogas. Sem comércio de sexo. Nada mais ilegal. E se eu pudesse cortar laços e ser cem por cento legítimo hoje, eu o faria. Só não descobri como. — Ele acaricia meu rosto com o polegar. — Então agora você sabe. Isso é tudo. Bem, quase tudo. Eu tenho uma morte em minhas mãos desde quando fui criado. É um requisito. Isso me deixou doente e solidificou minha decisão de sair e nunca mais voltar. — Há uma oscilação em sua voz e eu me jogo contra ele, pressionando minha bochecha contra seu peito.

Quero dizer a ele que sinto muito por sua família, seu passado, mas como posso dizer isso sem negar quem ele é agora? Então eu apenas o abraço, mostro a ele que ainda estou aqui. Ainda do seu lado. Seja qual for o lado.



NICO

Foi em cima da hora, mas Sal conseguiu reservar uma capela

privada decente - não o tipo cafona de Elvis na rua. Entro no estacionamento da capela e desligo a Porsche que peguei para dirigir hoje. Saímos e eu acompanho Sondra até a porta. Ela está usando um par de jeans capri brancos justos com saltos rosa-dourado e uma blusa turquesa. Ela parece elegante e bonita.

Sal vai se casar com uma stripper que contratou há um ano. Ele está transando com ela desde então e decidi na semana passada, quando ela lhe disse que estava grávida, para tornar isso oficial. Ele me fez jurar segredo sobre sua antiga profissão, com a qual não tenho nenhum problema. Eu realmente gosto da garota. Ela é uma garota de Jersey, esperta, mas generosa. Ela se encaixará na família, será uma boa mãe para os filhos dele.

Não sei dizer se ganhei ou perdi alguma coisa com Sondra. Parece uma vitória, mas ela está quieta no caminho até a capela. Ela amoleceu, o que é sempre um presente dela para mim, mas quem sabe que conclusões ela vai tirar do que eu disse a ela. Que decisões ela tomará.

Vou honrá-los, sejam elas quais forem. Mesmo que me mate deixá-la ir.

— Nico! — Minha tia grita do estacionamento.

Paro e espero ela e mais duas primas chegarem. Meu tio, o marido dela, está na prisão perpétua, é por isso que coloquei Sal sob minha proteção quando me mudei para cá. Ela e as meninas voaram no meu avião esta manhã. — Tia Perla, esta é Sondra. Sondra, esta é a mãe de Sal, minha tia Perla, e suas irmãs, Genevieve e Kara.

Leo estaciona e Sal chega em seu próprio carro, parecendo atormentado e nervoso. — Onde está a noiva? — Eu falo.

Sua cabeça gira enquanto ele examina o estacionamento, o pânico queimando em seus olhos até que seu olhar pousa em um mustang vermelho estacionado na frente. — Ela está aqui. Ela e as amigas chegaram mais cedo.

Ele abraça a mãe e as irmãs, aperta minha mão, dá um beijo na bochecha de Sondra e dá um tapa nas costas de Leo.

— Sal, esta não é uma igreja católica. — reclama a mãe. — Não acredito que você vai se casar em uma capela não-denominacional.

— Eu sei, mãe. Essa foi o melhor que consegui em curto prazo.

Tia Perla funga e eu seguro a porta aberta. Todo o grupo entra e caminhamos por uma área interna até um pátio nos fundos com um conjunto de pedras falsas e uma cachoeira caindo em cascata no centro.

— Isso é bonito. — Sondra murmura educadamente.

Acho que o formato das rochas meio que parece nádegas, mas fico de boca fechada.

O oficiante nos orienta a sentar nas cadeiras dobráveis de plástico, vestidas com saias de tecido e uma música de órgão enlatada começa a tocar. A noiva chega com suas duas damas de honra - também strippers, eu suspeito - e elas encontram Sal na cachoeira da nádega.

Graças a Deus, o oficiante o mantém curto e doce. Seguro a mão de Sondra durante a cerimônia e tia Perla ainda tem a graça de chorar um pouco.

— E agora eu gostaria de convidar todos vocês para um jantar de comemoração no restaurante italiano Scordetto. — anuncio.

— É um restaurante no seu cassino, Nico? — pergunta tia Perla.

Eu balanço minha cabeça. — Não, Sal não quer celebrar seu casamento no local onde trabalha. Aluguei um bom restaurante para passar a noite. Venha, vamos.

— Isso foi gentil da sua parte. — Sondra murmura enquanto eu a conduzo para fora.

— O mínimo que eu poderia fazer. — Abro a porta do carro e a ajudo a entrar. A verdade é que já estou ficando com coceira por misturar família com Sondra. Mais tarde, eu pensaria que era meu instinto me alertando, mas tudo que penso agora é como eles devem parecer pouco educados e refinados para ela. É uma merda ter vergonha das minhas raízes, mas acho que me levantei bem longe de onde vim. Eu esqueço o quão longe até momentos como estes.



SONDRA

Nico parece distraído e desconfortável quando chegamos ao restaurante, eu simpatizo totalmente. Quem não se contorce em reuniões de família?

Vou para o banheiro feminino e quando saio do reservado, ouço a tia de Nico e Sal conversando no corredor do lado de fora.

— Então, qual é a história com a namorada de Nico?

Eu congelo, minha mão na porta para abri-la.

— Sim, ela é legal. Faz ele feliz. — Sal responde.

— Sim, mas e a noiva? Ele ainda não está noivo de Jenna Pachino?

Jenna Pachino. Eu sabia!

Eu fico gelada e quente ao mesmo tempo. Meu estômago cai para os meus pés no chão.

Oh, meu maldito Deus. Eu sabia que a história dele não batia. A maneira como ele não me apresentou quando ela apareceu no cassino. Ela é a porra da *noiva* dele?

Este é o meu padrão. Idiotas traidores. Mesmo quando sei que estão mentindo, ainda quero acreditar. E desta vez? Desta vez, acho que nunca vou me recuperar.

Afasto-me da porta, tremendo como alguém que entrou em estado de choque.

Oh sim. Eu entrei em choque. De alguma forma, consigo pegar meu telefone. — Corey? — Porra, eu já estou chorando.

Minha prima deve ouvir tudo na minha voz. — O que está errado?

— Eu preciso que você me pegue no Scordetto. Por favor, venha rápido.

— Eu estarei lá. Você está segura? Ferida?

— Estou bem, só preciso sair daqui imediatamente.

Ouçoo uma porta bater. — Já estou a caminho. — ela promete.

Espero com o ouvido colado na porta até ter certeza de que não há ninguém do lado de fora antes de sair. O grupo está reunido na sala dos fundos, pedindo bebidas, então posso sair pela porta da frente sem que ninguém me veja. Eu me esgueiro pela lateral do

prédio como uma criminosa e espero. Parecem horas, mas provavelmente não passam mais de dez minutos para o carro de Corey entrar cantando pneus no estacionamento.

Eu corro para ele, assim que Nico sai.

— Sondra! — ele grita quando eu abro a porta do carro. — Espere! Onde você está indo? — Ele corre em direção ao carro.

— Saia daqui! — Eu soluço para Corey.

Ela pisa no acelerador, mas Nico se joga na frente do carro, forçando Corey a pisar no freio.

— Sondra! O que aconteceu? — Ele corre para o meu lado do carro.

— Onde está sua noiva, Nico? Por que você não a trouxe hoje?

Se eu tinha alguma dúvida de que a noiva era real, ela se evaporou quando vi Nico ficar imóvel.

— Vá embora. — digo a Corey.

— Espere! — Nico avança para o carro enquanto Corey dispara. — Deixe-me explicar.

Eu mostro o dedo do meio para ele e saímos do estacionamento.

E então eu sou uma bagunça soluçante. — Eu escolhi outro trapaceiro. Você acredita nisso? Eu realmente não posso.

Corey me lança um olhar preocupado. — Sinto muito, Sondra. Ele merece morrer.

— Bem, eu não iria tão longe. — eu digo, espalhando lágrimas em minha bochecha com as costas da minha mão.

Meu telefone toca com uma mensagem de texto chegando. Eu sei que é de Nico, mas sou muito estúpida para não olhar.

Não vou me casar com Jenna. Eu mal a conheço. Foi um contrato feito por nossos pais quando éramos crianças. Ela veio aqui para me pedir para ajudar a liberá-la, o que estou fazendo. Nunca pretendi me casar com ela. Eu só quero estar com você.

Eu leio em voz alta para Corey, que aperta os lábios. — Bem, ele deveria ter contado a você sobre isso, então.

Meus soluços silenciam. Acho que realmente acredito nele, o que pode ser uma loucura total. — Sim, ele deveria ter. — Não importa, no entanto. Tudo o que sei é que não posso confiar em meu próprio julgamento com esse cara.

Eu bloqueio o número dele no meu telefone.

— Para onde? — Corey pergunta.

— Casa.

— Meu lugar?

— Não. Michigan. Eu quero ir para casa. Leve-me ao aeroporto.

CAPÍTULO QUATORZE

NICO

Eu estou ficando louco.

Não consigo fazer a porra da prima dela falar – me dizer onde ela está. Pelo menos não com nenhum método não violento de persuasão, e obviamente não vou forçá-la. Tenho um cara vigiando a casa de Corey, mas ela não parece estar lá. Ela também não apareceu em nenhuma câmera do cassino.

Minha garota se foi.

Embora todo esse tempo eu soubesse que era errado para ela, não suporto saber que a machuquei. Eu pressionei uma faca direto em seu ponto fraco e a deixei se sentir traída novamente.

É imperdoável.

E essa é a parte que tenho que consertar. Não posso deixá-la sair desta coisa ferida. Eu nunca quis isso. Fui egoísta - eu me permitia ficar perto dela. Deixei-me levar pelo prazer que ela me trouxe. Mas assim que a convenço de que era verdade, preciso deixá-la ir.

É a única maneira de consertar tudo isso.



SONDRA

Estou na cama com as cobertas sobre a cabeça pelo terceiro dia consecutivo. Minha mãe já esteve aqui uma dúzia de vezes para me persuadir a sair, mas não estou aceitando.

— Apenas deixe-me descansar. — digo a ela. — Eu preciso dormir.

Meu telefone toca e eu ignoro. Um texto chega. Eu ignoro isso. Ele toca novamente.

Eu olho para a tela.

Corey.

Eu peguei. — Ei. — Mesmo para meus próprios ouvidos, minha voz soa mais pesada que chumbo.

— Acho que a história de Nico é verdadeira. — diz Corey.

Meu estômago, nervoso e vazio na dieta de depressão de algumas mordidas de frutas e torradas, se contrai.

— Ele falou comigo. Encurrelei o primo dele, Sal, e até perguntei àquele tal Leo e seu guarda-costas Tony. Todos eles tinham a mesma história. Compromisso de infância que nunca foi cumprido. Na verdade, Tony diz que deu dinheiro para ela desaparecer enquanto Nico resolve as coisas com o pai dela. — Sua voz diminui. — Ele também diz que Nico está um desastre total. Não dormiu desde que você saiu.

— Por que você está me contando isso? — Se há pânico em minha voz, é porque passei os últimos três dias me conformando em nunca mais ver Nico. Agora Corey está abrindo a porta que tenho tentado tanto manter fechada.

— Eu apenas pensei que você deveria saber. Ele ainda deveria ter contado sobre a situação da noiva, mas com o seu passado, talvez você tenha tirado a pior conclusão. Ele não estava enganando você, Sondra.

Eu jogo as cobertas, de repente muito impaciente para estar na cama. — Não importa. Não é como se eu fosse me casar com ele, de qualquer maneira. Um final teria sido inevitável. Então agora está feito. — Vou para o banheiro, a necessidade de um banho esmagadora.

— Não sei. Acho que você estava pensando se poderia ficar com ele por muito tempo. E essa é uma questão diferente. Não tenho certeza se você deve misturar as duas situações.

— Você está seriamente do lado dele agora? — Eu rosno.

— Não! Estou totalmente do seu lado. Eu apoio você, não importa o que você decida. Mas não acho que você deva escolher com base nos sentimentos que surgiram porque pensou que ele estava trapaceando. Tenho certeza de que não.

Fico parada no banheiro, o telefone pressionado com muita força contra minha orelha. — OK. Obrigada.

— Você está bem?

— Não. Mas eu estarei. — Desligo e tomo um longo banho. É hora de voltar ao mundo dos vivos.

Tenho algumas decisões a tomar.

CAPÍTULO QUINZE

NICO

Meu investigador particular encontrou uma passagem de avião em nome de Sondra para Michigan na noite do casamento. Alugo um carro em Detroit e dirijo uma hora e meia até Marshall. Estou usando um par de jeans e uma camisa de botão de manga curta. É minha tentativa de remover a máfia da minha aparência. Descobrir como pelo menos passar pela porta da frente dos pais de Sondra.

Fui baleado. Tive a merda fora de mim. Fiz negócios milionários. Nada me fez suar tanto.

Acho que só tenho uma chance nisso, e não sei se consigo. Quando chego a Marshall, paro para comprar flores, mas decido que são clichês demais. Sondra não precisa de flores ou dinheiro de mim. Ela precisa... Não sei do que ela precisa, mas suspeito que, de alguma forma, esteja desnudando minha alma.

O que estou disposto a fazer.

Eu apareço na casa dos pais dela e toco a campainha. Uma linda mulher de cinquenta e poucos anos atende a porta. Ela está com um sorriso expectante, que desaparece quando ela olha para o meu rosto. — Você deve ser Nico. — diz ela. Há desapontamento e julgamento em sua voz. Eu definitivamente tenho meu trabalho cortado para mim.

— Sim, senhora.

Um homem que deve ser o pai de Sondra aparece atrás dela.

Bem, é hora de comer torta da humildade. — Sei que machuquei sua filha, mas estou aqui para consertar isso. Eu só gostaria de uma chance de falar com ela.

— Ela não está aqui. — diz a mãe.

Meu peito aperta. Vou chamar de besteira? Eu sei que ela veio para Marshall. — Onde...

— Ela foi passear. — A mãe dela levanta o queixo em direção à calçada atrás de mim.

— Oh. — Alívio derrama através de mim. Cada célula do meu corpo quer correr para aquela calçada e segui-la por toda a cidade até

encontrá-la. Mas ainda nem venci a batalha com os pais dela.

— Posso entrar?

Aparentemente, eles são muito simpáticos do meio-oeste para me recusar a entrar. A mãe abre a tela e os dois se afastam da porta. Entro em sua doce casa de classe média e me sento quando o pai dela me acena para o sofá. Ele pigarreja e me oferece algo para beber, o que eu recuso.

— Quero que vocês dois saibam que estou falando sério sobre sua filha. Claro, vou honrar a decisão dela, mas eu a amo e quero passar o resto da minha vida com ela. Ter uma família, até. — Minha voz engasga um pouco e eu a limpo. — Vou cuidar bem dela. E vou apoiar a carreira dela cem por cento. Ela é uma mulher inteligente e talentosa, e sei que terá sucesso em tudo o que tentar.

A tensão desapareceu de seus pais. Não sei se os conquistei, mas pelo menos os abrandei. É um começo.

— Bem, eu realmente não sei o que aconteceu entre vocês dois, mas Sondra está com o coração partido...

— Mãe.

Eu fico de pé ao som da voz de Sondra. Ela está do lado de fora da porta de tela. Esqueço de esperar por um convite enquanto caminho até a porta da frente e a abro. — Sondra.

Ela está pálida. Olheiras sob seus olhos estragam seu belo rosto. — O que está acontecendo? — ela exige. Ela me dá uma varredura de cima a baixo de seus olhos. — E o que você está vestindo?

— Estou tentando me encaixar. — murmuro e saio da casa. — Posso caminhar com você? Ou você gostaria de dar uma volta? — Meu cérebro acelera, tentando pensar em algo mais atraente para oferecer, mas ela diz: — Sim, tudo bem.

O alívio quase me deixa de joelhos. — Andar ou dirigir?

Ela olha para o carro alugado, o Ford Explorer foi o melhor que consegui e ergue as sobrancelhas. — Vamos andar.

— OK. — Eu pego a mão dela, não tenho certeza se ela vai me livrar, mas ela me deixa. A dela é úmida e fria. — Sondra, eu nunca fodi com você ou qualquer outra mulher. Você precisa saber disso.

— Eu sei.

Meu passo vacila. Ela parece tão quieta, tão certa. — Você faz?

— Sim. Corey conversou com Tony, Sal e Leo. Todos disseram a mesma coisa que você.

— Eu deveria ter contado a você sobre o problema. Para ser sincero, passei toda a minha vida mantendo isso debaixo do tapete, onde não precisava pensar nisso. Um dilema para amanhã... entende o que quero dizer?

Ela olha para mim e juro que vejo simpatia na suavidade de seus olhos. Eu respiro fundo e avanço. — Jenna Pachino veio para Las Vegas porque seu pai a mandou para me forçar, mas ela não quer fazer parte desse casamento arranjado. Combinamos que ela deveria fugir por um tempo até eu resolver as coisas. Dei-lhe dinheiro para desaparecer. Isso é tudo que há entre nós, juro por *La Madonna*. Isso é o máximo que já conversamos. A única vez que estivemos sozinhos em uma sala juntos. Antes disso, evitávamos um ao outro como uma praga.

— Eu não quero mais falar sobre ela, Nico.

Meu coração para. Reinicia de forma desigual. Eu paro e a viro de frente para mim, seguro sua outra mão como se fôssemos noivos no altar. — Você quer falar sobre nós?

Ela acena com a cabeça. — Eu ouvi o que você disse aos meus pais. — Sua voz está embargada.

Minha garganta fecha. — Eu quero me casar com você, *amore*. Eu quero descobrir como fazer isso funcionar. E é complicado pra caralho. Você poderia... — eu respiro fundo. — Você me quereria se eu não tivesse nada? Sem cassino, sem família?

Surpresa brilha em seus olhos. Ela lambe os lábios. — Você poderia criar tudo de novo. Você poderia criar qualquer coisa.

Agora estou surpreso. Eu esperava resistência, grande convencimento. Ela está pegando leve comigo.

— Isso significa que você está considerando? Você está disposta?



Eu não sabia o quanto eu iria querer que Nico me abraçasse. Prometer a lua e o sol ou talvez apenas assumir o controle e me levar. Diga-me que sou dele e ele está me amarrando na cama até eu jurar.

Mas eu tenho que ser forte agora. Eu tenho que ser uma menina grande e escolher por mim.

— Eu não sei. — eu sussurro.

Nico cai de joelhos, bem ali na calçada. Lágrimas borram minha visão. — Eu preciso de você, Sondra. Eu não tinha um propósito de vida antes de te conhecer. Você trouxe luz onde só havia escuridão. Você me dá - me recebe sem paredes. Não sei como você consegue, mas não consigo viver sem você.

— Levante-se, Nico. — murmuro entre os lábios trêmulos. Eu tento puxá-lo de volta para seus pés. Lágrimas rastreiam minhas bochechas.

— Nem sei o que posso te oferecer, mas prometo que será tudo o que tenho. Tudo.

— Sim. *Sim*. Nico, eu quero você.

Ele cai para trás e me arrasta para seu colo. As pessoas que passam olhando para nós como se fôssemos lunáticos e eu não dou a mínima. — Você me quer? — Sua voz está rasgada, quebrada.

Eu seguro seu rosto entre minhas mãos. — Sim. Eu faço.

A dureza volta ao seu rosto, mas não é assustadora, é emocionante. Porque é determinação e força de aço. A mesma força que me faz tremer toda vez que ele olha para mim.

— Case comigo?

— Sim.

Ele me pega e nos coloca de pé. — Bom. — Ele segura minha mão e começa a me puxar em direção a minha casa. Seus ombros estão retos, seu andar rápido, como se ele estivesse indo para a batalha. — Há apenas uma ruga importante para resolver. Depois disso, tenho certeza de que descobriremos o resto juntos. OK, baby?

— Sim. OK.

Chegamos à frente da minha casa e ele vai direto pro carro. —

Eu já tenho uma sacola com suas coisas – do cassino. Vá se despedir de seus pais. Diga a eles que vamos comprar um anel e entraremos em contato com a data do casamento.

Ele pisca para mim e se inclina contra o veículo.

Não me importo de vê-lo restaurado ao seu eu arrogante e mandão. Na verdade, eu até amo isso, tanto quanto aprecio saber que ele se humilhou diante de mim.

Nico Taccone, o homem poderoso que precisa de mim.



SONDRA

Nico está quieto no caminho e não diz para onde estamos indo. A princípio, acho que estamos dirigindo para Chicago, até que finalmente paramos em um Instituto Correccional Federal em Pekin, Illinois, percebo que estamos visitando seu querido pai.

Nico se vira para mim no veículo depois que estacionamos. — Juro por Cristo, nunca mais pedirei isso a você. Mas eu quero que ele conheça você. Vou tentar obter sua bênção para nossa união.

Os nervos vibram na minha barriga, mas eu aceno.

Ele acena de volta e nós saímos. — Estou na lista de visitantes aprovados. Tenho um contato que deve ser lubrificado o suficiente para nos deixar passar. — Caminhamos até a área de check-in e vejo Nico fazer contato visual com um cara que vem apressado para frente. Há um breve intercâmbio, de repente, estamos na frente da fila, sendo revistados em busca de armas e escoltados até a área de visitantes.

Don Santo Taccone entra vestindo seu uniforme laranja da prisão. Ele é uma versão mais velha de Nico, mas sem nada da vida em seus olhos. Eles são esferas frias e duras, quando passam por cima de mim, um calafrio de morte percorre minha espinha.

Nico pega alguns livros de bolso - já conferidos pelos guardas - e os enfia sob a divisória de vidro.

O pai nem olha para eles. Em vez disso, ele olha para mim. Duro. — Quem é ela?

— A minha noiva.

Suas sobrançelas tremem. — O inferno que ela é.

— Eu não estou pedindo.

Meu estômago se contorce em um nó. Estou suada e com frio, com medo de Nico. Assustada por nós.

Os olhos de seu pai se estreitam e ele muda seu foco para Nico. — Você a escolheria em vez da família?

Nico pisca rapidamente, então acena com a cabeça.

Don Santo dirige sua atenção para mim, olhando-me de cima a baixo novamente criticamente. — Por quê?

Nico engole. — Ela é... a peça que faltava para mim. Eu preciso dela.

— Você não toma decisões que afetam toda essa família. Só eu faço isso. Você não é nada sem nós. — ele cospe.

Nico nunca pareceu tão sombrio. — Talvez não. Mas eu ainda a teria.

Seu pai se levanta e sai.

Eu quero vomitar. Não sei o que Nico esperava dessa reunião, mas de alguma forma não acho que tenha saído conforme o planejado.

Levantamos e vamos embora. Nico não fala até que estejamos no veículo.

— Então, agora? — Eu pergunto, minha voz trêmula.

Nico não olha para mim. Seu rosto é uma máscara dura quando ele liga o carro, olhando para a frente. — Então agora ou está tudo bem ou haverá problemas.

Engasgo com minha própria saliva. — Que tipo de problema?

Ele pega minha mão e a aperta. — Nada vai acontecer com você. Isso é apenas entre a família.

— Nico. Q-quanto tempo até que as coisas estejam resolvidas?

— Ah, muito em breve. Eu não daria mais do que quarenta e oito horas.— Ele pega a saída em direção a Chicago. — Então vamos deixar as coisas cozinhar. A resolução sairá em breve. Enquanto isso, vou comprar para você a porra do maior diamante da Cidade do

Pecado.

— Eu não preciso de um diamante. — murmuro, o medo apertando meu coração.

Não me arrependo de ter escolhido Nico. Não depois do que acabei de ver. Ele está disposto a se separar de toda a família por mim. Mas definitivamente estou com medo. Totalmente fora do meu elemento.

— Você está ganhando um diamante. — O humor de Nico parece melhorar. — Você vai me deixar mimá-la desta vez.

Seu amor parece me envolver e apertar. — Ok. — murmuro. O que quer que o faça feliz.



Acabamos encontrando um diamante em forma de pera na Tiffany. Quando voltamos para o Explorer, três caras estão encostados nele, os braços cruzados em posturas de durões. Nico fica rígido, mas seu passo só vacila por um segundo.

— Me dê as chaves. — um deles ordena. Ele se parece com Nico, mas mais velho.

Nico joga as chaves para ele.

Seu irmão - presumo que seja seu irmão - bate no controle remoto para destrancar as portas e os outros dois caras abrem as portas. — Entrem.

Nico me ajuda a sentar no banco de trás e desliza ao meu lado.

— Coloque-a no seu colo. — um dos caras rosna enquanto eles nos colocam no banco de trás. Um deles tem uma arma apontada para nós.

Seu irmão vasculha o porta-luvas e embaixo do assento. — Você não trouxe um pedaço? — Há um tom de zombaria em sua voz, como se Nico tivesse sido pego com as calças na mão.

— Eu não. — Nico confirma.

Seu irmão olha no espelho retrovisor. — Que porra você está vestindo?

Nico não responde. O irmão dele dirige o carro, quando saímos da cidade, um dos caras mostra duas vendas, que amarra em nossas cabeças. Eu estava moderadamente assustada antes. Agora estou pronta para me mijar.

O Explorer diminui a velocidade e arranca no que deve ser uma estrada de terra. Ouço outro veículo seguindo atrás de nós. Os braços de Nico envolvem minha cintura com força, como se, ao me segurar, ele fosse capaz de me proteger do que quer que estivesse para acontecer.

Nós paramos. O carro atrás de nós também estaciona. Minha venda é retirada, mas a de Nico não.

Um quarto cara sai de trás do volante de um Range Rover preto. As portas se abrem e nos arrastam para fora. Seu irmão me restringe. Um dos outros caras pega uma corda e amarra os pulsos de Nico nas costas, então eles o forçam a ficar de joelhos.

E então eles se revezam para socá-lo no rosto.

— Nico! — Eu grito, lutando contra o aperto de seu irmão.

Nico tenta se levantar. — Junior, você toca um fio de cabelo na cabeça dela...

— Eu não estou a machucando. — Junior quase soa divertido. — Eu só estou a restringindo.

É verdade. Suas mãos são enormes, como as de Nico, mas ele não agarrou com força. Ele envolveu meus braços em volta da minha cintura para me conter, segurando-me com pouco esforço.

Nico se acalma um pouco.

— Esta é a garota pela qual você está disposto a desistir de tudo? — seu irmão pergunta. Um dos bandidos dá um soco no rosto de Nico novamente e gotas de sangue voam de sua boca.

Eu grito.

— Sim.

— Tudo? Acha que ela ainda vai querer você quando for pobre?

— Eu o quero, apenas deixe-o ir... — Eu bato minhas pernas ao redor, tentando me soltar.

— Você não pode ficar com ela se estiver morto. — Toda a

diversão deixa sua voz - a ameaça fria paira ameaçadoramente imóvel no ar.

— Não. — eu grito. — Não o mate. Vou deixá-lo sozinho. Eu vou embora. Por favor... me desculpe. Deixe ele ir. Eu não vou interferir.

Nico não se mexe. Ele fica de joelhos, cabeça erguida, imóvel, mesmo quando os bandidos o socam nas costelas.

— Hum? Você prefere estar morto a viver sem ela?

Nico cospe sangue de seus lábios. O inferior está partido. Ele concorda. — Sim.

— Nããão. — eu grito. Ele ecoa pelas árvores. Minha garganta raspa.

Isso é tudo minha culpa. Ele fez isso por mim. Eu não tinha ideia do que isso custaria a ele. O que ele estaria arriscando.

Junior engatilha a arma e aponta para minha cabeça. — E se eu a matar também?

O rosto de Nico se contorce sob a venda, a raiva distorcendo suas feições. Nunca o vi parecer tão horrível. Ele tenta se levantar. Os dois soldados agarram seus ombros e o empurram de volta para baixo, dando socos em seu estômago desprotegido.

— Eu vou destruir tudo que você já amou. — Nico rosna.

Junior dá uma risada melancólica. — Isso seria difícil de fazer do túmulo.

— Acredite. — Nico cospe.

Junior me solta. — Eu acredito nisso. — Ele levanta o queixo para os capangas, que se afastam abruptamente de Nico. Junior se aproxima e tira uma faca do cinto.

— Não, por favor! — Corro para a frente e lanço o braço para o braço de Junior, mas um dos soldados me pega pela cintura primeiro.

— Calma com ela. — adverte Junior.

Calma comigo? Meu cérebro luta para entender o porquê, mas então Junior passa por Nico e usa a lâmina para cortar a corda que amarra suas mãos.

— Onde está Jenna Pachino? — Junior pergunta.

— Eu dei dinheiro para ela sumir por um tempo. Tony vai avisá-la quando as coisas estiverem resolvidas.

— Elas estão resolvidas. Falei com o Velho Pachino. Temos uma nova aliança. Você está fora de perigo.

Junior segura o rosto de Nico com as duas mãos e o põe de pé. Ele arranca a venda e beija o irmão em cada bochecha. Então ele se vira e caminha de volta para o Range Rover deles. Acho que o ouvi murmurar: — Bem-vinda à família. — enquanto passo correndo por ele para Nico.

Nico abre os braços e me pega neles.

Eu choro, apertando-o com todas as minhas forças.

— Calma, baby. Não tão apertado.

Oh, Cristo. Eu me afasto. Ele provavelmente quebrou as costelas. Machucado, com certeza.

As portas do carro se fecham - todos os quatro homens entraram no Range Rover, deixando-nos sozinhos.

— Está tudo bem, venha aqui. — Ele me puxa contra ele, beijando o topo da minha cabeça. — Você está machucada?

— *Eu?* — Eu guincho.

— Você está? — Sua voz fica mais aguda, como se houvesse um inferno a pagar se eu fosse.

— Não, de jeito nenhum. — Respiro fundo contra ele, minhas lágrimas umedecendo sua camisa manchada de sangue.

Seu grande corpo relaxa. Ele esfrega minhas costas e acaricia meu cabelo. — Tudo vai ficar bem.

— Isso é? O que está acontecendo?

— Foi um teste. Ou talvez um acerto de contas. Um pouco dos dois, eu acho.

Eu inclino minha cabeça para cima, piscando meus cílios molhados para ver seu rosto machucado. — Um teste? Você sabia disso?

Ele dá de ombros. — Eu tinha cerca de sessenta por cento de certeza.

Sessenta por cento de certeza de que ele não morreria por

mim.

Meus joelhos vacilam e eu me inclino para ele. — Então você passou?

Nico ri com os lábios sangrentos. — Sim, baby. Está tudo bem. Nós vamos nos casar. Você vai redecorar o Bellissimo. Meu irmão mais novo, Stefano, vai me ajudar a administrar o cassino e vou concentrar minhas horas em fazer você feliz.

Eu aninho meu rosto em seu peito. — Já estou feliz. — murmuro.

E é verdade. Estou definitivamente abalada com o que acabou de acontecer, mas em vez de mudar de ideia sobre vincular minha vida à de Nico, seu total e completo compromisso comigo o solidificou. Eu entendo que ele faz parte de um mundo que não é bonito, mas ele faria qualquer coisa por mim. Até mesmo desistir de sua vida.

Então, tenho fé que descobriremos o resto.

EPÍLOGO

ALEX

Aceito outra taça de champanhe e bebo de um só gole. Da minha posição contra o pilar central, tenho uma visão de toda a recepção.

Estou surpreso que os Tacones tenham se empenhado no casamento de Nico, considerando o que isso significa para a família Pachino. Acho que Junior Tacone arranjou alguma coisa com Don Guiseppe, mas parece um tapa na cara, se você me perguntar.

Claro, ninguém me perguntou.

O casamento será em um dos melhores hotéis de Chicago - andar superior, janelas de parede a parede com vista para a cidade e o Lago Michigan. A noiva é doce - não do tipo que eu imaginaria que Nico escolheria, mas bonita, se você gosta daquele tipo de loira generosa. A família dela veio de Michigan - um bando de nerds de cidade pequena, com exceção de sua dama de honra, uma ruiva de pernas compridas que parece que poderia se virar com qualquer um dos nossos. E, se estou lendo bem a linguagem corporal, ela pode já estar envolvida com o irmão mais novo de Nico, Stefano.

Nico dança com sua mãe, sua noiva com seu pai. É tão doce que faz meus dentes doerem.

É claro que ouvi dizer que Nico levou uma surra por querer rescindir o contrato, embora tenha sido Jenna quem fugiu. Também ouvi dizer que Nico pode ter bancado o desaparecimento. Eu estive esperando por permissão para verificar esse fato.

Porque cada maldito dia que aquela garota está desaparecida me deixa ansioso para abrir outro buraco na minha parede. Não suporto não saber se ela está segura ou com problemas. Se ela precisar da minha ajuda.

O fato de ela ter ido a Tacone em busca de ajuda me mata, mas acho que faz sentido. Ela precisava dele para matar o contrato de casamento. Acho que, por esse motivo, devo ser grato a Tacone.

Mas eu não sou.

Eu quero matar o bastardo por saber algo sobre Jenna Pachino que eu não sei.

Don G se aproxima e me oferece um charuto. Eu aceito, embora não goste muito deles. Isso deixa o velho feliz, isso faz parte do meu trabalho.

— Está na hora. — ele diz asperamente.

Não me lembro de ter recebido um trabalho. — Para quê?

— Para trazer minha filha de volta.

Meu coração acelera.

— O garoto Tacone sabe onde ela está. Descubra. Vá até ela. Endireite-a. Traga-a para casa para mim. Ela já interpretou a filha desobediente por muito tempo.

Obrigado porra.

Eu me afasto do pilar. — Vou garantir que seja feito.

— Eu sei que você vai. É por isso que eu ordenei a você.

Eu dou uma olhada para ele. Jenna Pachino esteve fora dos limites por toda a minha vida. Bem, toda a sua vida, já que sou seis anos mais velho. O que quero dizer é que nunca me permitiram olhar para a garota, muito menos me entregar ao tipo de fantasias nas quais quero que ela desempenhe um papel de protagonista.

Então, quando Don G diz que me pediu, em particular, para este trabalho, não sei dizer se ele está me avisando para cuidar de mim e manter minhas mãos longe dela, ou se ele está me dando permissão para cortejá-la.

Eu sei de uma coisa: quando eu encontrar Jenna Pachino, vou tomar meu tempo com a direttriz de endireitá-la antes de trazê-la para casa.

Porque, na minha opinião, Jenna Pachino sempre me pertenceu.

FIM

Notas

[←1]

Remédio utilizado para alívio de diarreia, azia, indigestão, gases etc. A embalagem é rosa fluorescente.

[←2]

Menina, garota.

[←3]

Pequena, pequenina.

[←4]

Entendeu.

[←5]

Referência aos Cavaleiros de Jedi do filme Star Wars, que possuíam a habilidade de controlar a força.

[←6]

Idiota.

[←7]

Filho da puta.

[←8]

Alguém ou algo maravilhoso, notável.

[←9]

MDMA. Popularmente conhecido no Brasil como MD, é também utilizada na fabricação de ecstasy.

[←10]

Sim, senhor.

[←11]

Obrigado, irmão.